

Celso Ferrarezi Junior

**NAS ÁGUAS DOS ITENÊS: UM ESTUDO SEMÂNTICO
COM A LÍNGUA MORÉ**

Dissertação apresentada
ao Curso de Lingüística do
Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas
como requisito parcial para
obtenção do título de
Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1997



97-0-1943

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	I/UNICAMP
	F412n
V.	
TEMPO L.	30070
PREÇO	281/97
	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO R.B.	11,100
DATA	10/05/97
Nº CPD	

CM-00099117-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

F412n

Ferrarezi Junior, Celso

Nas águas dos Itenês: um estudo semântico com a língua moré. / Celso Ferrarezi Junior.

- - Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Rodolfo Ilari

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Línguas indígenas. 2. Índios da América do Sul - Brasil - linguagem. 3. Línguas indígenas - semântica. I. Ilari, Rodolfo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

A partir desta Dissertação de Mestrado, os estudos com a língua moré têm evoluído rapidamente, em especial no que concerne à estrutura gramatical desta língua. Aos interessados, teremos prazer em prestar mais informações, bem como em fornecer, a preço de custo, exemplares do artigo: ANGENOT, J.P. & FERRAREZI Jr., Celso. (1997) "A descoberta de Línguas 100% Isolantes: A família Chapakura da Amazônia". Guajará-Mirim, CEPLA Working Papers on Linguistics, 38pp, que descreve com detalhes a estrutura gramatical do moré e do wari, línguas da família Chapakura. Contatos pelo endereço:

CELSO FERRAREZI JUNIOR
Av. Treze de Setembro, 1578
Serraria, Guajará-Mirim, RO
CEP 78957-000
Tel. (069) 541-3650

Banca Avaliadora



Prof. Dr. Rodolfo Ilari - Orientador



Profa. Dra. Maria Bernadete M. Abaurre



Prof. Dr. Angel Corbera Mori

Este exemplar é a redação final da tese

defendida por Elisa Ferrarezi

Júnior

e aprovada pela Comissão Julgadora em

07, 03, 97

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

À Rosilene e ao Lucas

Agradecimentos

A [rɔ: ʔaβʷin kʰuti?], Deus
Pai.

A [tɔβa: saɛ: paraɟ] , ancião
moré.

Ao amigo de jornada Dr. Jean-
Pierre Angenot.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	9
1. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	25
1.1. BOAS: CLASSIFICANDO EXPERIÊNCIAS	26
1.2. SAPIR: A INTERAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES PSÍQUICAS E OS MODELOS CULTURAIS	29
1.3. WHORF: A LINGUAGEM INFLUENCIANDO PENSAMENTOS E ATITUDES	33
1.4. REINTERPRETAÇÕES DAS PROPOSTAS DE BOAS, SAPIR E WHORF	42
1.5. LINGUAGEM E CONSTITUIÇÃO DOS SIGNIFICADOS	48
1.5.1. FRANCHI E A CONSTITUTIVIDADE	49
1.6. A HIPÓTESE DA INTERINFLUÊNCIA ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA	64
2. INFORMAÇÕES SOBRE O POVO MORÉ E SOBRE O INFORMANTE PRINCIPAL	67
2.1. INFORMAÇÕES SOBRE O POVO MORÉ:	69
2.1.1. POPULAÇÃO E PACIFICAÇÃO:	69
2.1.2. INFORMAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE E ALGUNS COSTUMES:	74
2.1.3. INFORMAÇÕES SOBRE A LÍNGUA:	77
2.1.3.1. Estudos Lingüísticos Anteriores com a Língua Moré:	79
2.1.4. INFORMAÇÕES SOBRE D. MANOEL SAEZ PARAY, O INFORMANTE PRINCIPAL:	82
3. CLASSIFICAÇÃO DO MUNDO NATURAL : CATEGORIAS NATIVAS DO MORÉ E SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA	85
3.1. PRINCIPAIS CATEGORIAS NATIVAS PARA ANIMAIS E VEGETAIS NA CULTURA MORÉ	94
3.1.1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA NO MEIO AMBIENTE	95
3.1.1.1. ecozona 1 : copas das árvores	97
3.1.1.2. ecozona 2 : solo firme	99

3.1.1.3. ecozona 3 : água	101
3.1.2 SER OU NÃO ALIMENTO ADEQUADO	108
3.1.3. SIMILITUDE FÍSICA	111
4. ALGUMAS INFORMACÕES BÁSICAS SOBRE A LÍNGUA MORÉ	121
4.1. INFORMAÇÕES SOBRE A MORFOLOGIA MORÉ:	121
4.2. PROPOSTA DE UMA TIPOLOGIA PARA AS ESTRUTURAS NOMINAIS DO MORÉ:	136
4.2.1. NOMES SIMPLES :	138
4.2.2. NOMES COMPOSTOS :	143
4.2.2.1. nome + nome :	143
4.2.2.2. nome + [nome (conectivo) nome]	144
4.2.2.3. predicado + nome :	144
4.2.2.4. nome+predicado	148
4.3. INFORMAÇÕES SOBRE A SINTAXE DA LÍNGUA MORÉ:	149
5. ATRIBUIÇÃO DE SIGNIFICADO AOS NOMES NA LÍNGUA MORÉ	156
5.1. UM ESTUDO ANTERIOR SOBRE NOMEAÇÃO EM LÍNGUAS AMAZÔNICAS E SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA MORÉ	156
5.2. FALANDO UM POUCO SOBRE METÁFORA E METONÍMIA :	162
5.3. NOMES PARCIALMENTE MOTIVADOS :	176
5.2.1. ALGUNS CASOS DE ANTROPÔNIMOS:	189
5.3. NOMES IMOTIVADOS	210
5.4. DETERMINAÇÃO DE SIGNIFICAÇÃO DE NOMES ATRAVÉS DE MITOS E LENDAS:	212
5.5. NOMES ATRIBUÍDOS POR ASSOCIAÇÃO SONORA COM O SER NOMEADO :	215
5.6. DENOMINAÇÕES RESULTANTES DE EMPRÉSTIMOS E NEOLOGISMOS :	217
CONCLUSÃO	222
7. BIBLIOGRAFIA:	229
ANEXOS	234
ANEXO 1 : FONES E FONEMAS DA LÍNGUA MORÉ	235
ANEXO 2: LEVANTAMENTO DOS FALANTES DA LÍNGUA MORÉ.	237
ANEXO 3: ILUSTRAÇÕES DE “FAMÍLIAS” DE PEIXES AMAZÔNICOS CONSTITUÍDAS PELOS MORÉS A PARTIR DO CRITÉRIO DE SIMILITUDE FÍSICA.	241

RESUMO

A hipótese do relativismo lingüístico, resultante dos estudos de Whorf, com base nas idéias de Sapir e que supõe que a linguagem determina o pensamento, se configura problemática por vários aspectos, entre eles, sua vaguidade. As intuições que as idéias de Boas, Sapir e Whorf refletem, porém, podem ser organizadas em uma hipótese mais ampla que é designada neste trabalho como hipótese da interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura. A linguagem é considerada em sua dimensão de “língua”, o pensamento como o conjunto das concepções de um povo sobre seu mundo e a cultura como o conjunto de todos os instrumentos desenvolvidos por uma comunidade para controlar a própria comunidade. Para comprovar esta hipótese, colheram-se dados da língua moré, falada pelo povo moré, uma das etnias Txapakura, povos da Amazônia. Esses dados foram contextualizados culturalmente, através da apresentação de informações sobre a história e a cultura morés, bem como de categorias nativas utilizadas por esse povo que refletem sua visão de mundo, de forma a que se pudesse entender os valores do pensamento e da cultura morés expressos em sua língua. Apresenta-se, para que se possa entender os dados da língua, uma sucinta descrição de aspectos da morfologia e da sintaxe da língua moré, concluindo-se o trabalho com a análise aprofundada da significação de nomes utilizados na língua. A partir da significação dos nomes morés se pôde verificar de que maneira eles refletem os valores da cultura e do pensamento morés, atuando como forma de expressão e mesmo estabelecimento destes mesmos valores, de forma que a própria língua acaba por influenciar o pensamento e a cultura, em um processo cíclico.

ABSTRACT

The hypothesis of linguistic relativism, resulting from Whorf's studies, with basis in Sapir's ideas presupposes that language determines thought, becomes problematic in various aspects, among them, in its vagueness. The intuitions that are reflected in the works of Boas, Sapir and Whorf can be organized in a broader hypothesis that is designated in this work as the mutual influence between Language, Thought and Culture. Language will be considered only in its linguistic dimension, Thought as the unit of people's conceptions about their world and Culture as the instruments created by a community to control itself.

To prove this hypothesis, data has been collected of the More language, spoken by the More people, one of the ethnic groups Txapakura of the Amazon. This data has been culturally contextualized through the presentation of information about the More history and culture, as well as how native categories utilized by this people that reflect their world-view, in such a way that values of More Thought and Culture could be understood as expressed in the language. A succinct discription of the morphology and syntax of their More language is also presented to aid the understanding of the language data. The work is concluded with a deep analysis of the meaning of names utilized in the language. Trough the meaning of these More names, one can verify the reflection of the values of More Culture and Thought, as they act as a form of expression and even establish those same values as the Language itself influences Though and Culture in a cyclical process.

INTRODUÇÃO

O processo de ocupação das terras amazônicas pelos povos supostamente civilizados não tem deixado nada a dever a outros genocídios da história. Como em outras regiões do globo e em outras épocas, o desrespeito aos povos nativos, às suas culturas e ao seu direito de posse da terra é o fator marcante da ação do mais forte sobre o mais fraco. Como em outros tantos casos, também neste os resultados são a destruição física de nações indígenas, a destruição de suas línguas, de aspectos ou da totalidade de suas culturas. Finalmente, parece ser objetivo desta ação do homem sobre o homem a criação de total dependência e submissão dos povos nativos aos invasores, uma vez que a escravidão declarada foi abolida. Como se pode ver, o homem não avançou muito nesta área em relação aos bárbaros europeus do século III, embora tenha se aprimorado a forma das ações.

O tratamento dispensado às etnias Txapakura, povos amazônicos, habitantes das bacias dos rios Mamoré e Guaporé, não é exceção nesta narrativa. Há muito a ser estudado se levarmos em consideração o patrimônio cultural estimado como sendo o dos povos dessa região, ao mesmo tempo em que avança rapidamente o processo de degradação deste mesmo patrimônio. Há um acelerado processo de caboclicização desses povos, em virtude, principalmente, da ação indiscriminada dos exploradores dos recursos naturais e de missionários, de posseiros e até de “cientistas” que, muitas vezes despreparados, propõem a substituição de crenças e valores culturais diversos dos indígenas por outros totalmente estranhos a eles. Isto se dá, geralmente, de forma brutal e opressiva, uma vez que a

substituição dos aspectos culturais nativos por parte dos índios se configura como condição “sine qua non” de consecução de remédios, roupas e até alimentos pelos nativos submetidos ao regime das missões, acampamentos clandestinos, garimpos, etc., implantados em suas próprias terras.

Outro fator que merece relevo no processo de destruição dessas culturas é a implantação de “escolas de brancos” nas aldeias. O termo “escola de branco”, aqui, procura representar os já bem conhecidos métodos, filosofia e professor das nossas escolas que são, em sua maioria quase absoluta, os mesmos das escolas urbanas amazônicas. As experiências com alfabetização bilíngüe e a contratação de professores indígenas são fato recente na região e, ainda, estatisticamente pouco significativo, embora possa merecer destaque a julgar pelos resultados publicados pelos órgãos responsáveis pela educação indígena local. Para ter-se uma idéia da dimensão do problema, segundo dados oficiais¹ da administração regional da FUNAI em Guajará-Mirim, o número de professores indígenas atuando nas escolas das reservas sob sua fiscalização não chega a dez por cento, sendo que destes professores indígenas, apenas um tem primeiro grau completo. Por outro lado, a ação dos missionários chega a cinquenta por cento. Os únicos livros e cartilhas em línguas indígenas da região são elaborados por entidades de denominação religiosa.

Para a aprendizagem das línguas indígenas - que, sem dúvida, auxilia nos trabalhos de conversão-, e para a tradução da Bíblia e a redação desses livros “didáticos”, os grupos missionários elaboram extensos estudos lingüísticos, mais ou menos técnicos, dependendo do executor. Há exemplos de estudos tecnicamente muito bem elaborados por missionários², não se entrando no mérito de suas ações. Não há, aliás, como pensar o

¹ Estes dados foram fornecidos diretamente pela Administração da Funai em Guajará-Mirim: não há publicação deles.

² São exemplos de estudos lingüísticos realizados por missionários e apresentam excelente nível técnico-científico:

conhecimento das línguas indígenas amazônicas, hoje, sem passar pelos conhecimentos, muitas vezes “exclusivos” dos missionários das diversas confissões religiosas que atuam na região. Isto se dá em virtude de três fatores decisivos:

a. a extraordinária quantidade de missionários instalados na Amazônia, mesmo nas mais remotas áreas, não havendo praticamente nenhuma aldeia contactada que não conte com uma equipe de missionários de alguma religião ou seita;

b. a disponibilidade de recursos por parte de algumas instituições religiosas, quase sempre bem maiores do que os alocados aos cientistas das instituições nacionais de pesquisas³. Estes recursos vão do financeiro, propriamente dito, à disponibilidade permanente, em alguns casos, de barcos, aviões, materiais de pesquisa, etc;

c. a conhecida “disposição missionária” aliada à possibilidade, muitas vezes permanente, de estar na reserva indígena, ao contrário de muitos pesquisadores das universidades e museus nacionais que, quase sempre, atuam concomitantemente em docência ou até em atividades administrativas em suas instituições.

Os estudos lingüísticos dos missionários, entretanto, concluem-se quase sempre com a tradução da Bíblia. E, em função disto, surge uma nova forma de segregação de povos minoritários:

JENSEN, C. J. S. (1984). “O Desenvolvimento Histórico da Língua Wayampí.” Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas.

PAYNE, David L. (1978). “Phonology and Morphology of Aximinca (Apurucayali Campa).” The University of Texas, at Austin. PhD Dissertation.

KROEKER, Barbara (1982). “Aspectos da Língua Nambikuara.” Summer Institute of Linguistic, Brasília

³ É claro que também há missionários sem apoio financeiro e que fazem seu trabalho franciscamente. Formam, porém, o grupo que menos atua em pesquisas lingüísticas.

a. parece óbvio que não vale a pena traduzir a Bíblia para o último falante Moré, para dois ou três Kuyubi, ou meia dúzia de Canoê. Isto parece ser regra e somente as línguas das tribos mais numerosas têm sido estudadas por missionários. Nações em fase de extinção como a Moré, a Kuyubi e a Canoê não fazem parte do cronograma de estudos dos missionários, embora estejam sob sua “jurisdição” e sofrendo as mesmas pressões devastadoras sofridas pelos outros povos:

b. nem tudo em uma cultura indígena interessa aos estudos missionários, embora isto não seja abertamente declarado. Muito é “esquecido”, muito evitado. Isto faz com que, muitas vezes, a abrangência dos estudos lingüísticos seja limitada a certas áreas do saber indígena, o que, no mínimo, é ruim.

O uso, pelos cientistas da linguagem, dos dados lingüísticos de domínio missionário é algumas vezes dificultado por uma série de fatores que vão da discordância meramente filosófica a verdadeiros embates verbais sobre métodos e ações “condenáveis” de ambas as partes. Isto não é regra, porém, e menos mal. Essas divergências dificultam a associação e a cooperação das partes, o que seria, ao menos, uma atitude cientificamente produtiva. O impasse se cria, porém, quando ambas exigem exclusividade de ação sobre os indígenas. As acusações que mais acentuadamente tenho ouvido das três partes envolvidas (índios, cientistas e missionários) são, respectivamente: *“tanto os missionários quanto os cientistas incomodam, e muito”* (de um índio Pakaás-Nova); *“Eles são muito hábeis em destruir as culturas alheias”* (de um cientista americano, em visita ao Brasil, referindo-se aos grupos missionários) e *“eles são muito bons para trocar informações por presentes fúteis, e depois vão embora e deixam os índios na mesma miséria em que estavam, ou até piores”* (de uma missionária, que atua junto a uma das nações Txapakura, sobre os pesquisadores). Uma outra “acusação” mais recente que tenho ouvido de cientistas e missionários contra os índios é que estes têm transformado sua língua em objeto de barganha, passando a cobrar por informações que antes eram obtidas gratuitamente, o que dificultaria o trabalho atual de ambos os grupos. A transformação da língua em objeto de

barganha por povos na situação em que se encontram índios amazônicos é motivo de reflexão e estudo há algum tempo, havendo sobre isto considerações interessantes na literatura⁴. Se, por um lado não é decididamente minha intenção jogar lenha na fogueira desta rixa de décadas, por outro lado penso ser interessante considerar-se um pouco, cada um para si, o mérito dessas muitas acusações. Isto cabe principalmente com relação aos índios, que assistem dos camarotes à briga na arena de dois grupos que disputam os direitos de agirem com e sobre eles. Acaba sendo mesmo uma cena que beira as raias do ridículo. Contribuí para amenizar a questão o fato de que os índios não são mais - se é que um dia foram - os seres ingênuos que alguns insistem em enxergar. O que relato a seguir mostra isto.

De quando um velho índio enganou uma equipe de cientistas

Meu interesse pela elaboração deste trabalho de semântica utilizando uma língua indígena nasceu de uma conversa com o Prof. Jean-Pierre Angenot, fonólogo da Fundação Universidade Federal de Rondônia aplicado aos estudos indigenistas.

Na época, o Prof. Angenot tinha iniciado um grupo de estudos comparativos com as línguas da etnia Txapakura⁵ (daí sua transferência para o Campus de Guajará-Mirim, no vale do Mamoré-Guaporé, onde eu já trabalhava) e propunha-me cooperação nos estudos a serem realizados. Decidimos, então, que eu trabalharia junto a sua equipe, desde que pudesse manter-me na área da semântica, meu campo preferido de estudos. Acordo

⁴ V. GNERRE, Maurizio. (1985). *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo, Martins Fontes.

⁵ A grafia *Txapakura* para a pronúncia [t'apa`kura], nome dos povos desta etnia, tem sido contestada por estudiosos, principalmente norte-americanos, a despeito de seu uso já cristalizado na literatura brasileira da área. Tem-se proposto a forma *Chapakura* como substituta. Nesta dissertação adotarei a forma mais comumente encontrada *Txapakura*.

feito, o próximo e decisivo passo seria localizar e contactar possíveis informantes. A língua escolhida foi o moré⁶, língua até então sem registros ou estudos conhecidos. Montou-se uma expedição chefiada pelo Prof. Angenot que, com base em informações prestadas pela FUNAI se dirigiu à missão missionária católica de Sagarana, que também é posto e reserva indígena, e dali à aldeia de Monte Azul, na margem boliviana do rio Guaporé.

A expedição encontrou uma aldeia paupérrima de índios aparentemente caboclizados. Falava-se o espanhol. Contato feito, a pergunta inevitável: “Alguém aqui ainda fala moré?” Logicamente foram solicitados os porquês de nosso interesse em um falante de moré. As razões foram esclarecidas. Foram, também, apresentadas as benesses que caberiam a quem se dispusesse a ser informante, entre elas, passar uma temporada na cidade com casa, comida e roupa lavada. A escolha recaiu, por aclamação popular, em um ancião octogenário quase cego e aparentemente doente como se ele fosse o único e último falante do moré. Urgia trazê-lo à cidade, proceder ao recolhimento dos dados e tratar do velho índio. Muito satisfeita por ter tido a “sorte” de encontrar o “último dos moicanos”, a expedição retornou com ele à cidade. Este índio era D. Manoel Saez, como foi apresentado à equipe, homem que passaria a conviver na cidade de Guajará-Mirim com a equipe de pesquisadores, morando na casa do Prof. Angenot pelos próximos dezoito meses.

Durante todo esse tempo, D. Manoel foi considerado como se fosse o último falante de moré. Em visita a sua aldeia só se ouvia o espanhol da mesma forma que acontecia quando outros Morés o visitavam em Guajará-Mirim. Nos dezoito meses decorrentes D. Manoel foi naturalizado brasileiro, recebeu dentaduras e foi operado de catarata. Em troca desse tratamento “especial” era extremamente solícito como informante, chegando a tomar a frente em sessões de gravação de dados e a solicitar uma nova sessão

⁶ É convencionado, especialmente entre os antropólogos, que os nomes das nações indígenas sejam invariáveis, não levando marca de plural. Nesta dissertação, opto pela forma singular ou plural, conforme a concordância específica o exigir, em analogia a outros adjetivos pátrios do português, como brasileiro/brasileiros, inglês/ingleses, etc.

em virtude de ter-se lembrado de uma nova palavra ou frase. Importava-se realmente com o registro da língua e sempre fez transparecer a sua consciência da importância do que se estava fazendo. Surpreendia-nos a permanente disposição de um velho de oitenta anos em ficar horas a fio sentado em frente a um microfone ditando palavras e frases em moré e seus significados, quando não estava cantando canções ancestrais e contando as histórias das origens das palavras. Sua facilidade em lembrar o moré em detalhes, no entanto, impressionava para um último falante que, achava-se, havia ficado anos sem falar a língua, exceto com seus ancestrais em sonhos que nos relatava minuciosamente. Em cerca de dezoito meses de trabalho, quase dois mil itens lexicais foram colhidos, resultado de um trabalho exaustivo pautado na idéia de se estar trabalhando com o último falante de uma língua. Esta postura refletia nossa constante angústia sobre a possibilidade da morte de D. Manoel, que significaria, além da perda humana, a perda de todo o patrimônio lingüístico moré. Caso soubéssemos que não tratávamos com o último falante, poderíamos conduzir o trabalho de forma menos intensa, embora não menos séria, o que pouparia, inclusive, o informante de sessões extremamente longas de inquirição. Este dilema tornou-se um dos aspectos mais delicados para nós mesmos neste trabalho: por um lado, a necessidade de acelerar o trabalho e colher o máximo de informações lingüísticas e complementares sobre a cultura moré diante da plausível morte súbita do informante; por outro lado, a necessidade de regar as sessões de trabalho, para não estressar o informante e, conseqüentemente, não acelerar sua “plausível morte súbita”.

Durante o mesmo período, iniciei a redação de minha dissertação de mestrado, com base nos dados que colhemos do moré, mas preocupado com dois aspectos, a meu ver, decisivos ao sucesso da minha empreitada:

1. precisava conciliar minha convicção de que a linguagem se constitui social e culturalmente, e portanto, dados de comportamento lingüístico social podem ser decisivos em uma análise semântica da língua, com a idéia de trabalhar-se analiticamente em uma

língua com um só falante vivo. Minha hipótese era a de que linguagem, cultura e pensamento interagem, interinfluenciando-se, e que é justamente através da linguagem que esta interação entre cultura, pensamento e linguagem pode ser mais transparentemente avaliada. Para testar esta hipótese, precisaria recuperar os dados culturais, que refletem o pensamento moré e sua visão de mundo e isto seria feito através de sua língua. Mas, seria mais próprio que esses dados culturais, especialmente os que se referem à sociedade moré, pudessem ser atestados ao vivo, *in loco*. Com um único falante, isto parecia impossível;

2. precisava estar convencido e poder convencer da fidelidade dos dados colhidos em relação aos fatos reais da língua. O segundo ponto foi relativamente simples. Além da clara semelhança entre os dados do moré e outras línguas⁷ da família Txapakura, eles eram por si muito coerentes, guardando uma lógica interna que eu não podia crer ter sido inventada em função da pesquisa. A facilidade e firmeza com que os dados eram repetidos pelo informante também atestavam a fidedignidade da informação.

Mas o primeiro ponto, esse sim constituía-se problemático. Foram inúmeras e fracassadas as tentativas de conciliação de uma teoria descritiva que pudesse avaliar os processos de atribuição de significados às palavras da língua com a circunstância que se me apresentava. Elaborei dezenas de rascunhos e duas versões preliminares de dissertação que, a despeito dos esforços, foram corretamente vistas com muitas ressalvas. O meu problema era um só e bem claro: eu tinha um único índio e desejava recuperar com suficiente clareza fatos concretos de sua cultura e do pensamento de seu povo que se refletissem na língua que ele não mais utilizava. Em outras palavras, eu tinha uma língua constituída, morta, e uma cultura memorial, não uma língua constituindo-se, viva em uma cultura também viva, que

⁷ Atualmente o Centro de Pesquisas das Línguas Amazônicas do Campus de Guajará-Mirim da Fundação Universidade Federal de Rondônia realiza um estudo histórico-comparativo com doze línguas da família Txapakura, sendo seis vivas (moré, kuyubí, miguelenho, oro win, oro nao e oro mon) e seis consideradas mortas (napeka, kitemoka, torá, urupá, yaru e chapakura), o que possibilitou a comparação entre os dados colhidos com os morés e os das demais línguas.

pudesse interagir com a linguagem e com o pensamento de um povo. Na verdade, o que obstaculizava todo o trabalho ao qual me propusera era a impossibilidade real de reconstituir os atos linguísticos que me possibilitassem verificar o funcionamento factual da língua moré inserida no dia-a-dia desse povo. Tratava-se de um problema insolúvel, à primeira vista. Deveria abrir mão da idéia de analisar os fatores culturais concretos, o que só poderia ser conseguido episodicamente. E como não havia mais episódios em moré, isto não seria possível. Era um fato a aceitar. Trabalhei oito meses, ainda, insistindo nessa idéia quando...

Era habitual que os filhos e filhas de D. Manoel usassem a residência do Dr. Angenot como pousada em suas idas a Guajará-Mirim. Em algumas dessas visitas teve-se a impressão de que, quando a sós, os índios falavam em outra língua que não o espanhol, fato que era insistentemente negado. Mas isto associado à facilidade com que o informante tratava com o moré reforçou a desconfiança de que algo na história dos índios estava mal contado. A solução seria averiguar. Mas como, se todas as aparições dos membros de nossa equipe transformavam os índios em caboclos? A resposta foi a criação de uma expedição de “estranhos”. Por ocasião dos festejos de seis de agosto, data nacional na Bolívia, essa expedição se encontrava na aldeia de Monte Azul, como um grupo de turistas em visita desinteressada. Qual não foi a surpresa da equipe quando o chefe da comunidade toma o pequeno palanque montado no centro da aldeia e, delicadamente, se dirige às autoridades bolivianas presentes pedindo licença a eles, porque discursaria, primeiramente, aos cerca de oitenta índios presentes... em moré.

Estava destruída a hipótese, considerada até então como certa, de que todo o trabalho seria exclusivamente pautado na reconstituição memorial dos fatos da língua e da cultura por D. Manoel, tido, até então, como única via de acesso ao moré, língua que

supostamente reconstruía em seus depoimentos a nós. A partir desse momento, seriam possíveis a retestagem dos dados e o prosseguimento dos trabalhos em outros moldes mais seguros e vantajosos que os primeiros, quais foram, a contraposição dos dados já coletados com novas informações de outros falantes do moré e a observação de fatos culturais concretos que refletiam mais transparentemente o pensamento do povo moré e que permitiam que se montasse relações entre eles e os dados da língua. Todo o trabalho já realizado, portanto, deveria ser reavaliado e, muitas vezes, refeito.

Reorganizando o Trabalho

O primeiro passo a seguir era o de comparar os dados que possuíamos, para verificar sua validade. Foi montada uma nova expedição chefiada pelo Prof. Angenot, da qual infelizmente não pude participar⁸. Dado que a língua moré era uma língua viva e estabelecidas as metodologias de trabalho de campo, uma vez que agora este seria desenvolvido em uma aldeia e não em um gabinete, retestou-se o conjunto de dados e novas informações foram registradas. Esta fase, desde a expedição até o término da retestagem, durou três meses.

O segundo passo a dar era o retorno à dissertação. Em princípio, havia a necessidade de estabelecer uma delimitação mais precisa do objeto de análise, uma vez que, após tão longo envolvimento com o povo e a língua morés já se tornava muito amplo o conjunto de dados obtidos. E aqui cabe considerar quão modesta é a proposição deste trabalho, seja com relação à língua moré, seja com relação à semântica teórica.

⁸ Além do Prof. Angenot, essa expedição contou com dois bolsistas do CNPq, G.L.Vitor e R.Eduardo, ligados ao Centro de Estudos das Línguas Amazônicas do Campus de Guajará-Mirim da Universidade Federal de Rondônia.

Nunca pretendi que este fosse um trabalho de *Linguística Indígena*⁹, entendida esta como “a linguística exaustivamente descritiva de uma língua indígena”. Não espere, o leitor, encontrar neste texto uma descrição pormenorizada do moré ou sequer um fino trabalho fonético-fonológico ou fonêmico, uma vez que não é este o objetivo do texto. Sua organização interna, diferentemente, segue a uma seqüência de perguntas elementares assim ordenadas:

Pergunta 1: Qual é exatamente o objetivo do estudo proposto?

O objetivo é verificar se realmente há interação, interinfluência entre a linguagem, o pensamento e a cultura de um povo. O enfoque do trabalho estará na atribuição de significados às palavras sendo que através disto se procurará demonstrar de que forma esta interinfluência poderia ser evidenciada. Nada novo, portanto, mas extremamente interessante. Obrigatório, porém, passar pelas idéias de Boas, Sapir e Whorf, além de introduzir algo do pensamento de estudiosos mais recentes. Há, para isso, um capítulo dedicado a uma breve revisão bibliográfica que passa por estes e outros autores. Nele, procuro tratar da questão das relações entre língua, mundo e pensamento. Nesse capítulo trato também da questão da atribuição dos significados, como forma de antecipar as minhas conclusões sobre como podemos perceber a interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura através dos significados dos nomes.

Pergunta 2: Dado que a doutrina de Whorf aponta para a idéia de uma influência da linguagem sobre o pensamento, não seria possível ampliar esta hipótese

⁹ O termo *Linguística Indígena* a mim me soa bastante impróprio, como se as línguas indígenas fossem línguas diferentes das outras enquanto línguas. Aliás, sobre isto, Daniel Everett, em comunicação pessoal, observa que “todas as línguas são indígenas de algum lugar”. O termo, parece, segue a tradição de agrupar estudos de certos troncos linguísticos como ocorre, por exemplo, quando se fala de uma *Linguística Românica*.

inicial, propondo-se que há uma interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura? Isto necessariamente deveria ser testado. Como?

Em primeiro lugar, acatando uma doutrina que acolhesse a cultura como fator integrante e que admitisse, também, que a língua é um organismo vivo, que sofre influências de diversas origens, assim como o pensamento e a cultura de um povo também são vivos. Respostas para estas questões as encontrei na doutrina constitutivista, embora ela não proponha exatamente a mesma hipótese que apresentei aqui. Em segundo lugar, uma língua, no mínimo, deveria ser escolhida: qualquer uma, na verdade, sabendo-se que em todas as línguas, ao menos em algum aspecto, a hipótese deveria ou não ser confirmada. Não há razão plausível para afirmar que a língua, o pensamento e a cultura de um povo *Y* se interinfluenciam e que isto não ocorre com o povo *X*. Optei pelo moré. A pergunta natural é: por que o moré? Por tratar-se de língua não estudada anteriormente, o que faz dela objeto de curiosidade científica; por ela apresentar fenômenos semânticos interessantes, mesmo que comuns a outras línguas; por ser uma língua sobre a qual dispunha de dados recentes e; por ser uma língua que carecia (e ainda carece) de estudos e registros.

A questão de a língua e o povo moré serem “desconhecidos”, entretanto, gerou uma exigência ao trabalho que propus, que foi a necessidade de conhecer algo deste povo, de sua história, de sua cultura - e, através dela, de seu pensamento - e também de sua língua. Para tanto, escrevo um capítulo sobre os morés, apresentando fatos que pude colher, em manuais oficiais do governo boliviano e com os próprios morés, de sua história quase sem registros e quase esquecida por eles mesmos, fornecendo uma visão - nem sempre muito clara, mas a possível - sobre esse povo, sua história recente e fatos de sua cultura. Apenas o suficiente para embasar um próximo passo. Dedico, também, um capítulo à descrição - como já disse, não exaustiva - da língua moré, na qual são apresentados aspectos da morfologia e da sintaxe da língua, além de uma proposta de tipologia para os nomes da língua moré, que constituem o conjunto principal de dados da análise realizada.

Pergunta 3: Supondo que o pensamento, a cultura e a linguagem se interinfluenciam, e se o moré é a língua escolhida para testar isso, como fazê-lo?

Para alcançar isso, o primeiro ponto a observar seria a definição mais precisa do objeto de análise e, conseqüentemente, a seleção criteriosa de dados, para a dissertação. Como disse anteriormente, porém, antes de adentrar na língua, tornava-se necessário apresentar um pouco da cultura moré, pelo menos o necessário ao entendimento de algum aspecto de seu pensamento. Duas perguntas naturais surgem: o que se está considerando como cultura e que aspecto seria relevante?

Não creio que coubesse aqui uma longa discussão sobre o conceito de cultura. Os próprios antropólogos e filósofos têm dedicado parte dos últimos anos de suas respectivas ciências a esta discussão sem se satisfazerem com os resultados. Uma adoção de conceito pareceu-me mais adequada e foi o que fiz, utilizando aquele que mais me agrada dos muitos conceitos de cultura que encontrei nos manuais de Antropologia e Filosofia : a cultura como o conjunto de todos instrumentos desenvolvidos por uma comunidade, a partir de seu pensamento, com a finalidade de conduzir controladamente as ações dessa mesma comunidade. Este conceito, que não apresento aqui *ipsis litteris*, mas em uma versão personalizada que é o resultado de todas minhas leituras e discussões sobre o assunto, é relacionado nos manuais da área como sendo da linha doutrinária de Lévi-Strauss e alguns de seus admiradores, como o antropólogo e filósofo C. Geertz¹⁰.

Com relação ao aspecto cultural, qualquer que fosse o abrangido deveria ser capaz de comprovar ou refutar a hipótese proposta pelos dados a ele relativos. Optei pela

¹⁰ Sobre este conceito V.

Geertz, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

organização do mundo, um dos aspectos mais estudados em culturas indígenas e, sabidamente, um dos que fornecem mais claramente informações sobre o pensamento de um povo. Escrevo um capítulo sobre como os morés classificam o mundo ao seu redor, fornecendo uma breve visão disso (novamente, apenas suficiente para permitir o próximo passo). Note-se que não se leva em conta o mundo em si, mas a classificação cultural que os morés estabelecem deste mundo.

Pergunta 4: Supondo que linguagem, cultura e pensamento se interinfluenciam, que a língua moré é um instrumento adequado para testar esta hipótese, e que a organização do mundo pelos morés deve, de alguma forma, explicitar isto, como proceder?

Verificando como a língua reflete em si mesma, isto é, em sua forma ou em seu conteúdo, a organização cultural do mundo, que é o reflexo do pensamento do povo moré, se é que a língua o faz. Se há marcas morfológicas ou sintáticas, se há categorias lingüísticas detectáveis que possam ser colocadas em correspondência com a organização cultural do mundo, etc. Dedico a isso uma parte em que faço uma inter-relação entre o pensamento, a cultura e a língua morés, no mesmo capítulo em que descrevo a organização do mundo natural por este povo.

Mas o resultado da busca de marcadores morfológicos ou sintáticos (os classificadores ou índices de classe, que são a forma mais comum de as línguas refletirem em sua forma a organização que os falantes fazem de seu mundo) resulta na descoberta de sua inexistência na língua moré. Deveria, então, testar uma forma menos explícita de como, pela língua moré, poder-se-ia comprovar ou refutar a hipótese proposta.

Pergunta 5: Supondo que linguagem, a cultura e pensamento se interinfluenciam e que a língua moré é um bom instrumento para testar isso, embora, no aspecto da organização cultural do mundo, esta língua não apresente marcas explícitas, como testar a hipótese proposta?

Uma saída possível é a análise de uma categoria gramatical, de suas propriedades e de fenômenos que a ela se relacionem. Optei pelo meu maior conjunto de dados: os nomes da língua. Apresento, como dito, uma sucinta tipologia dos nomes em moré, em um capítulo. Mas essa tipologia, por si só, não é suficiente para comprovar a hipótese proposta. É preciso estudar alguns fenômenos que abranjam os nomes da língua, principalmente aqueles que se relacionem ao agrupamento dos nomes em categorias internas de quaisquer naturezas, uma vez que o aspecto que escolhi era justamente o de categorização do mundo. Encontrei nas figuras uma boa opção para meu estudo e dedico um outro capítulo à atribuição dos significados aos nomes na língua onde, finalmente, posso testar a hipótese da interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura. Isto, faço analisando a metáfora e a metonímia na língua, único ponto em que, ajudado pelo prisma de uma restrição estrutural apresentada por Greimas e pelos conceitos de Black, que couberam muito bem ao tipo de estudo realizado, consegui claramente verificar a influência mútua entre pensamento, linguagem e cultura, comprovando minha hipótese de interinfluência.

Uma formulação para o argumento que procura comprovar a hipótese proposta poderia ser aqui adiantada com a finalidade de fazer o leitor refletir sobre ele no decorrer de sua leitura do trabalho: uma vez que é a cultura que determina em uma língua aquilo que é figurativo e aquilo que não o é; uma vez que esta determinação dita o tipo de figura que se estabelece em uma determinada estrutura lingüística; uma vez adotado que a cultura é o reflexo do pensamento de um povo e; uma vez que se aceite que a linguagem é a principal forma de exteriorização, de materialização do pensamento e, conseqüentemente da

cultura, atuando mesmo na sua construção. comprova-se que há uma interinfluência entre cultura, pensamento e linguagem.

A grande preocupação do trabalho é, portanto, cultural, uma vez que me pauto na idéia de que da compreensão das diversas culturas humanas advém a compreensão global de nossa própria cultura e de nós mesmos.

Ressalto que alguns aspectos da metodologia que empreguei aparecem inseridos nos próprios capítulos.

Na Conclusão dedico-me à apresentação dos percalços do trabalho.

Como disse anteriormente, os dados fonéticos e fonológicos da língua não são apresentados. Eles mereceram um trabalho exclusivo que serve de referência a quem deseje informações dessas áreas sobre a língua moré. Sobre eles remeto, então, aos estudos de Müller e Angenot¹¹. Apresento somente a tabela de sons do moré que permite a leitura dos dados transcritos no decorrer do trabalho.

¹¹ MÜLLER, Diocelma Ma. (1995). "Fonêmica da Língua Moré". Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.
ANGENOT, Jean-Pierre & MÜLLER, Diocelma Ma. (1996). "Documentação da Língua Moré : Notas de Fonética e Fonologia". Guajará-Mirim. Centro de Estudos das Línguas Amazônicas.

1. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Entrar no campo dos significados lingüísticos é, de certa forma, adentrar os pensamentos humanos e suas relações com o mundo. Qualquer estudo nesta área que respeite produções anteriores sobre o assunto tem, obrigatoriamente, que passar por Boas, Sapir e Whorf.

As abordagens destes três estudiosos sobre a relação entre o mundo, o pensamento e a linguagem constituíram-se, ao longo do tempo, como pontos de referência para quase todas discussões posteriores, seja pela originalidade do que discutiram, seja pela ousadia das propostas.

Procurarei aqui fazer uma rápida apresentação das principais idéias de cada um deles, tentando demonstrar, a partir de suas idéias originais a possibilidade de ampliação da hipótese whorfiana que é hoje conhecida como *hipótese da relatividade lingüística* ou *princípio da relatividade lingüística (PRL)*. Esta breve incursão pelas idéias de Boas, Sapir e Whorf objetiva, principalmente, demonstrar alguns possíveis problemas em suas teorias, seguindo-se a apresentação da teoria constitutivista, bem mais próxima de minha hipótese pessoal, para chegar, então, aos aspectos de atribuição de significados que tratarei posteriormente.

1.1. BOAS: CLASSIFICANDO EXPERIÊNCIAS

Alemão de nascimento, Franz Boas (1858-1942) emigrou para os Estados Unidos, onde acabou sendo um dos responsáveis pelo surgimento da moderna antropologia. Através de seus estudos, Boas lançou algumas idéias básicas que, direta ou indiretamente, influenciam uma eventual abordagem da relação entre a linguagem e o pensamento.

Dentre elas, destaca-se a de que a linguagem atua classificando experiências:

"Since the total range of personal experience which language serves to express is infinitely varied, and its whole scope must be expressed by a limited number of phonetic groups, it is obvious that an extended classification of experiences must underlie all articulate speech".

(Boas, 1966 [1911], p.20) ¹²

Desta forma uma vez que o conjunto de experiências humanas difere de povo para povo, as línguas se constituem como sistemas classificatórios diversos, em função das necessidades de expressão virtualmente criadas em cada comunidade lingüística. Logo, Boas afirmava que, em consequência desse fato de as línguas terem embutido em si um princípio de classificação da realidade, diferentes experiências de uma comunidade acabam por gerar diferentes formas lingüísticas, sendo que

¹² A maior parte dos trechos de Boas, Sapir e Whorf citados neste capítulo são extraídos de uma seleção de textos comentados elaborada por John A. Lucy. (LUCY, John A., "Language Diversity and Thought" Cambridge, Cambridge University Press, 1992).

"groups of ideas expressed by specific phonetic groups show very material differences in different languages, and do not conform by any means to the same principles of classification".

(Boas, 1966 [1911], p.21 e 1916 [1911] p.145)

E ressalta ainda que

"It happens that each language, from the point of view of another language may be arbitrary in its classifications".

(Boas, 1966 [1911], p. 22 e 1916 [1911, pp. 146-47)

Mas, embora afirmasse existir esta diferenciação entre as formas de expressão e classificação que cada língua constrói, Boas defendia que, em todas as línguas, apenas uma fração do que o falante constrói mentalmente como sendo seu conceito cabal de algum objeto é expresso na fala. Desta forma, além de classificatórias, Boas entendia as línguas como sistemas seletivos e econômicos que proporcionam a uma comunidade linguística escolhas de como expressar os diversos conteúdos de seu pensamento. Essas escolhas, por si mesmas, acabam sendo uma espécie de classificação do pensamento desenvolvido sobre a realidade e, segundo ele, conseqüentemente da própria realidade.

Finalmente, Boas expõe que este processo de classificação e seleção é inconsciente, em essência, uma vez que

"The use of language is so automatic that the opportunity never arises for the fundamental notions to emerge into consciousness".

(Boas, 1966 [1911], p.64)

de forma que não se deve esperar reflexos de uma categorização lingüística apenas nas formas superficialmente mais evidentes.

Lucy (1992) diz que a visão central de Boas sobre esses processos lingüísticos de classificação pautava-se na idéia de que eles refletem o pensamento, mas não ditam suas formas. Ainda diz que

“Boas was rarely systematic or explicit in presenting his ideas on the relation of language and thought, but his most general attitude seems to have been that language categories directly reflect (or express) ideas and hence linguistic data can be used to study those ideas”.

(Lucy (1992), p. 14)

Boas sustentava ainda que a forma de atuação dos indivíduos em relação às suas culturas era bastante similar, mas em virtude das diferenças entre as culturas os resultados finais das línguas acabavam por ser muito diferentes. Desta forma, muito mais do que pelos indivíduos separadamente, os sistemas lingüísticos são influenciados pela cultura de um grupo, incluídos aí os aspectos da história da ciência, do saber, enfim, de cada povo.

Boas não chegou a explicitar a idéia de que línguas diferentes correspondem a formas diferentes de pensamento, embora em seu trabalho fossem apresentados suficientes argumentos para a adoção desta posição. Lucy (idem, p. 16), comenta que :

“it seems that Boas’s two desires, to assert the psychic unity of man and to avoid premature generalization at the theoretical level, kept him from going further along this line of thought to the claim

of significant differences in thought among different linguistic - cultural groups".

O trabalho de Boas foi, sem dúvida, o primeiro grande passo rumo ao PRL. Um avanço significativo nesse rumo foi dado por seu discípulo Sapir, como veremos em seguida.

1.2. SAPIR: A INTERAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES PSÍQUICAS E OS MODELOS CULTURAIS

Como discípulo de Boas, Edward Sapir (1884-1939) partiu das teorias daquele para elaborar seus diversos desenvolvimentos sobre a relação entre as línguas e o pensamento humano. Dentre os desenvolvimentos propostos por Sapir, possivelmente o mais importante foi o de que cada língua constituir-se-ia num sistema completo de referências, isto significando que, a partir de sua língua, qualquer falante normal teria a possibilidade de referir-se a qualquer fato ou objeto de sua cultura.

Como Boas, Sapir acreditava na construção de sistemas de classificação das experiências nas línguas. Neste ponto, devido à ênfase que deu à influência da atuação social sobre a língua, chegou a afirmar que

"the single experience lodges in an individual consciousness and is, strictly speaking, incommunicable. To be communicated it needs to be referred to a class which is tacitly accepted, by the community as an identity".

(Sapir, 1949 [1921], p. 12-15)

À teoria de Boas acerca da diversidade entre os sistemas classificatórios das diferentes línguas, Sapir acrescentou que era a natureza sistêmica própria de cada língua o fator responsável por essas diferenças. Assim, as estruturas orgânicas de cada sistema simbólico exigem diferentes formas de expressão, criando a diversidade existente. Sapir entendia, inclusive, que esta estrutura formal sistemática e rígida de cada língua era um dos fatores determinantes, se não o mais forte deles, daquilo que Boas chamava natureza inconsciente e automática das línguas. Isto deriva do fato de que as próprias relações entre os elementos da experiência de uma comunidade lingüística não são conscientemente organizadas, mas “inconscientemente” sentidas, intuitas, como ele mesmo dizia:

“I believe that.... the relations between elements of experience which serve to give them (às formas de comportamento social) their form and significance are more powerfully “felt” or intuited” than consciously perceived”.

(Sapir, 1949 [1927], p. 548)

Se a língua é uma forma de atuação social, os padrões estabelecidos em sociedade nela são repetidos, mas vinculados à própria estrutura orgânica do sistema. Isto explicaria o que Sapir chamou “*mínimo grau de consciência*” (Sapir, idem, p.555) na ação lingüística.

A maior discordância entre o pensamento de Sapir e Boas se concentrou nas relações entre cultura e pensamento. Sapir apresentava sua teoria em duas partes. Primeiro

ênfatiçou que o pensamento pode ser definido como “fala potencial” ou “expressão potencial”:

“From the point of view of language, thought may be defined as the highest latent or potential content of speech, the content that is obtained by interpreting each of the elements in the flow of language as possessed of its very fullest conceptual value”.

(Sapir, 1949 [1921], p.14)

Em uma passagem subsequente (Sapir, idem, p.15) ele ressalta que a linguagem atua como uma ferramenta criada e disponível a uma comunidade qualquer para a expressão do plano conceitual. Por outro lado, o pensamento é o instrumento que permite uma mais fina interpretação dos conceitos expressos através da linguagem. E completa:

“the instrument makes possible the product, the product refines the instrument”.

(Sapir, ibidem, p.17)

Sapir apresenta aqui o que, a meu ver, é um dos mais significativos progressos de sua doutrina em relação à de Boas, progresso que viria a ser abandonado posteriormente por Whorf: que a influência entre pensamento e linguagem não ocorre em uma “via de mão única”, mas de forma mútua, um agindo sobre o outro, ao mesmo tempo e de forma interdependente. Em segundo lugar, Sapir acreditava que a linguagem não apenas reflete o pensamento e as experiências, como Boas dizia, mas como

“a self-contained, creative symbolic organization... not only refers to experience largely acquired without its help but actually defines experience for us by reason of its formal completeness and because of our unconscious projection of its implicit expectations into the field of experience...”

(Sapir, 1964 [1931], p.128)

Tendo sempre em mente a idéia de línguas como sistemas simbólicos completos em si mesmos, Sapir observou que

“it is obvious that language has the power to analyse experience into theoretically dissociable elements and to create the world of the potential intergrading with the actual which enables human beings to transcend the immediately given in their individual experiences and to join in a larger common understanding. This common understanding constitutes culture, which cannot be adequately defined by a description of those more colorful patterns of behavior in society which lie open to observation”.

(Sapir, 1949 [1933], p.10)

Esta posição de Sapir sobre a relação entre os aspectos formais das línguas e das culturas seria posteriormente rejeitada por Whorf, mas é justamente esta parte da doutrina de Sapir que eu gostaria de retomar na formulação de minha hipótese. Guardemos, portanto dois princípios sapirianos que serão fundamentais para a formulação final do que proponho neste trabalho:

a. a relação entre pensamento e linguagem não se dá em uma “via de mão única”, mas de forma interdependente, mútua :

b. a cultura de uma comunidade é o reflexo de seu pensamento.

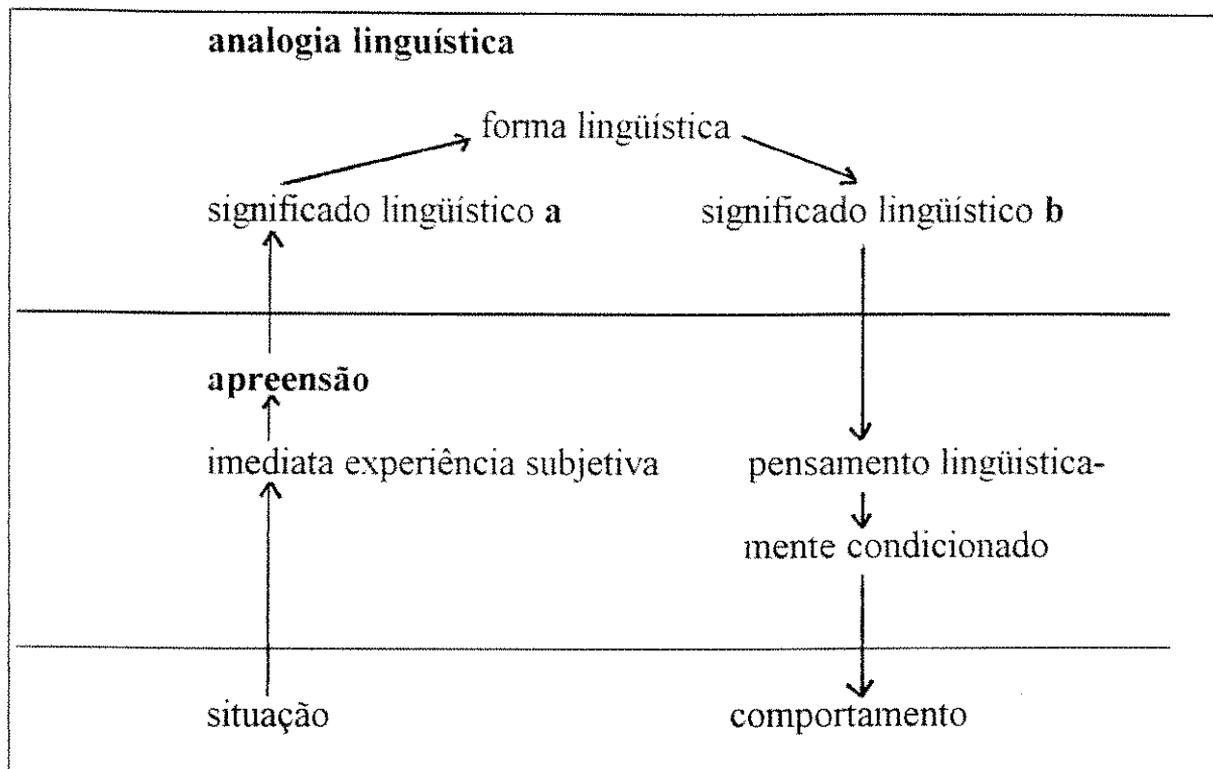
Como Boas, Sapir também não explicitou uma hipótese formal sobre o PRL. Seu nome foi, porém, posteriormente vinculado à hipótese de Whorf, pela clara influência que suas idéias exerceram sobre este. O fato de que eu rejeite alguns pontos do PRL e proponha uma hipótese de interinfluência entre linguagem, cultura e pensamento, portanto, me contraporá mais diretamente a Whorf, cuja hipótese foi mais explicitamente declarada. Há de se notar, entretanto, a influência de Boas e Sapir nas formulações de Whorf.

1.3. WHORF: A LINGUAGEM INFLUENCIANDO PENSAMENTOS E ATITUDES

Embora não fosse lingüista de formação, mas engenheiro químico, e trabalhasse com prevenção de incêndios em uma companhia de seguros americana, Benjamin Lee Whorf (1897 - 1941), por sua acurada capacidade de observação dos fenômenos da linguagem, por sua visão metódica desses fenômenos e, posteriormente, por sua interação com Sapir e seus discípulos, acabou deixando uma das mais significativas obras já escritas sobre linguagem e pensamento. Os trabalhos de Whorf são, ainda hoje, reconhecidos pelos lingüistas, embora, tanto quanto se saiba, Whorf não tenha seguido os padrões metodológicos da Lingüística de então e tampouco tenha se notabilizado por descrições estruturais profundas de uma língua qualquer. Ao abandonar seus trabalhos como engenheiro e dedicar-se unicamente aos estudos lingüísticos, Whorf descreveu partes de línguas como o Hopi, o Nahuatl e o Uto-Asteca, sempre buscando dar às suas descrições um caráter comparativo e uma interpretação teórica centrada nos aspectos da cultura e do pensamento.

Como dito, a teoria de Whorf se diferenciava da de Sapir por estabelecer que a linguagem influencia os pensamentos e as atitudes humanas em uma espécie de “via de mão única” que não permitia o retorno de influência do pensamento sobre a linguagem. Whorf distinguiu dois tipos básicos (ou procedimentos básicos das línguas) que demonstravam essa influência. Segundo ele, as línguas apresentavam instrumentos gramaticais distintos que permitiam proceder a categorizações. Com base nesses instrumentos gramaticais Whorf distinguiu dois tipos limites de línguas: explícitas (que contêm *overt categories*) e implícitas (que contêm *covert categories*). Para este autor, (Whorf, 1956, p.88-89), categorias explícitas são aquelas que apresentam marcas formais na superfície da língua, que atuam como classificadores. Estas marcas podem ser afixos, sufixos, vogais marcadoras ou qualquer outro tipo de flexão. Categorias implícitas são aquelas cujas marcas são relativas às estruturas sintáticas ou morfêmicas, mas ocorrentes em apenas alguns tipos de sentenças da língua. Whorf enfatizava que, muitas vezes, a diferenciação entre as categorias por ele propostas era uma questão do grau de marcação formal em cada língua. Por isto, uma categoria que aparece explícita em uma língua, pode não o ser em outra e vice-versa, de forma que é comum que se tenha uma língua onde co-ocorrem categorias implícitas e explícitas. Whorf denominou essas categorias respectivamente de criptótipos (as implícitas) e fenótipos (as explícitas) (Whorf, (1956), p. 80-105).

A estrutura mais geral da hipótese de Whorf, segundo a qual a linguagem determina o pensamento e, conseqüentemente, as ações humanas é apresentada em Lucy (1992, p. 47), na forma de um diagrama que convém reproduzir aqui :



Este diagrama mostra claramente a estrutura interna da que posteriormente passaria a ser conhecida como hipótese Sapir-Whorf, qual seja, a de que a língua, através de sua completude formal¹³, não somente reflete, mas também determina o pensamento e, conseqüentemente o comportamento humano diante do mundo. Em última instância, a hipótese estabelece que a língua atua sobre a organização que os homens fazem do mundo ao seu redor. Whorf cria que a linguagem influencia o homem na construção dos conceitos oriundos de suas experiências cotidianas. A noção de conceitos para Whorf estava diretamente relacionada aos níveis perceptivos ou processos perceptivos. Whorf enfatizava

¹³ Como completude formal entende-se aqui a completude estrutural e expressiva de uma língua, segundo os axiomas propostos por Sapir. Cada sistema lingüístico, ou língua, para ele, precisaria ser necessariamente completo, ou seja, capaz de abranger todas as necessidades expressivas e representativas de uma cultura, para que pudesse ser utilizado com sucesso por qualquer falante da língua em qualquer condição dada.

que nosso conceito de qualquer coisa é o resultado da interação entre nossa capacidade de percebê-la e nossas idéias pessoais sobre ela.

Assim , a partir de uma situação qualquer da vida, através da sua capacidade de percepção, o homem apreende um fato ao qual atribui um significado lingüístico inicial que será contraposto, na memória, às formas lingüísticas que ele já possui. Deste processo analógico entre o fato apreendido e as experiências já memorizadas, origina-se um conceito, ou significado lingüisticamente condicionado, que determinará o comportamento do homem diante do episódio. Whorf acreditava que o léxico se constitui em um dos mais evidentes fatores dessa influência da linguagem sobre o pensamento e procurou comprovar isto através de suas experiências enquanto engenheiro de segurança (v. Whorf, (1956), p.135).

Whorf usa como exemplos inscrições que vinham em embalagens de produtos químicos. Ele cita o caso de placas de chumbo envolvidas em parafina que tinham em sua embalagem apenas a inscrição “placas de chumbo”. A questão de a inscrição não especificar a presença da parafina, teria levado um funcionário da firma onde se encontrava o material citado a fumar perto das placas e acabar provocando um incêndio. Com base em fatos como este, Whorf elaborou a seguinte afirmação que sustenta sua hipótese:

“Lo que nos impulsa a seguir una cierta línea de comportamiento viene determinado a menudo por las analogias de las fórmulas lingüísticas con las que expressamos una situación dada.”

(Whorf, B.L.(1939)

Em outras palavras, Whorf acreditava que era a forma da expressão de uma realidade pela linguagem que atuava sobre o pensamento de maneira a definir as atitudes que

os falantes da língua assumiriam diante da realidade presente. E isto, porque embora sendo fruto do próprio pensamento (mas, divergindo parcialmente da máxima de Sapir (1921) de que *“o instrumento permite criar o produto e o produto permite refinar o instrumento”*) a linguagem seria também um fator de determinação deste pensamento. Cabe notar aqui uma contradição na hipótese de Whorf. Embora originada do pensamento, a linguagem é que determina sua organização, na hipótese whorfiana. Isto põe a linguagem em um nível “hierárquico” superior ao pensamento, ao mesmo tempo em que se aceita que ela é o resultado do pensamento. Falando de sua hipótese, Whorf completa:

“De dónde procede o modelo mental? Al igual que en el caso de los errores que provocaron los incendios, procede del hecho de que nuestro lenguaje confunde situaciones diferentes para las que sólo tiene un modelo”.

(idem, p.161)

Segundo a teoria de Whorf, portanto, a forma lingüística direciona a construção do pensamento e isto determina a atitude do falante com relação ao mundo. Outro aspecto interessante de suas idéias era que ele acreditava que

“el mundo del pensamiento es el microcosmos que todo hombre lleva consigo mismo, mediante lo que mide y comprende lo que pode del macrocosmos”.

(ib.p.169)

e conclui:

“nos damos cuenta oscuramente que llevamos a nuestro alrededor todo un espacio imaginario, lleno de sustitutos mentales. Para nosotros, los sustitutos mentales son conocidos viejos y familiares”.

(ib.p.172)

Whorf explicava assim a influência da cultura sobre o homem e deste sobre a cultura. Ele não relacionava, porém, a cultura como um dos itens ativos no PRL. Embora admitisse que cada um de nós apreende do macrocosmos que nos rodeia uma imagem diferente que organiza e expressa através da linguagem e que como parte do macrocosmo real, a linguagem influencia esta organização do pensamento, não reconhecia que se acaba formando um sistema cíclico de interinfluência. Admitia que o pensamento organizado de cada um de nós, é a idéia que fazemos do mundo. Este pensamento constitui e é constituído por um conjunto de significados¹⁴ que usamos na nossa interpretação do mundo. Trata-se da nossa visão no mundo. O passo seguinte, que Whorf não deu, seria o de reconhecer que o pensamento e seu reflexo, a cultura, também influenciam a linguagem, assim como a linguagem os influencia. Whorf promove uma radicalização em sua teoria: estabelece que a influência exercida pela linguagem é determinante do pensamento, e pára por aí.

Whorf e alguns outros estudiosos que, posteriormente, se detiveram sobre suas idéias nunca conseguiram comprovar a integral aplicabilidade desta hipótese, sendo mais numerosos seus opositores atuais do que seus defensores. Certamente não existe em Ciência um prazo máximo em que uma hipótese tenha que ser comprovada e nem mesmo uma obrigatoriedade de que ela realmente o seja, mesmo porque muitas hipóteses carregam características que impedem sua comprovação nos termos experimentais da ciência moderna. Algumas hipóteses da Física, por exemplo, fundamentam-se em cálculos e não permitem, ainda, experimentação. Outras jamais permitirão experimentação, como as hipóteses sobre a origem do universo, por exemplo. Dizendo isto, quero ressaltar que não pretendo objetar a hipótese de Whorf simplesmente por ela não ter sido ainda comprovada. Minhas objeções referem-se a outros aspectos que podem de pronto ser levantados, a

¹⁴ Uso "significado" aqui no sentido de conceito ou idéia, em substituição do termo original do texto "sustitutos".

despeito dos argumentos usados por Whorf a favor de suas próprias idéias. O próprio Lucy (op.cit) e Max Black em seu livro *Models & Metaphors*¹⁵, retomam Whorf e apresentam alguns problemas do PRL. Vejamos alguns desses aspectos problemáticos:

a. se as línguas influenciassem realmente de forma tão determinante o comportamento do homem diante do mundo, línguas com padrões formais semelhantes tenderiam, obviamente, a produzir padrões culturais semelhantes. Sabemos que isto, porém, não ocorre, muitas vezes nem entre falantes de uma mesma língua. Muitos outros fatores, como a influência de povos colonizadores, por exemplo, podem ser apresentados como fatores determinantes mais fortes que a estrutura da língua nativa. Seria muito difícil aceitar que a estreita relação do povo português, por exemplo, para com o mar, seu modo de encará-lo e sua propensão para as grandes navegações do século XVI se explique pela origem latina de sua língua.

De uma forma geral, não se pode precisar se um mesmo fator produzirá em diferentes indivíduos de uma mesma formação cultural¹⁶ uma resposta idêntica. Com relação a respostas de seres vivos a estímulos, nem mesmo aos estímulos ao organismo, que compartilham da característica de atuarem sobre uma conformação biológica semelhante, se poderia abrir uma exceção, em virtude das quase imprevisíveis idiosincrasias, temidas por aqueles que trabalham utilizando substâncias químicas injetáveis em seres vivos, como os médicos anestesistas, por exemplo. E se, mesmo em relação aos estímulos ao corpo, ocorrem reações adversas, segundo os muitos padrões de funcionamento orgânico, o que não dizer dos estímulos ao pensamento.

¹⁵ BLACK, Max.(1961). *Modelos y Metáforas*. Trad. de ZAVALA, Victor Sanchez. Madrid. Ed. Tecnos. 1966.

¹⁶ Se é que é possível haver dois indivíduos com formação cultural idêntica - entendendo-se a formação cultural como o resultado de todas as experiências vividas - idêntica.

Em outras palavras, é possível que os funcionários das firmas nas quais Whorf, na qualidade de responsável pela verificação das causas dos incêndios por ele narrados, colheu os seus exemplos, tenham sido realmente influenciados pelas inscrições das embalagens dos produtos inflamáveis, bem como é possível que a estrutura da língua hopi, por ele estudada refletisse e influísse na construção do pensamento hopi sobre o tempo ou o espaço, por exemplo. Mas nada assegura que estes fatores foram os realmente determinantes com relação à atitude final tomada pelos falantes do inglês e do hopi, respectivamente. Outros fatores, como uma péssima instrução para o trabalho com produtos químicos e a desobediência às normas de segurança elementares em indústrias químicas, no caso dos empregados das indústrias, ou aspectos cíclicos naturais da região habitada pelos hopi ou por seus ancestrais, poderiam facilmente ser aceitos como elementos influenciadores das resoluções tomadas pelos indivíduos. Na verdade, no caso específico dos empregados das indústrias químicas, ninguém pode sequer comprovar que era hábito deles a leitura dos rótulos das embalagens das matérias primas ou dos avisos afixados nas fábricas, não se podendo, assim, afirmar categoricamente que estas estruturas lingüísticas influenciaram suas ações decisivamente;

b. padrões perceptivos semelhantes podem ser explicados por características biológicas semelhantes entre os homens, embora a percepção do mundo não seja unicamente biológica. Parece claro que o pensamento e a cultura influem na percepção que temos do que nos rodeia e até daquilo que “não devemos perceber”. Mas, refiro-me aqui à percepção biológica. Não necessariamente se explica pela semelhança formal entre duas ou mais línguas, que os falantes dessas línguas com padrões formais semelhantes possam perceber os fatos do mundo de forma semelhante (como o espaço, para utilizar o exemplo de Whorf) e que possam formar um conceito também semelhante desse fato. Uma tendência como a apresentada por Whorf, de influência da linguagem sobre o pensamento e a organização do mundo, aliás, tenderia a uma quase-uniformização do pensamento de povos com línguas e padrões biológicos, e portanto perceptivos, semelhantes. Isto não parece ser a regra, mas o contrário disto parece ser a tendência evolutiva das línguas, qual seja, a

multiplicação de padrões. Temos o exemplo dos povos europeus que, a despeito de uma conformação biológica semelhante, com características fenotípicas muito próximas de um povo para o outro, fizeram evoluir dezenas de línguas e dialetos a partir do latim, por exemplo, além de desenvolverem pensamentos muito distintos entre si:

c. o aprendizado de uma nova língua ou a perda da língua materna exigiria mudanças culturais muito acentuadas nos falantes ou seja, em suas relações com o mundo. Assim, um falante nativo do português, para aprender uma língua como o moré, por exemplo, precisaria apreender os padrões de pensamento do povo moré e reformular seus construtos culturais para ser capaz de falar com relativa inteligibilidade a nova língua. Os relatos de aprendizado de novas línguas que conhecemos parecem apontar para um caminho diferente. Muitas vezes, uma nova língua é aprendida por alguém com a finalidade de alterar a realidade cultural dos falantes nativos desta mesma língua, e não o contrário. Este é o caso típico dos métodos catequéticos tradicionais, nos quais o catequista aprende a língua mas não incorpora o padrão cultural; pelo contrário, aprende a língua com o objetivo de modificar o padrão cultural nativo. Não necessariamente se passa pelo método romano de imposição de sua língua através da multiplicação de escolas romanas nos territórios dominados e obrigatoriedade de fala do latim àqueles que quisessem servir ao Império, para a submissão dos povos conquistados, mas é possível - e pode ser útil - falar a língua do povo dominado para, através dela, inserir o pensamento e os padrões culturais do dominador. Isto parece reforçar a existência de alguns aspectos problemáticos na hipótese de Whorf.

Poder-se-ia objetar aqui que Whorf não faz referências à modificação do padrão cultural dos povos em virtude do aprendizado de uma nova língua, mas diz apenas que a linguagem influencia a categorização do mundo. Bem, a categorização do mundo é pilar da formação cultural de um povo, principalmente porque serve de referência aos atos deste povo. É a partir da organização do mundo em categorias que decidimos, geralmente, que atitudes tomamos. Em virtude disso, por exemplo, há povos que comem cachorros e povos que não comem cachorros, preferindo morrer de inanição ao lado de seus cães.

Cachorros podem ou não fazer parte da categoria dos alimentos, e isso é cultural, não estritamente lingüístico.

Objecções como estas à hipótese de Whorf têm sido levantadas comumente por teóricos modernos. Tais objeções apontam para o fato de que, como observa Lucy no texto abaixo, Whorf deu um passo muito importante para a elaboração de uma teoria mais completa sobre a questão do relativismo lingüístico:

"Despite the fact that Whorf did not develop a full formal theory and systematic empirical evidence, his work represents the first significant moves in this directions".

(Lucy, (1992) p.165).

Mas, aponta também para o fato de que este passo de Whorf precisa ser retomado e reinterpretado.

1.4. REINTERPRETAÇÕES DAS PROPOSTAS DE BOAS, SAPIR E WHORF

Outros desenvolvimentos foram dados à questão da relação entre a linguagem, o pensamento e as experiências humanas, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, principalmente após a década de sessenta e dentro de uma visão etnolingüística dos dados. Whorf, em regra, é o referencial básico dessas discussões mais modernas da questão

e, ou pela ousadia de suas propostas ou por ter sido o autor mais explícito na formulação do PRL, suas teorias são tema recorrente na maioria dos desenvolvimentos recentes do assunto.

Um dos primeiros passos que podem ser considerados realmente significativos no aprimoramento das idéias de Whorf foi dado por Hymes. Ele afirmava, em obra de 1961¹⁷, que uma abordagem tipológica dos fatos lingüísticos poderia ser a resposta para a compreensão dos aspectos semânticos da linguagem.

Hymes dividiu os estudos cognitivos da linguagem em dois setores de interesse. Essas divisões foram denominadas eixos (axis) e se caracterizavam por ir de um “extremo” a outro do aspecto abrangido. São estes os “eixos” de Hymes: 1. forma e conteúdo; 2. específico e geral. Sua preocupação principal parecia ser a de engendrar em uma única teoria todos os estudos e enfoques da relatividade entre linguagem e pensamento, chegando a propor que a pesquisa lingüística nesta área devesse ser encarada em três níveis distintos, quais sejam:

1. a descrição da linguagem e da cultura do povo que a utiliza, o que permitiria identificar os parâmetros e modelos a serem utilizados na análise comparativa, em forma de etnolingüística formalmente estabelecida;

2. identificação da função e da importância de cada fato lingüístico específico na cultura, com a finalidade de identificar na relação língua vs. viver social, através disto

¹⁷ HYMES, D.H. (1961). *Linguistic Aspects of Cross-Cultural Personality Study*. In B. Kaplan (ed.) *Studying Personality Cross-Culturally* (pp.313-59). New York. Harper & Row.

"the conscious or unconscious metaphysics, values, aesthetics, enculturation, productive activities, type or stage of culture, thought, behavior or the... effective autonomy [da linguagem]"

(Hymes (1966)¹⁸, p.118):

3. separação da linguagem dos fatos culturais. Hymes cria que a linguagem não é um fato da cultura, inserido na cultura e dela indissociável. Para Hymes, a língua e a cultura têm estatutos próprios que permitem estudos isolados, embora existam claras relações entre ambas, que seriam objeto de estudo nas duas primeiras fases por ele propostas. Como ele mesmo definiu seu objetivo era

"to interpret or explain the relationship between the data depicted (step 1) and the cultural place and fit found for them (step 2), as due to a particular kind of dependence between the two."

(idem, p.120)

Estes passos de Hymes abriram espaço para a verificação da interinfluência entre linguagem, cultura e pensamento, principalmente porque:

a. separam a linguagem da cultura, dando à linguagem um estatuto que não possuía na visão de Whorf;

b. estabelecem a separação entre pensamento e cultura de forma mais clara do que a estabelecida por Whorf, sendo que permanece, porém, a idéia de que a cultura é o reflexo perceptível do pensamento de uma comunidade e;

¹⁸ HYMES, D.H. (1966). *Two Types of Linguistic Relativity*. In W. Bright (ed.), *Sociolinguistics*. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. The Hague, Mouton.

c. admitem que a influência entre cultura e linguagem se dá em uma “via de mão dupla” em um claro retorno à idéias de Sapir, abandonando o determinismo linguagem>>pensamento defendido por Whorf.

Esta inovação, inclusive metodológica, de Hymes foi sumamente importante para o desenvolvimento de uma moderna teoria etnolingüística pois, muito mais do que estudos de caso, ela propiciava uma visão mais universal dos fatos lingüísticos e da relação língua x pensamento, como ele mesmo procurava observar:

“the methodology of such “quadrangulation” has more general implications (for culture as well as linguistic studies), which have never been adequately developed”.

(Hymes. (1974¹⁹). p.34)

Um outro passo importante na aplicação das idéias de Whorf foi dado por Silverstein e consistiu em formular uma estratégia mais abrangente para análises comparativas de sistemas lingüísticos. Silverstein afirmava que casos ou estudos de casos possuíam indicações de significação e aspectos formais bem mais abrangentes do que a teoria tradicional considerava. Em outras palavras, afirmava que os estudos de casos poderiam ser usados com relativa segurança na formulação de regras “universais” sobre a linguagem. Ele exemplifica:

“ It is possible to interpret the universal ordering in terms of principles of an hierarchy of inclusiveness that centers on the event of speaking in which the noun frase types are used. so that use of language itself is at the basis of an analogical regimentation of reference .”

(Silverstein (1980²⁰). p.1)

¹⁹ HYMES. D.H. (1974). *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia. University of Pennsylvania Press.

E completa:

"The conclusion that we are led to in this particular functional realm is that there is a fundamental, perhaps "innate" character to inherent lexical content hierarchy, insofar as we interpret it to tell us something about the cognitive basis for referring and predicating".

(Silverstein, idem, p.5)

O trabalho de Silverstein pode ser definido, em suma, como uma tentativa de aprofundar as teorias de Whorf, das quais sofre grande influência e como ele mesmo apresenta:

"What we have done here is to generalize Whorf's observation [about the referential function of speech] for the whole range of functions of speech, reference being just one function that is clearly at the center of the whole etno-linguistic system".

(Silverstein (1981²¹), p. 19).

A contribuição específica do trabalho de Silverstein ao meu está mais ligada à concepção metodológica do que à teórica. Por suas idéias, comprova-se que um estudo com uma língua como o moré, por exemplo, pode ser útil para a ilustração - ou até comprovação - daquilo que é típico dos sistemas lingüísticos como um todo. Por exemplo de processo típico das línguas enquanto fatos típicos do ser humano, pode-se tomar a interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura. Neste trabalho específico, procuro, através do

²⁰ SILVERSTEIN, M. (1980). *Cognitive Implications of a Referential Hierarchy*. Paper presented at the Max-Planck-Institut für Psycholinguistik, Nijmegen, The Netherlands.

²¹ SILVERSTEIN, M. (1981). *The Limits of Awareness*. Working Papers in Sociolinguistics, no. 84. Austin, Southwestern Educational Laboratory.

estudo das construções das figuras que aparecem nos nomes compostos morés, comprovar um aspecto muito mais amplo dos fatos lingüísticos. Através do que poderíamos chamar de “caso dos nomes morés” pretende-se uma conclusão bem mais generalizante sobre as línguas como um todo.

Assim, os trabalhos de Hymes e Silverstein são especialmente significativos no que concerne não só aos aspectos metodológicos, mas também no que se pode chamar “uma interpretação validativa” de estudos de línguas em extinção, como é o caso da presente dissertação. A possibilidade de generalização analógica das conclusões a que se chega abre perspectivas muito mais interessantes no caminho da construção de teorias sobre famílias lingüísticas, na reconstrução de proto-línguas ou na hipotética descoberta de aspectos “universais”. De qualquer forma, estudos como os de Hymes e Silverstein abriram fronteiras aos estudos de caso, que passaram de conclusões de caráter restrito a indicações de aspectos mais gerais sobre o pensamento, a língua, a cultura e as relações existentes entre os três.

Fundamentando-se nessa idéia de que estudos de caso podem servir de base para de teorias mais generalizadoras sobre a linguagem, justificam-se trabalhos como esta dissertação. Poder-se-ia classificar os estudos de caso na Lingüística em duas categorias gerais. O primeiro, o estudo de casos lingüísticos, ou seja, da ocorrência de certo fato lingüístico em uma comunidade de fala. Estes casos levam em conta a linguagem de toda uma comunidade e, não, apenas de um indivíduo. São especialmente adequados para a análise sociolingüística, a etnolingüística, a morfofonológica, a sintática, e a discursivo-pragmática de uma língua. O segundo, o estudo de casos individuais, quais sejam, aqueles em que um único informante, ou um grupo muito restrito, é tomado como objeto de estudo. Este tipo de estudos é bastante adequado em análises psico e neurolingüísticas, e até para estudos discursivo-pragmáticos, dependendo do enfoque dado pelo estudioso aos dados obtidos. Nestes termos teríamos o caso “fato da linguagem” e o caso “fato do indivíduo”.

em cada um dos tipos apresentados, respectivamente. Nos estudos com línguas em extinção, que contam com raríssimos falantes, ou até com um último falante somente, o estudo da língua pode ser encarado como um estudo de caso individual, sendo que, para chegar ao que seriam fatos da língua, propriamente ditos, as peculiaridades do falante devem ser criteriosamente separadas, pelo estudioso, das generalidades da língua.

1.5. LINGUAGEM E CONSTITUIÇÃO DOS SIGNIFICADOS

Uma outra forma de encarar as relações entre a língua e o pensamento e, conseqüentemente a atribuição de significados nas línguas, é a que foi apresentada pelo filósofo e gramático alemão Wilhelm von Humboldt (especialmente em obra de 1836 intitulada “Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprach” e em um ensaio de 1859 denominado “De l’origine des formes grammaticales et de leur influence sur le développement des idées” (seguido de Lettre à M. Abel Remusat)). Neste texto, Humboldt enuncia algumas características da linguagem, entre as quais destaca-se a de que esta é um processo permanentemente constitutivo e constituído, influenciador e influenciado, sempre ativo, portanto.

Estes textos de Humboldt e suas idéias são parcialmente retomados por Carlos Franchi, mais de um século e meio depois, em um artigo publicado em 1977 intitulado “Linguagem-Atividade Constitutiva”. Boas aplicações do texto de Franchi têm sido feitas. Uma das melhores - e endossada pelo próprio Franchi - é a feita por Coudry em seu “Diário de Narciso”, de 1988, que também utilizaremos aqui. É inegável, também, a relação (mesmo que inadvertida) entre as idéias de Franchi, Bakhtin e Vigostsky e dos três

influenciando as posições de Geraldi (especialmente em seu “Portos de Passagem”, de 1991). Citações destes autores serão feitas aqui em função do desenvolvimento deste texto.

1.5.1. Franchi e a Constitutividade

A teoria de Franchi (expressa no artigo citado e decorrente dos princípios humboldtianos) baseia-se na idéia de que cada língua não é um todo acabado, permanente. Pelo contrário, a linguagem é concebida como um processo permanente que atua sobre si mesmo, inclusive no que concerne aos aspectos formais. Uma citação de Franchi em Coudry (1988, p.55) explica a posição:

“Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo - a forma, a estrutura dessa atividade.”

Mas essa “forma” de que fala Franchi não seria a mesma forma aludida por Sapir? Parece-nos que não. Embora encare a linguagem

“como um sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui referências em que aquele se torna significativo”.

(idem).

aproximando-se aí de Sapir, o sistema formal da linguagem, para Franchi, como processual, permite o retrabalho sobre si mesmo, não sendo “um dado ou um resultado” (*idem*), mas

um constante reconstruir. Como em Sapir, há “uma via de mão dupla” pela qual a língua atua sobre os indivíduos e suas experiências e estes sobre a língua. Franchi ressalta que é pela natureza processual da língua que os indivíduos atuam simbolicamente sobre suas experiências e efetivamente sobre a própria estrutura da língua. É justamente em função dessa forma linguagem>experiência>linguagem (ou processo> realidade>reprocesso) que Geraldi afirma que

“a linguagem ... só tem consistência enquanto real na singularidade do momento em que se enuncia”

(Geraldi, 1993²²)

e Coudry comenta:

“(uma) língua não poderia ser interpretada fora de um sistema de referência onde as categorias e relações são construídas culturalmente. Nele se estabelecem as “medidas” das pessoas e das coisas, do tempo e do espaço, dos processos e dos acontecimentos, do que pode e não pode ser dito, não porque derivem de propriedades inerentes aos objetos (ou à língua), mas porque têm como ponto de referência um sistema cultural (partilhado)”.

(Coudry (1988²³), p. 56. (os textos entre parênteses foram por mim inseridos com a finalidade de recuperar os dados contextuais subentendidos na citação)

Como se vê, em Franchi, a língua é por si só uma experiência, e não um mero instrumento. E esta concepção é fundamental para embasar uma hipótese como a que propus, de interinfluência entre cultura, pensamento e linguagem, uma vez que se estabelece

²² GERALDI, J.W. (1993). *Portos de Passagem*. São Paulo. Martins Fontes. 1993.

²³ COUDRY, Ma. I. H. (1988) *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. São Paulo. Martins Fontes. 1988.

que a língua é passível de ser influenciada também, e não só o pensamento o é. Ao estabelecer que a língua é como que um organismo vivo, Franchi deixa aberta a possibilidade de que, como organismo, a língua esteja sob a influência de seu meio da mesma forma que influencia este mesmo meio. E o meio da língua é o meio cultural, como apontou Coudry, isto é, o meio em que se reflete o pensamento de uma comunidade.

Franchi aponta, no artigo já citado, oito características do processo lingüístico que considero fundamental apresentar aqui. Peço licença aos leitores para fazê-lo em forma de citações literais, embora constituam um trecho relativamente longo. Para Franchi o processo lingüístico se caracteriza por ser:

a. dinâmico - porque

"assumida em sua realidade essencial, a linguagem é uma instância continuamente e a cada instante em acesso de uma transição antecipadora".

(Humboldt, 1936, p. 183 in Franchi (1977²⁴) p. 29);

b. histórico -

"como um processo que, reassumindo embora o material e as direções recolhidas do passado, recompõe aqueles e reorienta estas. Não é um recomeçar, como não é um repetir".

(Franchi, idem, p. 29);

c. instável - porque

"se trata de um esforço em duas direções ao mesmo tempo: "Primeiro sobre o próprio fluxo do discurso que se profere, segundo

²⁴ FRANCHI, C.(1977). *Linguagem: Atividade Constitutiva*. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, Papyrus, 1992.

sobre as próprias energias que o produzem". instalando um equilíbrio instável".

(ib. p. 30):

d. que constitui - uma vez que

"designa um processo que não está sujeito a um conjunto estável e permanente de categorias, pois responde à provocação da imaginação: que constitui, mas não se institui; que não se fixa, mas retoma e renova".

(ib. p. 31):

e. coletivo - pois

"a linguagem não é um dado ou resultado ... mas um trabalho coletivo onde cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias".

(ib. p. 32):

f. quase estruturante- já que

"a linguagem na medida em que dá forma é bem já uma atividade quase-estruturante, mas não necessariamente estruturada... se concebemos estrutura como uma organização estável de categorias."

(ib. p: 32):

g. epilingüístico - isto porque

"a atividade lingüística supõe, ela mesma, esse retorno sobre si mesma, uma progressiva atividade epilingüística."

(ib. p. 32) .

E, finalmente:

h. criativo - pois,

“podemos falar que, em contraposição a uma criatividade “horizontal”, que se representa pela construção das expressões mediante procedimentos recursivos, a linguagem estimula uma criatividade “vertical”, em que os esquemas relacionais de base se estendem a novos campos de objetos ou recortam diferentemente os mesmos domínios.”

(ib.p. 33).

Essas citações de Franchi configuram uma postura que aponta para a necessidade de que os trabalhos lingüísticos devam permitir uma verificação mais contextualizada do fato lingüístico, isto é, da língua em uso, culturalmente inserida. Esta postura é reforçada na leitura de Bakhtin (1929). Este chega a criticar a idéia, então vigente, de que os cortes sincrônicos das línguas poderiam representar momentos estanques da sua evolução. Afirma que

“de um ponto de vista objetivo, o sistema sincrônico não corresponde a nenhum momento efetivo do processo de evolução da língua”.

(p. 91).

E isso porque a constante modificação, o retrabalho epilingüístico e criativo, cria e mantém sempre vivas, “zonas de penumbra” no sistema. Assim como na passagem da luz para a sombra não temos um ponto limite onde se diz daqui para cá é luz, daqui para lá é sombra, ao encararmos a linguagem como um processo permanente de retrabalho, não poderemos afirmar que uma mudança ocorreu no momento x ou y, mas teremos sempre uma “zona (ou época) de mudança” praticamente indefinível.

Minha aplicação das idéias de Franchi neste trabalho estará resumida a:

a. considerar a língua como sendo um organismo vivo, em constante situação de influenciar e de ser influenciada;

b. considerar que o ambiente de existência da língua é o ambiente cultural, do qual, naturalmente deverá receber influências e o qual irá influenciar;

Mantereí a diferenciação feita por Sapir e Whorf de que pensamento e cultura são instâncias distintas, adotando o pressuposto de que esta é o reflexo material daquele. A partir desses princípios procurarei argumentar a favor de minha hipótese e, posteriormente, procurarei comprová-la através da língua moré.

Enfocando a questão semântica, que é a específica deste trabalho, remete-se a Coudry:

“Os recursos expressivos e os esquemas semânticos são constituídos no discurso e no discurso são constituídas a referência e as relações fatuais”.

(1988. p. 59)

Sobre isto, ainda, recorro a Geraldí:

“Construir sentidos no processo interlocutivo demanda o uso de recursos expressivos: estes têm situacionalmente a garantia de sua semanticidade: e têm esta garantia precisamente por serem recursos expressivos que levam inevitavelmente o outro a um processo de compreensão”.

(1993, p. 10)

Destas citações, podemos ainda retirar um último “ingrediente necessário à minha hipótese: uma vez que a semanticidade somente é garantida no discurso (no ambiente cultural, diria), tem-se aí um forte indício do que chamei “via de mão dupla” de interinfluência entre língua, pensamento e cultura. Isto ocorre porque:

a. o ato lingüístico (uma sentença dita, por exemplo) funciona como uma proposta inicial, com uma carga semântica inicial, proposta pelo falante.

b. se esta carga é confirmada no ambiente cultural, confirmando a língua, estabelece-se o ato comunicativo (que é cultural) e a confirmação retorna à língua, confirmando nela este “ato” que se demonstrou produtivo. Se não se confirma o “ato” lingüístico, mesmo estabelecido o ato comunicativo, a negação retorna à língua exigindo um retrabalho sobre a própria língua e uma adequação de seu conteúdo semântico ao conteúdo do pensamento e da cultura.

Se assim o é, logicamente que um estudo da língua não deveria apresentar análises descritivas descontextualizadas, desreferenciadas, mas, como diz Franchi “deverá, pois, dar conta, em uma explicação completa e sistemática, das características dos atos (significativos) ou dos “modi significandi”. Em última análise, necessita-se de um sistema de coordenadas que permita uma teoria objetiva da linguagem em que se consideram as utilizações da linguagem em situações concretas e efetivas de ação verbal e de uma teoria do ato lingüístico, completada por uma teoria da forma”. (1977, p. 15). Duas observações devem ser feitas a partir deste momento:

a. este trabalho não é, como já disse, uma descrição pormenorizada de uma língua. Ele não objetiva a elaboração dessa “teoria objetiva” a que Franchi se refere. Diferentemente, procura utilizar uma língua para comprovar um questão que se creê universal. Não é uma teoria sobre uma língua; é uma teoria sobre todas as línguas.

b. em assim sendo, convém aqui esclarecer o que compreendo por contextualização nesta dissertação.

Toda a língua em uso é contextualizada, no sentido que em uso obedecerá a objetivos propostos pelo falante, mesmo que o objetivo seja o de que sua fala não seja entendida literalmente. Para a consecução desses objetivos o falante obriga-se à obediência de certos padrões da língua, que permitem que ela seja identificada como “língua” e “como esta língua”. Estes padrões, porém, não são inflexíveis, uma vez que, se assim o fossem, somente permitiriam a consecução de alguns dos objetivos expressivos da linguagem e em contextos muito restritos, ou então, a língua teria que criar infinitos padrões que impediriam que ela fosse caracterizada como “esta língua”. Logo, todo ato lingüístico é ao mesmo tempo uma adoção e uma contextualização/adaptação do padrão lingüístico utilizado na língua para a consecução de um objetivo proposto. Assim, e por isso mesmo, é que a língua está em permanente constituição: porque carece de permanente contextualização. Ao conversar com um informante em uma sessão de coleta de dados, naturalmente ele estará contextualizando as informações que repassa sobre sua língua, no sentido que as seleciona e apresenta de uma maneira mais ou menos relacionada aos padrões que, em sua cultura, são caracterizados como de “melhor qualidade” lingüística. Mas o importante, em um trabalho como este, é que os dados sejam relacionados ao padrão cultural do informante, observados do seu ponto de vista. Para comprovar uma hipótese como a minha, não basta dizer que [k^xinam] significa onça na língua moré. É importante saber porque significa onça, como este povo vê o objeto “onça”, o que esta palavra traz em si que possa ser estabelecido como correspondente à visão de onça que este povo desenvolveu culturalmente, etc. Contextualizar, para um trabalho como o meu, significa inserir na visão cultural, e portanto,

no pensamento da comunidade que se utiliza da língua estudada. Torna-se necessária uma caracterização do contexto cultural em que a língua moré “funciona”, de forma a que esta caracterização sirva como o “sistema de coordenadas”, utilizado na interpretação e na análise da língua, citado por Franchi.

Dependendo de sua intenção, o informante pode fazer justamente o contrário do que relatado no parágrafo anterior: proceder a uma seleção propositalmente pouco relacionada ao que seria uma variante mais clássica ou tradicional de sua língua, ou mesmo informar somente em um dialeto que teria pouco prestígio para os falantes nativos. Mais uma vez dever-se-á estabelecer um vínculo claro entre estas variantes e a cultura à qual se relacionam, aos valores culturais compreendidos, ao pensamento do povo em relação a estas variantes. Neste ponto pode ser útil uma digressão e uma comparação envolvendo Saussure e sua teoria da diferenciação entre língua e fala. Para ele,

“língua é somente uma parte determinada, essencial (da linguagem)”. (Saussure (1987²⁵), p.17)

e que apresenta as seguintes características:

a. “ela é um objeto bem definido. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associada a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la. Ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade:

b. a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente:

²⁵ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1987.

c. a língua é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica e:

d. a língua é um objeto de natureza concreta.”

(idem. pp. 22-3)

e conclui:

“Pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada: os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade.”

(ibidem. p.26)

Sobre o que ele mesmo chama de *fala*, Saussure diz:

“A fala é a parte individual da linguagem, inclusive a fonação, e é psico-física... É a fala que faz evoluir a língua: são as impressões que recebemos dos outros que modificam nossos hábitos lingüísticos.”

(ibidem. p.27)

A maior diferença que se pode encontrar entre a teoria constitutiva que até aqui apresentei e as definições de Saussure está no conceito implícito de língua. Na verdade, para uma teoria constitutiva a língua não é como uma sinfonia a ser executada, mas como uma “peça de jazz” que se constitui diferentemente ao ser tocada a cada nova execução, com matizes diferentes que não se caracterizam, como dizia Saussure. “erros que podem cometer os músicos”, mas acertos que definem a própria natureza da “peça”, uma vez que é

deles que depende sua existência enquanto “organismo vivo” em plena construção. Desta forma, os episódios lingüísticos, diferentes da “fala” de Saussure, são mais do que atos individuais: são parte de uma relação cooperativa onde criar não só é permitido, mas necessário ao desenvolvimento do jogo.

Consideremos isso em relação aos estudos com línguas indígenas, como este. É próprio considerar que, como quaisquer outras, as línguas indígenas apresentam as mesmas características, que foram apresentadas, de serem constitutivas. É próprio, também, considerar que seus falantes nativos trabalham e retrabalham com e sobre elas, imputando-lhes a mesma dinâmica evolutiva atribuível a outra língua qualquer. Ao estudioso dessas línguas, como a qualquer outro que estude uma língua diferente da(s) sua(s) nativa(s), duas, de muitas outras alternativas, auxiliariam substancialmente nos estudos que tenham um enfoque constitutivo como ponto referencial:

a - aprender a língua e conviver com os indígenas no local de uso efetivo da língua, para, através de sua experiência pessoal, vivendo o meio cultural, ser capaz de apreender do processo lingüístico seus aspectos constitutivos e ser capaz ainda de manipular eficazmente os recursos expressivos e as possibilidades de variação da forma lingüística;

b- além de averigüar, o mais concretamente possível, os fatos da cultura e do pensamento da comunidade que fala a língua estudada, procurar determinar quais são os fatores que interferem no discurso do(s) informante(s) para com o pesquisador, como a variedade da língua que presumivelmente seria escolhida como informação, as deficiências de tradução²⁶ entre as línguas e a possibilidade de uma terceira língua intermediária, as

²⁶ No caso específico deste estudo, utilizou-se uma terceira língua como ponte de tradução entre o português e o moré. Tratou-se de um dialeto do espanhol utilizado nas regiões ribeirinhas dos vales do Mamoré e do Guaporé, que mistura os léxicos do espanhol, do quichua e de línguas indígenas da região. Não poucas vezes

intenções, disposição pessoal (motivação) e relacionamento com o pesquisador por parte do(s) informante(s), e mesmo o “grau de informação” do(s) informante(s) com relação à sua própria língua (e pensamento e cultura).

A clarificação desses fatores²⁷ auxilia na construção dos sentidos no processo (que é interlocutivo, mas em dimensões diferentes de uma interlocução entre falantes de uma mesma língua). Ajuda, também, a garantir a semanticidade da interlocução (e conseqüentemente a comunicação), mesmo que fosse necessária a utilização de recursos expressivos pouco comuns aos atos de fala próprios de interlocuções entre falantes de uma mesma língua, como gesticulações excessivamente marcadas, caretas, desenhos, gritos e produção de sons incomuns à língua, entre outros. Esta clarificação dos fatores que influem na interlocução ajuda, também, na restrição do conjunto de possíveis conclusões a serem retiradas dos dados, evitando-se uma análise fantasiosa e desprovida de qualquer relação com a realidade factual da língua.

Parece claro (embora não decididamente correto) que a primeira opção tende a produzir estudos mais seguros da realidade de uma língua indígena. Isto não invalida a segunda forma, porém, que é a deste estudo. E uma das razões que aponto para isto, a retomo da introdução: não é habitual aos falantes de uma língua o trabalho metalingüístico. Vezes há em que, a um estudioso que analisa sua própria língua materna, torna-se necessário recorrer ao auxílio de outros falantes “informantes” da própria língua do estudioso, para confirmar-se uma hipótese sobre ela. Tornar-se auto-informante é fato que tem ocorrido, muitas vezes, pela própria natureza de seu trabalho, com missionários que vivem dezenas de

tivemos que recorrer a uma terceira e até a uma quarta pessoa para poder entender as informações dadas pelos informantes. Problemas de tradução como estes são comumente encontrados em estudos iniciais com línguas indígenas desconhecidas e podem conduzir o pesquisador desatento a conclusões errôneas.

²⁷ Um dos fatores que mais influenciam a coleta de dados, e que foi claramente sentido nos trabalhos que realizamos, é a aceitação, por parte do informante, do pesquisador como um interlocutor “digno” das informações que ele, informante, tem a dar. Este fator “confiança” determina, em grande parte, o resultado que pode ser obtido com um mesmo informante por dois ou mais pesquisadores.

anos em uma determinada aldeia, sempre lidando com a mesma nação indígena. Mas, alguns destes trabalhos feitos com pesquisadores auto-informantes têm sido desmentidos por estudos posteriores feitos com falantes nativos e realizados por estudiosos que não falam a língua estudada. O viver dezenas de anos entre índios não garante que se vai chegar ao ponto de auto-informante. Há casos relatados a nós que informam sobre missionários que viveram dez ou quinze anos em uma mesma aldeia e não foram “deixados aprender” certas variantes da língua, como por exemplo a variante dos anciãos, ou mesmo a variante principal, por não gozarem de confiança ou simpatia da tribo. Também concorrem para esta segregação do pesquisador alguns aspectos culturais da comunidade, que atuam como determinantes para certas “proibições” como esta.

Como exemplo de choque cultural entre o pesquisador e o informante, posso citar um caso recém ocorrido na área da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, em Guajará-Mirim, Rondônia, com um grupo de geólogos que procuravam informações acerca de formações rochosas da região. Esses pesquisadores foram instruídos pela direção da reserva a procurar um certo seringueiro que há cerca de cinquenta anos habita a região. Seguiram, mata a dentro, uma trilha indicada pelos membros da comunidade, que os levaria à casa do pretendido informante. Ao chegar à casa do seringueiro, foram sumariamente expulsos, sem oportunidade de, ao menos, apresentar-se. De volta à aldeia próxima, descobriram o porquê do ocorrido: reza o costume local que a aproximação de qualquer pessoa à casa alheia somente pode ser feita sem carregar-se armas de quaisquer tipos (espingardas, facões, facas de bainha, etc.). Estas armas devem ser deixadas na trilha, cerca de cem metros antes de chegar-se à casa à que se dirige o visitante, sendo depois recolhidas, no caminho de volta. Os geólogos estavam carregando facões e facas na cintura, além de espingardas nas costas, ao chegarem na casa do pretendido informante, que reagiu segundo as normas locais. Fatos como estes, muitas vezes, demoram muito a ser esclarecidos, podendo pôr a perder toda uma empreitada.

No caso específico desta dissertação, procurei atentar para os fatores que, a meu ver, determinariam o tipo de informação que seria prestada pelos informantes. Vejamos a aplicação de alguns dos critérios mencionados ao principal informante desta pesquisa, D. Manoel Saez, já apresentado na Introdução:

1. interesse - como dissemos, D. Manoel tinha a intenção de ser útil aos pesquisadores, o que o mantinha na cidade e sob cuidados médicos (e de hospedagem) de que não desfrutava na aldeia. Daí o ritmo que impunha aos pesquisadores, ditando horas e intensidade das coletas de dados;

2. relacionamento - com o passar do tempo, desenvolveu-se uma relação de amizade, de cumplicidade, diária, o que abriu caminho a informações mais íntimas da vida da aldeia e do informante (exceto a de que ele não era o último falante...);

3. tradução - houve uma língua intermediária, o espanhol. Em virtude disto, procurou-se utilizar acentuadamente fotografias e desenhos de animais e plantas de região, objetos e mesmo passeios a lugares da região. Recorreu-se também a tradutores bolivianos que falavam um dialeto do espanhol semelhante ao espanhol utilizado pelo informante e que fossem falantes fluentes do português ou da variante clássica do espanhol da Bolívia, a qual eu compreendia bem;

4. conhecimento da língua e da cultura - trata-se de um ancião da aldeia (não só em idade, mas tido como conselheiro). É tido como o último dos anciãos, detentor do conhecimento e da língua dos antepassados. Isto faz esperar informações mais sérias, mais calcadas na realidade da língua e das tradições, e uma menor disposição em “brincar” com a cultura de seu povo ou em inventar dados. Esperamos dele, também uma língua com poucas expressões “caboclizadas” e utilização bastante restrita de gíria moré. Ainda, esperamos dele algumas relações

entre as significações atuais e a história culturalmente aceita como sendo a da língua²⁸ e principalmente;

5. uma introdução consistente ao pensamento e à cultura morés, que pudessem ser atestados na realidade da aldeia, o que realmente aconteceu.

Este é, aliás o principal aspecto deste trabalho. O que proponho é demonstrar que não faz muito sentido estudar semanticamente uma língua do ponto de vista exclusivo do estudioso, segundo sua própria visão de mundo. Um estudo semântico que se faça verdadeiramente descritivo deve levar em conta, entre outros, os aspectos culturais de atribuição dos significados da língua estudada. Aspectos como a classificação do mundo natural e as categorias nativas²⁹ que um povo utiliza (e que são o reflexo de parte do pensamento), a visão que este povo tem do seu próprio cosmo, e os paradigmas que um povo organiza como retratos da organização que imputa a seu mundo não podem ser esquecidos. Aqui está, penso eu, um mérito deste trabalho : o de, ao menos, tentar levar em conta a visão que os próprios índios morés têm de sua própria língua, de tentar descrever os fenômenos semânticos segundo os próprios informantes os enxergam em sua língua, pelos olhos de sua própria cultura.

Em vista tudo isto, por segurança, optei por trabalhar nomes e categorias nativas. Estas, para procurar depreender aspectos culturais que são, geralmente, mais

²⁸ É comum entre as nações indígenas da Amazônia a existência de mitos e lendas que narrem a criação de palavras e frases da língua, como veremos alguns casos em capítulos subseqüentes. Comentários de Lévi-Strauss sobre essas narrativas levam à compreensão de que podem ter uma finalidade social ou ecológica fundamentada em fatos históricos da nação. É a estas narrativas que me refiro ao dizer que esperava do informante aspectos que de alguma forma reconstituíssem a evolução semântica da língua.

²⁹ Entende-se neste texto por categorias nativas aquelas que são criadas em uma cultura para compor seu quadro descritivo do macrocosmos que a rodeia. Por exemplo, para categorização dos diversos animais, plantas, do meio ambiente geográfico, etc. Trata-se de categorias cognitivas, mas muitas vezes refletidas na língua, formando até categorias internas na própria língua. A língua yanomami, por exemplo, reflete a classificação que este povo faz de seu mundo em classes nominais categorizadas através de classificadores que agrupam os nomes segundo certas características de seus referentes. Trata-se de um reflexo, na língua, das categorias cognitivas culturalmente estabelecidas.

concretos e cotidianos. daí menos subjetivos e mais facilmente reconstituíveis; aqueles, porque os creio a parte mais estável³⁰ no “instável equilíbrio lingüístico”. além de constituírem meu maior conjunto de dados.

1.6. A HIPÓTESE DA INTERINFLUÊNCIA ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA

Neste ponto já posso expor uma versão mais completa de minha hipótese e, baseado nas conclusões colhidas até aqui, elaborar os argumentos que expus sumariamente na Introdução, partindo para testá-los nos capítulos subseqüentes.

Hipótese da Interinfluência entre Cultura, Pensamento e Linguagem:

Cultura, pensamento e linguagem interagem, interinfluenciando-se de forma cíclica.

Argumentos básicos desta hipótese:

a. a cultura de uma comunidade é o conjunto de todos os instrumentos desenvolvidos por esta mesma comunidade para conduzir controladamente as ações da própria comunidade;

b. a cultura de uma comunidade é o reflexo do pensamento desta comunidade, da visão que esta comunidade tem de seu mundo, de sua realidade.

³⁰ Por estável, entendo a característica de baixa propensão às modificações constantes no processo evolutivo natural, que certas partes das línguas apresentam. Ao realizar um corte sincrônico na língua moré, procurei precaver-me das “zonas de penumbra” aludidas por Bakhtin e citadas anteriormente neste trabalho. Os nomes são reconhecidamente mais estáveis, com relação à sua forma, do que expressões adverbiais e interjeições, por exemplo, sendo utilizados como base nas medições da evolução das línguas pela método glotocronológico.

c. a língua é o principal instrumento de que dispõe esta comunidade para expressar os valores de seu pensamento, sendo portanto o principal instrumento de estabelecimento da cultura;

d. como instrumento de estabelecimento dos valores da cultura, a língua atua sobre a própria cultura, na medida em que a estabelece ou em que pode ser utilizada para refutá-la, e sobre o pensamento, por consequência;

e. atuando sobre o pensamento e a cultura, a língua atua sobre si mesma, uma vez que é instrumento a serviço do pensamento e da cultura. Forma-se daí um processo cíclico de interinfluência entre pensamento, cultura e linguagem, de tal forma constituído que é tênue a linha de separação que permite ver mais claramente a influência de um sobre o outro.

Vejamos uma ilustração com um fato hipotético³¹ para estes argumentos, somente com o objetivo de clarificá-los aqui, sendo que nos capítulos subseqüentes procurarei, apresentando exemplos da língua moré, confirmá-los mais claramente:

“Em uma determinada língua *y* utilizada por uma comunidade *y*, com suas peculiaridades culturais, o nome estabelecido para um certo pássaro rapineiro é *destruidor*. A rapina, nesta cultura, sempre foi mal vista, pois são um povo criador de galinhas, e o pássaro recebe um nome que, nesta língua, significa *aquela que destrói*. Este nome que tem uma conotação ruim na cultura desta comunidade.

³¹ Alguns fatos concretos semelhantes puderam ser colhidos junto aos informantes morés. Não possuo, porém, o domínio integral dos detalhes destas narrativas, detalhes estes que seriam importantes na compreensão de tais histórias pelo leitor.

As gerações que surgirem tenderão a ver o pássaro *destruidor* como nocivo, maléfico. Isto é a língua influenciando as novas gerações de falantes, mas porque já foi influenciada pelo pensamento e pela cultura anteriormente, no ato de nomeação do pássaro. Mas, digamos que, em um momento qualquer de sua história, esta comunidade seja afetada por uma peste de roedores que destroem as lavouras de milho. O pássaro *destruidor* poderá assumir um papel importante no combate a esta praga e passar a ser visto como o *destruidor da praga*, ganhando uma conotação boa na cultura. O sentido da palavra que designa o nome do pássaro será modificado por ação da mudança do pensamento e da conseqüente mudança da cultura. As novas gerações receberão valores culturais diferentes expressos pelo nome do pássaro, pois o ciclo de interinfluência entre linguagem, cultura e pensamento atuou decisivamente.”

Para que este estudo seja contextualizado nos moldes que propus anteriormente, portanto, cumpre conhecer um pouco da história de da cultura morés: quem são, de onde vieram, como se enxergam a si mesmos como povo histórico e como povo atual, enfim, especificidades desta nação indígena do vale dos rios Mamoré e Guaporé. Passemos, então, à nação moré.

2. INFORMAÇÕES SOBRE O POVO MORÉ E SOBRE O INFORMANTE PRINCIPAL

O objetivo deste capítulo é fazer com que o leitor conheça um pouco da história contada acerca do povo moré, da história contada por eles mesmos sobre seu povo e também conhecer um pouco do informante principal deste trabalho, D. Manoel Paray, tendo-se, desta forma, uma visão introdutória de aspectos da cultura moré e de sua história. Esta visão introdutória concorre para a contextualização dos dados da língua em relação à cultura, necessidade que impus ao trabalho no capítulo anterior. Infelizmente, a história registrada dos morés é confusa e esparsa. São citados em uns poucos manuais sobre etnias bolivianas, patrocinados pelo governo boliviano. Essas citações são, em sua maioria, a repetição de anotações de campo de Leigue Castedo, um dos “pacificadores” do povo moré no período pós-Segunda Guerra Mundial. Poderíamos assim organizar os registros que hoje temos:

Data de Publicação e Título da Obra (se houver)	Autor	Conteúdo
1913	Crequi-Monfort e Rivet, exploradores e pesquisadores	Contém notas de diários de campo (possivelmente de 1839) de d'Orbigny, um comerciante europeu que trabalhou junto aos morés e de um diário de Cardus (possivelmente de 1886), um “pacificador” oficial do governo boliviano. A obra destes autores não foi localizada e os livros que a citam não trazem dela uma referência bibliográfica completa.
1957	Leigue Castedo, militar boliviano	Trata-se de notas de campo do

"El Itenes Salvaje"	designado para pacificar o povo moré, entre outros da região do vale dos rios Mamoré e Guaporé.	período de pacificação sobre diversos assuntos e fortemente marcadas pela ideologia do dominador. Retoma, também, as notas de d'Orbigny e Cardus.
1982 "Lenguas Indígenas de Bolívia"	Grasso, D.E.I., pesquisador	Retoma as notas de Castedo como sendo a única referência ao povo moré.
1985 "Pueblos Indígenas de Bolívia"	Grasso, D.E.I., pesquisador.	Procede da mesma forma que na obra de 1982.
1985 "Etnias y Lenguas de Bolívia"	Martinez, P.P. e Carvajal, J.C., pesquisadores	Retoma as notas de Grasso (1982).
1985 "Linguas Brasileiras"	Rodrigues, A.D. (1985), pesquisador	Apenas cita a existência dos morés.
1987 "Guia Etnográfica Linguística de Bolívia: Tribos de la Selva"	Aragón, M.M., pesquisador	Retoma as notas de Grasso (1982)
1987 "Language in the America"	Greenberg, J., pesquisador	Propõe uma classificação para as línguas ameríndias. Utiliza os dados de Rivet para suas análises das línguas Txapakura.
1995 "Fonêmica da Língua Moré"	Müller, D.M., pesquisadora	Trata-se de uma análise fonêmica da língua moré em forma de dissertação de mestrado.

Outras fontes, que são inclusive citadas nos trechos aqui transcritos, não puderam ser referenciadas porque são citadas sem qualquer referência por alguns autores das obras acima.

Os textos que temos sobre os moré devem, portanto, ser vistos com o cuidado de quem avalia a fala de alguém sobre seu inimigo. Uma forma de proceder a esta

avaliação é comparar os textos com os depoimentos pessoais dos morés e, a partir disto, concluir um meio-termo entre os dois. “nem muito ao céu, nem muito à terra”. Vamos às informações.

2.1. INFORMAÇÕES SOBRE O POVO MORÉ:

2.1.1. População e pacificação:

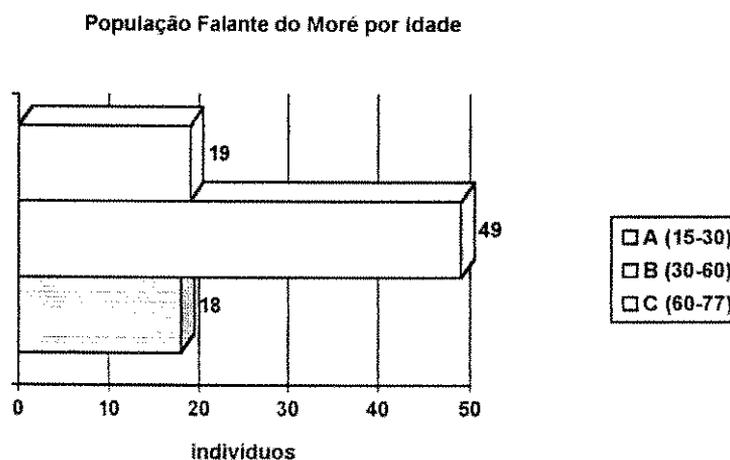
“Oro Pwirip To”, o povo que afugenta: os morés, por eles mesmos. Quatro mil indivíduos na década de cinquenta. Cerca de cento e vinte indivíduos semicabocizados, entre crianças e adultos, espalhados por aldeias, malocas e diversas cidades do Brasil e da Bolívia, em mil novecentos e noventa e cinco. Nação de fama, aguerrida e belicosa, resistiu à “pacificação” até a década de trinta. Hoje, os morés se constituem em um povo miserável, que depende inteiramente do auxílio alheio, especialmente no que se refere aos aspectos de saúde e educação escolar. Do antigo orgulho, resta-lhes uma saudade mística. No presente, a esperança de demarcação, pelo governo boliviano, de parte das terras ocupadas ao longo do rio Itenês (Guaporé, no Brasil), do qual herdaram o nome boliviano, pelos seus antepassados.

A documentação inicial que obtive é a que citei como sendo as pequenas anotações coletadas por d’Orbigny (1839) e Cardus (1886), “pacificadores”³². Ambos foram atuantes conquistadores dos territórios dos indígenas pretendidos para ocupação pelo governo boliviano, tendo escrito sobre diversas nações da região, em seus diários pessoais

³² Mantenho aqui o termo *pacificadores* como é utilizado pelos próprios indígenas, colocando-o, porém, entre aspas, numa tentativa de desfazer a ambigüidade natural com o significado do português “aquele que busca ou traz a paz”. No caso específico, a despeito do nome, trata-se de situação oposta. Os *pacificadores* eram comerciantes e/ou militares autorizados e/ou pagos pelo governo boliviano para afugentar ou submeter os indígenas da região, permitindo a exploração econômica da mata e da terra. O Brasil também teve seus “pacificadores”. O mais famoso deles é, sem dúvida, o Marechal Cândido Rondon.

ou de expedição. Datas exatas não são disponíveis. Nem mesmo entre os anciãos da tribo há consenso sobre datas, sendo que muitos deles discutem acirradamente sobre suas próprias idades. Mesmo a idade de D. Manoel Saez, o principal informante, foi calculada aproximadamente, com base em alguns acontecimentos históricos que são narrados por ele e por outros anciãos.

As últimas informações sócio-lingüísticas sobre os morés foram coletadas por Vítor³³, auxiliar na expedição de outubro de 1995, comandada por Angenot (citada na Introdução). Os dados são tidos como exaustivos, além de atualizados, e permitem uma subdivisão da atual nação moré por idade e nível de utilização da língua moré. Podemos representar a nação moré falante da língua pelo seguinte gráfico:



A (idade entre 15 e 30 anos) - entendem o moré, mas não falam;

B (idade entre 30 e 60 anos) - falantes esporádicos que conhecem a língua; melhores entendedores do que falantes;

C (idade entre 60 e 77 anos) -falantes habituais; profundos conhecedores da língua

³³ Um anexo com o levantamento feito por Vítor é apresentado ao final. Nele são encontrados os nomes e idades de todos os morés que falam a língua. Os não falantes não são discriminados no documento, embora tenham sido contados no âmbito do trabalho.

Os dados representam três gerações bem distintas dos morés:

1ª - **C** a geração que já falava moré antes da “pacificação”, na década de trinta;

2ª - **B** Os filhos da geração da coluna **C** do gráfico, que nasceram após a “pacificação”, quando o moré foi proibido de ser falado e que aprenderam a língua às escondidas e;

3ª - **A** os netos da geração da coluna **C** do gráfico, que não foram educados na língua, mas a aprenderam eventualmente, através da fala dos velhos.

Mais do que gerações, esses dados refletem momentos distintos da história dos morés:

1º - o período de existência de um povo e de uma cultura morés propriamente ditos;

2º - o período em que os morés estiveram sujeitos ao domínio do exército boliviano sob o comando de Leigue e ;

3º - o período atual, de abandono à própria sorte e em que se estabelece um processo de aculturação.

Vejamos algumas das notas dos “pacificadores”, na tentativa de recuperar um pouco do que era a antiga nação moré.

O povo moré, enquadrado nos povos da família Txapakura, teve iniciada sua “pacificação” oficial, isto é, financiada pelo governo boliviano, independente de contaos anteriores com mercadores ou exploradores, em 1913 por um missionário sueco conhecido apenas por Nordenskiöld, segundo informação de Castedo (1957). Castedo foi, entretanto, o principal responsável pela pacificação dos morés. Tal processo iniciou-se na margem boliviana do rio Guaporé. O próprio Castedo informa que o povo moré só aceitou negociar a paz posteriormente, por intermédio do viajante e comerciante alemão Heinrich Sneathlague, sendo definitivamente “pacificado” em 1937 pelo exército (!) boliviano.

Parece ter sido muito eficaz a “pacificação” no que diz respeito ao “povo que afugenta”. Conforme Martinez e Carvajal (1985)

“Wanda Hanke afirma que Shethlague calculò em 3.000 la poblaciòn moré. Este número fuè reduciendose a consecuencia de epidemias y otros factores, hasta algo más de 100 personas (Hanke, 1956: documentos manuscritos en INEL). Misioneros del ILV³⁴ y Kelm citado por Riester estimam la poblacion Moré de 100 a 110 personas.”³⁵

Finalmente, Riester (1974)

“calcula em 142 personas la poblaciòn Moré. (1976. 56-7).” (p.147).

Os dados apresentados por Aragón, embora um pouco diferentes, não são menos estarrecedores; o grupo moré, segundo este autor, (Aragón, 1987), teria sido

³⁴ É possível que se trate do Instituto Linguístico de Verano (ou Summer Institute os Linguistics), mas não nos foi possível encontrar confirmação para isto.

³⁵ Estas referências são colhidas de relatórios publicados pelo governo boliviano em forma de coletânea e citados na referência bibliográfica. O significado das siglas constantes do texto e outras informações nos são desconhecidos, em virtude da precariedade de material disponível sobre o assunto. Da mesma forma, não nos foi possível ter acesso aos manuscritos citados no texto, não nos sendo possível, portanto, prestar informações sobre sua existência nos dias atuais.

reduzido de 4.000 indivíduos, estimados em 1950, a 150 indivíduos estimados em 1969. Nesse período não se pode desprezar a ação decisiva de Leigue Castedo, o “pacificador” ligado aos militares bolivianos que governou a região com mão de ferro por cerca de trinta anos e que, por possuir o aval incondicional do governo boliviano de então em suas ações, deu-se o direito sobre terras, posses e vidas dos indígenas dos quais “cuidava”. Leigue é hoje citado pelos índios Morés com o tom respeitoso e magoado de quem cita uma entidade maligna ou de um judeu que ousa citar Hitler. Por alguns anciãos é chamado de “Diabo Leigue”. Mas o genocídio³⁶ cometido com os morés traz nos escritos dos “pacificadores” algumas explicações. (se é que há “explicação” para isso). D’Orbigny, um pesquisador e também “pacificador” do século XIX, reeditado em 1957 pelo governo boliviano e citado em Grasso (1985), diz sobre os Moré:

“Seu carácter se asemeja al de los Moxos, pero presenta algunas semejanzas con el de los Canichanas. Independientes y orgullosos al extremo, no les falta franqueza y bondad. Han preferido dejar-se diezmar durante um siglo, a someterse al celo religioso de los jesuitas o al yugo de los Españoles. Siguen siendo hoy lo que eran en la época del descubrimiento y deben el mantenimiento de su independencia a la unión que reina entre ellos”.

(p. 348)

“Esta unión que reina entre ellos” era o motivo básico das ações de Leigue no período pós-pacificatório. Havendo já grande parte do território da margem boliviana do

³⁶ Não se pode considerar a política de ocupação das terras dos indígenas nesta região de outra forma que não a genocida. Havia, segundo relatos dos anciãos de diversas tribos, a ordem direta por parte do governo boliviano de eliminação dos indígenas que se opusessem à ocupação das terras e à exploração econômica da mata, especialmente através da retirada das madeiras-de-lei existentes na região. Esta política estendeu-se até um passado recente, quando os organismos internacionais deram início a trabalhos de defesa dos direitos humanos de grupos minoritários, entre eles os indígenas. Hoje, a política não é genocida, no sentido do agente genocida, mas por ser uma política de abandono à própria sorte nas terras mais desgastadas e improdutivas que restaram na região, acaba por ter os mesmos resultados funestos. Nestes termos, a maioria dos pacificadores bolivianos (e brasileiros) atuou historicamente como genocida sob os auspícios governamentais.

vale dos rios Mamoré e Guaporé sido conquistada pelo exército boliviano, os morés permaneciam como ilha de resistência ao processo de ocupação. Desta forma foram estabelecidas por Leigue estratégias de conquista que tinham a ver com o enfraquecimento da nação moré restante.

2.1.2. Informações sobre a Sociedade e alguns Costumes:

As poucas descrições externas (i.e., não feitas pelos próprios informantes) que temos dos morés são as citadas em Grasso (1985) e Castedo (1957). Algumas delas são especialmente merecedoras de atenção, seja pela informação etnográfica repassada, seja pela forma ideologicamente marcada de sua apresentação. Vejamos:

“Sus costumbres son muy extraños. Viven en aldeas en medio de sus desiertos, defendidos por inmensos pantanos o por bosques poco accesibles. Solo les interesa la semicivilizacion que los rodea, para deslizarse en sus piraguas por los pequeños afluentes del Mamoré e del Itenez. Desde allí espian a los indios de las misiones y a los soldados brasileños del Fortin da Beira, los atacan de improviso, sobre todo de noche, y los matan unicamente para apoderar-se de sus instrumentos de hierro. Cazadores intrépidos y pescadores infatigables, no son menos agricultores. Nunca eram sido antropófagos”.

(p. 348 -49)

Ao checar estas informações na aldeia de Monte Azul, obtivemos sua confirmação. Os morés foram considerados os “piratas do Guaporé” até a década de cinquenta. O povo se havia recolhido a lugares inacessíveis aos brancos e costumeiramente atacava as embarcações comerciais que faziam a rota Costa Marques - Forte Príncipe da

Beira - Guajará-Mirim - Guayaramerin. Nesses assaltos noturnos aos barcos de comércio, os tripulantes eram mortos, inclusive mulheres e crianças, e as cargas levadas de canoa às aldeias morés. Os barcos eram afundados.

Parte interessante dos relatos colhidos, é que os morés não utilizavam o sal e nem as armas de fogo, que eram lançados ao fundo do rio. Eram levados: açúcar, farinhas de trigo e de mandioca, roupas (especialmente cortes de tecidos) e ferramentas em geral. Por essa razão, os morés eram respeitados pelos demais índios, temidos pelos brancos e por estes destruídos, sempre que possível. Outra citação diz:

"La industria de los Itenez es muy limitada. Sabem tejer e pintan. Pero sobresalen en el arte de confeccionar sus armas".

(p. 349)

É natural que em um povo guerreiro as armas recebam atenção especial, não somente na aparência, como também - e principalmente - na eficácia. Devido às suas atuais condições econômicas, a maioria dos morés continua privada do sal e das armas de fogo - embora já saibam usá-los. As armas artesanais continuam constituindo, então, fator de sobrevivência na aldeia. Arcos e flechas e zarabatanas constituíam e ainda constituem o arsenal básico. Venenos naturais são extraídos com perícia. Os morés nunca foram adeptos do combate corpo-a-corpo. Não utilizavam tacapes ou assemelhados, como faziam os tupis. Ao contrário, afiguravam-se mais estratégicos e sorrateiros, embora não menos valentes. Como profundos conhecedores da química da mata, além dos venenos, produziam remédios em quantidade e qualidade consideráveis. Essa prática, porém, principalmente no que se refere a remédios, tem-se perdido após a pacificação.

Aparentemente em contradição à citação anterior, Grasso diz:

“Su gobierno se reduce a verdaderamente nada. Los caciques los conducen al combate, sin tener, en el resto, ninguna autoridad”.

(p. 349)

A informação é absolutamente falsa. Os morés possuíam - e possuem - complexa organização social, que pode ser avaliada em dois aspectos: o familiar e o da administração tribal. Neste destacam-se as figuras do cacique e de seus anciãos conselheiros, todos escolhidos por aclamação pública. O cacique e os anciãos estão sujeitos, também, à deposição por aclamação pública. A eles se seguem os dois grupos de pajés, numa hierarquia de importância: os do bem e os do mal, mais ou menos respeitados em função de seu “poder” em seguida vêm os pais de cada família. Entre as mulheres, a posição social mais destacada que uma mulher moré pode alcançar é a de parteira; as parteiras têm a prerrogativa de dar os nomes a todos membros da comunidade e são, geralmente, mulheres solteiras ou viúvas.

No plano familiar temos uma hierarquia assim constituída: os homens em primeiro lugar, em alternância com as mulheres, pelo critério da idade cronológica. Ou seja, entre um homem e uma mulher de uma mesma idade, o homem é hierarquicamente superior. Uma mulher mais velha será mais respeitada que um homem mais novo (desde que a diferença de idade seja significativa). Ao filho mais velho cabe responsabilidade destacada, superior, até, à da mãe.

Grasso relata ainda:

“Su religión, de la cual tenemos nociones muy vagas, se limita al temor a un genio del mal conocido con el nombre de Tumeke”.

(p. 349)

A religião moré é bem mais complexa e organizada do que a citação afirma. Há um grande número de divindades e festas religiosas comemorativas a vivos e mortos. A festa do [taran], por exemplo, a mais célebre das festas aos mortos, exigia ingestão de cinzas de ossos humanos, como forma de absorção da sabedoria e coragem dos antepassados. O casamento, a puberdade, a vitória em batalhas e o nascimento de filhos eram também motivos para festas de cunho religioso.

2.1.3. Informações sobre a língua:

Ressaltemos, agora, alguns aspectos da história dos morés relativos à sua língua e aos fatores que conduziram à atual marginalização da língua moré pelos próprios falantes. Anteriormente neste capítulo, citei haver estratégias impostas por Leigue para enfraquecimento da nação moré. Além da separação imposta entre pais e filhos, estes sendo levados a espécies de internatos instalados na selva, onde trabalhavam, aprendiam a religião e eram proibidos de falar o moré, também havia a separação de famílias, desapropriação de terras, proibição do uso da língua moré entre os adultos sob pena de castigos corporais. Um sistema semelhante de imposição lingüística foi o usado pelos colonizadores portugueses no Brasil e que afetou grande número de indígenas brasileiros, quando da obrigatoriedade da língua geral. A língua geral, ou *nhengatu*, foi uma língua estabelecida pelos missionários jesuítas, basicamente fundamentada no tupi-guarani, que era imposta aos índios nas aldeias e centros catequéticos. Sua utilização forçada, além da “contaminação” das línguas naturais dos indígenas, causou outros problemas, como o abandono total do uso das línguas de algumas tribos minoritárias conquistadas. O processo foi tão fortemente defendido pelos portugueses e teve resultados tão abrangentes que o método de imposição da língua geral foi perpetuado como prática catequética dos missionários católicos até a década de cinquenta, tendo alcançado mesmo distantes regiões da Amazônia. Para se ter uma idéia de suas conseqüências, até hoje, a “língua geral” é falada em algumas regiões, como em São

Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, no Amazonas. Este processo de proibição da língua nativa e imposição de outra, geralmente a do agressor, nem sempre é fisicamente violento, mas a agressão cultural é irreversível. Tampouco é estratégia recente. Os antigos romanos, como citei na Introdução, após a conquista física de uma região, somente propiciavam aos nativos a ocupação de cargos ou chefias no Império caso estes dominassem a língua do invasor. Isto era reforçado com a implantação de escolas onde somente se estudava e se valorizava o latim.

Outra forma de imposição lingüística é a atração dos nativos para cultura do dominador, principalmente em virtude de novas tecnologias. A Funai vive hoje um problema interessante com muitas nações indígenas da Amazônia que, antes de remédios e comida, exigem de seus "tutores" oficiais geradores de energia, televisores, antenas parabólicas e aparelhos de som. Essa atração para a cultura do dominador tem sido a causa da destruição de muitas línguas conhecidas. No caso dos morés, porém, a atração cultural, segundo relatam os sobreviventes, não havia (e muito pelo contrário!). A imposição foi marcada pela agressão física (geralmente, chicoteamento público dos índios pegos falando moré) e até pela condenação à morte sob tortura. O processo foi tão "eficaz", que mesmo hoje, embora haja liberdade total para o uso do moré, a língua é tida em menor valor diante do espanhol. É denominada "dialeto"³⁷ e não há interesse por parte dos jovens em seu aprendizado. Tanto que, na aldeia de Monte Azul, há dois jovens (um de cerca de vinte e cinco anos e outro de treze anos) que, por serem muito interessados pela língua moré, falantes ativos junto aos anciãos, são considerados atípicos, verdadeiras exceções, pelos próprios indígenas. Mas isto não é característica unicamente moré. Em outras tribos da etnia Txapakura no Brasil, como entre os índios das nações oro (oro win, oro nao, oro mon), a língua nativa é chamada de "gíria", e tida como tendo menor valor do que o português. A

³⁷ Os morés utilizam o termo *dialeto* no mesmo sentido pejorativo que os bolivianos falantes de espanhol o usam ao referir-se ao quíchua, língua falada por um contingente significativo da população boliviana, mas que é tida como pertencente a uma casta inferior da humanidade pelos bolivianos mestiços dos colonizadores. Em algumas partes da Bolívia, a rivalidade entre quíchuas e não-quíchuas lembra os conflitos raciais entre negros e brancos nos Estados Unidos e na África do Sul. O termo difere, portanto, do uso feito pela Sociolingüística, que o caracteriza como uma forma com variação acentuada de uma língua dada.

explicação para isto parece ser a atração cultural. O espanhol e o português são as línguas dos negócios, do dinheiro e das cidades, que são os sonhos declarados de quase todo jovem índio da Amazônia. A língua moré resta seu valor religioso e o uso cotidiano pelos anciãos. Após o início das pesquisas com os morés, porém, a língua , parece, tem adquirido um valor de troca, sobre o qual falei brevemente na Introdução, com o qual os indígenas têm sabido lidar muito bem.

2.1.3.1. Estudos Lingüísticos Anteriores com a Língua Moré:

Na controvertida classificação das línguas ameríndias proposta por Greenberg (1987³⁸), que serve de referência aos estudos atuais, o moré (chamado nesse trabalho de itene), aparece relacionado como uma das línguas da família Chapakura da seguinte forma:

Grupo Equatorial > Famílias :

- Arawa
- Cayuvava
- Chapakura (Txapakura)
- Coche
- Cofan
- Esmeralda
- Guahibo
- Guamo
- Jibaro
- Kandoshi
- Kariri
- Katembri

³⁸ Greenberg, J. (1987). *Language in the America*. MIT Press.

Maipuran
 Otomaco
 Piaroa
 Taruma
 Timote
 Tinigua
 Trumai
 Tupi
 Tusha
 Uro
 Yaruro
 Yuracare
 Zamuco

Embora Greenberg (1987) só relacione algumas das línguas da família Chapakura, podemos aqui relacionar as que são atualmente conhecidas, sendo que há possibilidade de que outras venham a ser incluídas posteriormente nesta lista, uma vez que não se conhece todas as línguas da região abrangida pela família Txapakura:

Família Txapakura > línguas :

- moré (itene, para Greenberg)
- kuyubi
- miguelenho
- oro nao
- oro mon
- oro win
- kitemoka*
- napeka*
- torá*
- yarú*
- chapakura*

urupá*

* línguas consideradas como mortas

Nesta relação de línguas Txapakura, poderíamos estabelecer que moré e kuyubi formam um “grupo de afinidade” (de línguas mais próximas), oro win, oro nao e oro mon, constituem outro e as demais línguas um terceiro. O grau de inteligibilidade na interlocução entre os falantes das línguas, entretanto, mesmo destes grupos mais afins, é assim definido por um informante: “As palavras a gente até entende. Conversar não dá.”

Sobre os estudos lingüísticos realizados com os morés, até 1986, segundo informa Rodrigues (1986³⁹):

“Ainda não existe nenhum estudo científico do Txapakura, embora haja missionários (Missão Novas Tribos) que conhecem e têm analisado a língua Pakaanova”

(p.76)

Esta informação foi alterada em 1995, com o trabalho de Müller⁴⁰ (1995, dissertação de mestrado já citada), que é um estudo fonético / fonêmico da língua Moré e apresenta um inventário lexical de cerca de mil e quinhentos itens (ampliado em função deste trabalho semântico para cerca de três mil e trezentos itens). Com respeito aos missionários citados por Rodrigues, residem em Guajará-Mirim e foram por nós contactados, sendo que

³⁹ RODRIGUES, A.D. (1985). *Línguas Brasileiras*. São Paulo, Loyola, 1986.

⁴⁰ Este estudo de Müller caracteriza o moré como uma língua isolante, nos termos apresentados por Lyons em seu “Lingüística Geral”. Estudos posteriores de Angenot e Müller, já citados, confirmam esta posição da qual eu discordo nesta dissertação, como se verá em capítulo subsequente. Uma descrição, nesta dissertação, dos aspectos fonético-fonológicos da língua moré exigiria um esforço que se configuraria desnecessário, uma vez que um trabalho sobre este assunto, que é acessível, foi recentemente publicado e os dados que pudessem ser apresentados em muito pouco ou em nada influenciariam minhas conclusões de ordem semântica. Remeto, então, novamente, para informações pertinentes, aos trabalhos de Müller e Angenot referenciados na Introdução.

nos informaram ter realizado uma proposta de gramática pakaá-nova (línguas Txapakura do grupo oro: oro win, oro nao e oro mon) pródiga em exemplos, orientada por Daniel Everett.

Esses estudos têm valor comparativo em relação aos feitos com o moré, uma vez que se trata de línguas da mesma família.

2.1.4. Informações sobre D. Manoel Saez Paray, o Informante Principal:

A maior parte das informações que subsidiam este trabalho foi colhida, como dissemos, junto a D. Manoel Saez Paray, um dos anciãos morés vivos e profundo conhecedor da língua e da cultura morés. As informações por ele prestadas foram exaustivamente confrontadas com os conhecimentos dos demais anciãos, mas convêm, aqui, apresentar alguns dados biográficos.

Nascido na área moré, no território do vale do Mamoré - Guaporé, em meados dos anos vinte, viu sua aldeia ser dizimada por uma epidemia (possivelmente de sarampo) quando tinha cerca de dez anos de idade. Tido como o único sobrevivente da epidemia, fugiu para a floresta onde vagou sozinho por vários dias até ser encontrado e adotado por outro grupo moré. Criado por pais adotivos, presenciou a guerra da “pacificação” de seu povo até quando foi aprisionado pelo exército boliviano comandado por Leigue Castedo, passando a viver em um regime assemelhado aos dos guetos, mas ainda entre os morés. Alguns anos depois do início da pacificação, vencidos os morés, os que restaram na região foram agrupados em Monte Azul e na Maloca do Rio Azul, na Bolívia, onde, abandonados à própria sorte, vivem até hoje.

Durante o período que passou sob o domínio do exército boliviano, D. Manoel foi, como a maioria de seu povo, convertido ao catolicismo, tendo aprendido o

espanhol falado na região do vale do Mamoré-Guaporé, que utiliza até hoje para comunicar-se com os “brancos”. D. Manoel ressentia-se muito do processo de aculturação atual que seu povo vive. Diz que é triste ver que as mulheres da aldeia não querem mais trabalhar como faziam as velhas há tempos atrás e que o povo em geral não quer saber mais de falar a língua moré. Reclama que nem mesmo a comida é a mesma de sua juventude. Como ancião da aldeia, pratica a língua com outros dois velhos, um que é cantador das músicas rituais e outro que é feiticeiro, nas raras visitas que faz a Monte Azul. Mas, afirma categoricamente que ninguém na aldeia conhece a língua como ele, que é, aliás, o único que conhece as histórias (lendas e mitos) de seu povo. Fala magoado que nenhum jovem quis aprender as histórias que ele tinha para contar e que quando ele morrer a história dos morés vai ser conhecida só entre os espíritos. É mesmo inegável, quando se vai à aldeia de Monte Azul, que D. Manoel é uma espécie de baluarte da cultura e da língua morés... uma cultura que não interessa mais para eles. É uma espécie de “baluarte do indesejado”. E é assim reconhecido pelos demais que, se não querem sua morte, também não fazem questão de aprender o que ele sabe. O interesse atual do povo moré concentrado em Monte Azul é descobrir uma forma de pagar com trabalho (quase escravo) uma dívida contraída com uma empresa boliviana de exploração vegetal em virtude da realização de uma festa por ocasião da comemoração da independência da Bolívia no ano passado (1995). Aprender sobre negócios, matemática financeira básica, para poder lidar com segurança com o peso, com o dólar e com o real, e dominar cabalmente o espanhol são os objetivos estabelecidos pela nova geração moré. No programa, atualmente levado a efeito pelo governo boliviano, de educação e alfabetização bilingüe, os representantes morés na escola de formação de professores índios confessam constrangidos um interesse maior no emprego e nas condições oferecidas pelo programa, do que na recuperação da cultura moré e na preservação de sua língua materna.

Muitos, porém, conseguiram fugir da “pacificação”, havendo notícias de velhos morés residentes em Guajará-Mirim (Brasil), Guayaramerim (Bolívia), Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), San Lorenzo (na margem boliviana do rio Mamoré), Boca do Mamoré (Brasil), Trinidad (Bolívia), Riberalta (Bolívia), Santana / Puerto Sile (Bolívia), Vuelta

Grande (Bolívia), Porto Velho (Brasil), Surpresa (Brasil), Madalena (Bolívia) e na Maloca Kanoda (no interior da Bolívia), um ou dois em cada localidade.

Recentemente, a naturalização de D. Manoel foi aceita pela FUNAI, em virtude de sua ascendência familiar, e efetivada. Em virtude dessa naturalização ele passou a poder usufruir dos serviços de saúde brasileiros, sendo operado de catarata nos dois olhos e recebendo óculos adequados, o que restaurou sua visão parcialmente, e sendo examinado regularmente em *check-ups*, em virtude de sua idade avançada.

3. CLASSIFICAÇÃO DO MUNDO NATURAL : CATEGORIAS NATIVAS DO MORÉ E SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA

Conhecidos alguns aspectos da história e da organização do povo moré, o próximo passo é o de conhecer algo sobre o pensamento deste povo, conforme expus na Introdução. É claro que uma descrição ampla do pensamento moré seria impraticável, enquanto capítulo de um trabalho como este, devendo-se escolher um aspecto significativo sobre o qual se possa concluir algo sobre a hipótese que propus. Este capítulo objetiva esta introdução ao pensamento moré, através do estudo de um aspecto de sua visão do mundo, a saber, a constituição de categorias nativas, mais propriamente, categorias para animais e vegetais. Parto de categorias nativas, pois é geralmente reconhecido entre os etnólogos e etnolinguístas que um dos aspectos mais significativos nos estudos de natureza etnolinguística, especialmente naqueles que adentram questões de ordem semântica, é a classificação que os povos fazem de seu mundo natural, manifesta ou não na língua de cada povo. Isto porque tal classificação permite dar passos importantes na compreensão da cultura do povo cuja língua está sendo estudada, de sua forma de pensar o mundo, dos seus sistemas classificatórios criados em função das necessidades cotidianas, enfim, de sua maneira peculiar de ver os fatos de seu cosmo particular.

Podemos chamar classificação do mundo natural, segundo Posey (1984⁴¹), ao conjunto de categorias criadas por um povo para “organizar” o mundo ao seu redor e explicá-lo. Cada uma dessas categorias nativas - porque são diferentes de nação para nação -

⁴¹ POSEY, D.A.(1984).*Etnobiologia: Teoria e Prática*. In *Suma Etnológica Brasileira*. Edição Atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis. Darci Ribeiro(ed.) et alii, 1987.

resultam, em grande parte, da interação que o povo tem com seu habitat, sendo reflexo do pensamento do povo e base para muitos valores culturais cuja constituição é extremamente demorada.

Segundo Posey (idem), os sistemas de classificação utilizados pelos povos chamados primitivos diferem dos sistemas abstratos das ciências naturais modernas em dois aspectos principais :

a. os sistemas primitivos possuem, geralmente, um número menor de categorias superpostas (superordenadas) do que o proposto pelo sistema de Lineu⁴² e;

b. nos sistemas primitivos, as subcategorias, ou categorias intermediárias, são subentendidas, ou ocultas.

A formação desses sistemas classificatórios, como observa Levi-Strauss (1968⁴³), é geralmente consequência da aplicação de critérios funcionais. Em outras palavras, é da interação do homem com seu ambiente que resultam - ou são por ela construídos - esses sistemas. Posey (ibidem), frisa que em virtude de tais critérios funcionais (em sua maioria relativos às regiões ou condições da circunvizinhança em que são encontrados os recursos naturais de que esses povos dependem para sua subsistência) e sua aplicação consuetudinária por cada povo, surge uma tendência de divisão do meio em faixas de ambiente natural que obedecem a uma constituição funcional explicável. Estas faixas de

⁴² O artigo de Posey refere-se à Etnobiologia. É próprio, portanto, que ele utilize como referência a classificação proposta por Lineu, específica para a Biologia. A aplicabilidade das conclusões em outros níveis de análise, porém, não fica prejudicada se tomado como base o padrão família-espécie-indivíduo proposto por Lineu, para uma analogia com os demais esquemas classificatórios propostos pelos morés. No caso específico desta dissertação, como consideramos apenas a classificação de animais e vegetais, fica mais direta a contraposição ao sistema de Lineu.

⁴³ LÉVI-STRAUSS, C. (1968). *O Uso das Plantas Silvestres da América do Sul Tropical*. in *Suma Etnológica Brasileira*. Edição Atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis, Darcy Ribeiro (ed.) et Alii. 1987.

ambiente etnologicamente delimitadas são chamadas etnoecozonas, ou simplesmente ecozonas (v. Posey (op.cit.)).

A construção dessas categorias nem sempre, porém, obedece a aspectos puramente funcionais. Os valores culturais citados por Posey (1968) são evocados por Lévi-Strauss (op.cit) que observa serem, muitas vezes, místico-míticos ou de outra ordem cultural os critérios que atuam na delimitação das ecozonas. Não se trata sempre de critérios de limites estanques, sendo relativamente comum o cruzamento de critérios, de forma que uma mesma subcategoria (planta, animal, etc.) venha a pertencer a mais de uma mesma macrodivisão. Em outros casos, há várias ecozonas determinadas por diferentes conjuntos de critérios que servem a objetivos distintos na vida da nação. Disto resulta que, dentro de uma mesma cultura, as categorias nativas diferem entre si, ou mesmo um certo grupo de seres ou objetos pode ser apresentado ora em uma, ora em outra categoria, dependendo do ponto de vista ou do fato que se quer ressaltar ao estabelecer que um determinado conjunto de objetos ou seres compõem uma categoria. Isto explica a presença de um mesmo item em mais de uma categoria determinada.

Em diversas línguas, esta categorização aparece expressa morfologicamente através de classificadores (ou índices de classe), formando categorias manifestas (overt categories, na terminologia de Whorf). Os classificadores são afixos utilizados por algumas línguas (particularmente negro-africanas e algumas ameríndias⁴⁴) para indicar a classe nominal a que pertence uma palavra. Os classificadores são determinados segundo critérios muito diversificados de língua para língua, podendo ter uma relação mais ou menos direta com a realidade objetiva representada, dependendo do aspecto enfocado em cada conjunto classificatório. Mas, seja qual for a relação entre o classificador e a realidade objetiva, sua existência na língua serve para estabelecer clara e definitivamente a uma geração a visão de

⁴⁴ Como exemplos das ameríndias podemos citar o baniwa-siusi e o yanomami.

seus antepassados sobre o mundo. A título de exemplo, cito análise do baniwa-siusi com dados coletados por França⁴⁵. Segundo a autora, a presença de classificadores nesta língua pode ser notada na gramática dos nomes comuns, entre outras. Os nomes de coisas não alienáveis, ou seja, das coisas que são relacionadas ao indivíduo independentemente de sua vontade e das quais ele não pode se desfazer, ao menos teoricamente, são todos precedidos do afixo [nu]⁴⁶, como : [nut]^hikure], cabelo; [nu^wiwida], cabeça; [nukantanika], a canção que eu canto; [nu:pana], a casa que eu moro; [nut]^hapa], o fato que eu conto; [nunid^wa], cunhada; [nurimatajri], cunhado. [nuka:p^hiwi], dedo da mão; [nu^wip^hewi], dedo do pé; [nutsikereta], meu divertimento; [nu^witu], filha; [nu^wiri], filho. Para os baniwas-siusis, portanto, a presença de categorias manifestas na própria língua, por si só, indica às novas gerações que aprendem a língua a classificação que este povo faz de seu mundo e, conseqüentemente valores culturais ligados a esta classificação. Nos exemplos citados, aparece a categoria que poderia ser hipoteticamente denominada “das coisas pessoais/inalienáveis”. Uma categoria como esta está ligada a valores culturais semelhantes aos nossos de direito de posse, laços consanguíneos e partes do corpo. Centrada no indivíduo, uma categoria como essa reflete valores muito significativos que, certamente, não são desprezados em cultura alguma. Em baniwa-siusi, entretanto, eles já são expressos na língua e não somente através do uso da língua.

Em moré, como em todas as demais culturas, há uma classificação do mundo natural e a constituição de categorias nativas, mas estas categorias não são manifestas através de classificadores morfológicos, como veremos e seguir. Como atestar a validade destas categorias, portanto?

⁴⁵ FRANÇA, Ma. Cristina V. de. *Fonologia Síncronica e Diacrônica do Baniwa-Siusi - Um Tratamento Não-Linear*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. 1993.

⁴⁶ O afixo [nu] pode funcionar na língua, segundo informações de França, como pronome possessivo. Tal função, entretanto, não justificaria, por si só, a presença morfológica do afixo em todas as palavras relacionadas a esta categoria nativa dos baniwa-siusi. A manifestação constante do afixo é que caracteriza o processo de classificação por *overt categories* utilizado pela língua.

O primeiro passo seria a contraposição de informações dos informantes, com o intuito de verificar se as concepções a respeito do mundo expressas por um primeiro informante como sendo as da cultura moré coincidem com as dos demais. O segundo critério validativo utilizável seria a verificação da existência, na organização social ou política, de sistemas específicos que existissem em função de algum valor cultural ou necessidade cotidiana, que se refletissem em seu cotidiano e cuja expressão na cultura se justificasse. Ambos os testes foram aplicados no presente trabalho. Procurei averiguar, junto aos informantes, se a manifestação de uma categoria como “seres que habitam os topos das árvores”, por exemplo, seria funcionalmente útil à nação moré. Como veremos nos comentários às categorias neste capítulo, estas relações funcionais entre a categoria expressa e a vida cotidiana dos morés realmente existe e pode ser facilmente detectável. É justamente neste ponto que a relação entre língua, cultura e pensamento se comprova. Os morés não possuem categorias explícitas na língua, mas possuem categorias cognitivas do mundo. Como essas categorias são repassadas às outras gerações? Através da própria língua, mas de três formas diferentes:

a. à primeira forma podemos chamar de forma explanativa. Dá-se quando a língua é utilizada para ensinar às novas gerações os valores culturais e o pensamento do povo moré;

b. à segunda, mais sutil e a que nos interessa mais neste trabalho, podemos chamar de forma implícita. Ocorre nos diversos tipos de construções semânticas que a língua apresenta, especialmente as figuras de linguagem que aparecem imbutidas nas palavras;

c. à terceira podemos chamar de forma gramatical. Ocorre quando os morés são obrigados a recorrer a algum recurso gramatical específico da língua para obedecer a uma imposição cultural ou do pensamento. Esta forma também será vista neste trabalho, em exemplos subseqüentes, mas de maneira menos intensa que as figuras de linguagem.

As três formas são igualmente importantes, embora possamos dizer que a primeira não caracteriza uma mudança no aspecto formal da língua em função de aspectos culturais ou do pensamento dos falantes nativos. Este argumento, porém, é facilmente refutável. A presença de um léxico muito especializado em uma língua (por exemplo, para aspectos medicinais, para classificação animal, para armamentos, etc.) por si só aponta para uma influência cultural sobre a língua, embora sua “estrutura” interna, seu funcionamento, não tenha sido alterado. A maior adequação de uma língua à expressão de certos fatos do mundo é um reflexo da interinfluência de que tenho falado.

Ilustremos: quando um nome moré para um pássaro diz que ele é parte da praia, [titim¹ m^wimal] *está na, faz parte da praia = cuyabo da praia*, por exemplo, mesmo que não haja um classificador de qualquer tipo para enquadrar este pássaro em alguma categoria, as novas gerações de falantes da língua serão levados a ver o pássaro como parte integrante de um meio ambiente específico que é a praia. Desta visão classificatória resultam valores ligados à praia e a tudo o que ela reflete e significa para este povo, valores estes que, de certa forma, serão projetados no próprio pássaro. O processo é o mesmo anteriormente descrito: o pensamento influenciou a cultura, que influenciou a língua, que influenciou o pensamento e a própria cultura em um ciclo *ad infinitum*, inclusive se as concepções sobre a praia vierem a mudar com o tempo. Por exemplo, se as praias passarem a ser vistas pelo povo moré como lugares poluídos e detestáveis (e estas aves resistirem a isto...) os cuyabos poderão passar a ser vistos como igualmente detestáveis ou como “heróis da resistência”, entre outras conotações possíveis.

Vale ressaltar que neste capítulo pretendo também demonstrar a relação entre as categorias nativas e a linguagem, mostrando, desta forma, que certos fatos semânticos são preferencialmente explicados à luz da cultura dos falantes, como a construção de metáforas e metonímias, por exemplo. Poder-se-ia perguntar, com base no que expus, qual é especificamente o interesse lingüístico do estudo destas categorias. Segundo Ilari, em comunicação pessoal,

“A melhor maneira de responder isso é lembrar que toda língua (e toda competência lingüística) costuma estar associada a um sistema de referência específico. É a língua que determina como as palavras se aplicam à realidade numa operação de referência, mas é o sistema de referência que diz o que se pode considerar verdadeiro.”

As categorias que apresento aqui servem, portanto, como parte do “sistema de coordenadas”, citado por Franchi, sistema este que serve de base para a contextualização e a interpretação dos fatos lingüísticos. Elas me auxiliarão na análise de minha hipótese de interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura, que decorrerá no restante do trabalho. Tratarei apenas das principais categorias animais e vegetais, uma vez que são suficientes para uma visão geral da forma de organização do meio por este povo e de sua visão funcional do mundo. Procure-se, neste capítulo, uma introdução à maneira moré de ver o mundo e organizá-lo, com o intuito de aplicar o que se puder aprender nele nas análises que serão feitas de alguns nomes do moré no capítulo V. Os dados utilizados são apenas os suficientes para promover esta introdução e comprovar o que se pretende. E já que o item seguinte introduz os dados da língua moré, convém, aqui, apresentar aspectos metodológicos da coleta e do tratamento dispensado a estes dados⁴⁷.

Os dados utilizados foram obtidos através de sessões de entrevista e coleta de dados com gravação do material obtido, no caso de canções e contos, e com anotação manual, no caso de palavras isoladas, em gabinete e em campo. Em princípio foram feitas coletas de palavras isoladas e de enunciados variados, seguindo-se listas e questionários tradicionais de coleta de dados lingüísticos, como as conhecidas listas de Swadesh⁴⁸ e dos

⁴⁷ Cabe aqui um agradecimento especial ao Prof. Jean-Pierre Angenot que supervisionou a parte fonético-fonológica deste trabalho, realizando uma revisão final das transcrições do moré utilizadas nesta dissertação.

⁴⁸ Ver SWADESH, M. (1951). *Difusional Cumulation and Archaic Residue as Historical Explanation*. *Southwestern Journal of Anthropology* 7: 1-21

“alunos de Martinet”. Este primeiro momento da coleta de dados objetivava a realização dos trabalhos fonético-fonológicos com a língua, sendo que o cuidado da equipe com estes dados foi extremo: todas as palavras colhidas com os informantes foram depois verificadas, uma a uma, regravadas com outros informantes e analisadas foneticamente, utilizando-se para isto o programa Cecil.Spectrum 2.0, na primeira fase e, em uma segunda fase, o programa WinCecil 2.1b, programas de computador para análise fonético-acústica de sons de fala com quais é possível, entre outras coisas, medir decibéis, frequências, gerar espectrogramas e espectros e decompor emissões de fala. Com base nos dados fonéticos testados e na fonologia da língua, estabeleceu-se um padrão fonológico de transcrição. Devido à disponibilidade do informante no Centro de Pesquisas das Línguas Amazônicas, onde os trabalhos de laboratório foram realizados, todos os dados foram retestados.

Em uma segunda fase, a coleta dos dados se deu com uma maior preocupação semântica, uma vez que a maioria dos problemas de fonética e de fonologia estavam esclarecidos. Havia uma preocupação maior de minha parte com os significados das palavras, relacionando-os à sua morfologia, e aos das frases, relacionando-os à sintaxe da língua. Foram coletados muitos dados mais. Esta fase transcorreu em forma de entrevistas mais descontraídas com o informante principal, em que longas conversas eram levadas a cabo, sendo que os dados eram anotados posteriormente. Estas entrevistas, aparentemente informais, foram as que se revelaram as mais produtivas na coleta de informações de natureza semântica de dados sobre a cultura moré, especialmente relativos a aspectos de sua religião. Ao término desta fase possuíamos cerca de duas mil palavras do moré, contando-se as inseridas em narrativas e frases isoladas.

Uma terceira fase envolveu a expedição à aldeia moré de Monte Azul, citada na Introdução desta dissertação, quando foram coletados dados em campo. Os trabalhos de coleta de dados foram realizados sob a orientação do Prof. Jean-Pierre Angenot, com a participação efetiva também como coletores de G.L. Vítor e R. Eduardo. Foi então que se realizou o levantamento sociolinguístico anexo a este trabalho. Minha participação nesta fase

deu-se após o retorno da expedição, na organização de informações juntamente com o informante principal e na análise dos dados.

Após o trabalho resultante da coleta no período da expedição a Monte Azul, continuei procedendo entrevistas informais com D. Manoel, mas sempre colhendo dados em forma de textos ou sentenças isoladas, especialmente procurando montar sentenças descritivas relativas às palavras que já se havia anotado. Essas sentenças foram organizadas em função do inventário de palavras existente e passou-se a uma análise morfossintática mais detalhada, sendo possíveis algumas conclusões de ordem semântica. Nesta fase, também, é que foram confirmados os primeiros dados colhidos sobre as categorias nativas do moré e realizadas novas sessões em que o informante discorria, em espanhol, sobre o pensamento moré, os valores culturais de seu povo e sua mágoa pessoal pela situação atual do processo de aculturação por que este povo passa.

Todo este trabalho de coleta resultou, até a presente data, em cerca de vinte horas de gravações e um inventário vocabular com mais de três mil entradas lexicais, que deverá ser editado em forma de dicionário português-moré-português, centenas de frases e algumas dezenas de histórias, principalmente mitos e lendas.

Até o momento não se utilizou dados do moré em aplicação de uma teoria sintática ou morfológica mais complexa, como a gerativista ou a otimalista, por exemplo. Minha preocupação em morfologia e sintaxe tem sido puramente descritiva, em função mesmo da situação periclitante em que se encontra a língua. A maior parte da equipe que trabalha com o moré é, porém, formada por fonólogos e foneticistas, o que fez avançar muito os estudos em Fonética e Fonologia. Os estudos com sintaxe, morfologia e semântica estão restritos à minha pessoa, o que atrasa resultados mais significativos nessas áreas. Meu trabalho exclusivo sobre a morfologia e a sintaxe do moré, embora incipiente, está previsto para divulgação a partir do final do primeiro semestre de 1997.

Para leitores que têm maior interesse morfológico ou morfossintático, ou para aqueles que gostam de adentrar nos dados com algum conhecimento prévio sobre a estrutura da língua, entretanto, seria mais interessante obter alguma informação sobre estes aspectos do moré antes da leitura de qualquer dos dados apresentados. A eles sugiro que leiam primeiramente o capítulo 4, retornando depois ao item 3.1. Aqueles que, como eu, tiverem maior interesse, neste momento, na cultura moré poderão continuar sua leitura na ordem de apresentação.

3.1. PRINCIPAIS CATEGORIAS NATIVAS PARA ANIMAIS E VEGETAIS NA CULTURA MORÉ

São três os critérios básicos utilizados pelos morés para determinação das categorias gerais de animais e vegetais. Aqui são apresentados do mais amplo para o mais restrito. Como se poderá ver, os níveis família-espécie-indivíduo propostos por Lineu têm pouca relação com os parâmetros utilizados pelos morés. A lógica de classificação moré parece ser mais concreta, baseada em aspectos mais funcionais do cotidiano que a de Lineu, e calcada em três objetivos distintos em cada categorização:

a. discernir ambientes e, conseqüentemente, instrumental de caça, colheita ou cultivo, de locomoção, de transporte da caça ou da produção, etc. : critério da localização geográfica no meio;

b. relacionar animais e vegetais entre si em grupos por alimentação e características fenotípicas com a finalidade de identificação de sua utilidade geral: critério da similitude física;

c. selecionar alimentos: critério que define o ser ou objeto como próprio ou não para a alimentação.

O interesse em cumprir esses três objetivos é mais do que meramente classificatório, pois concorre para a solução de problemas cotidianos e facilita a vida dos morés com relação ao seu mundo.

3.1.1. Localização Geográfica no Meio Ambiente

Este é o critério que mais se aproxima de uma definição estrita de ecozona. Trata-se da determinação da categoria através da área geográfica em que os recursos que a compõem são encontrados. São definidas três grandes ecozonas pelos morés, que podem ser subdivididas em subecozonas ou microssistemas. As três categorias principais distinguidas pelos informantes são:

a. copas das árvores : abrange a copa das árvores, os topos das moradias, paus secos e outras saliências naturais, como pedras pontiagudas de grande altura e picos das serras;

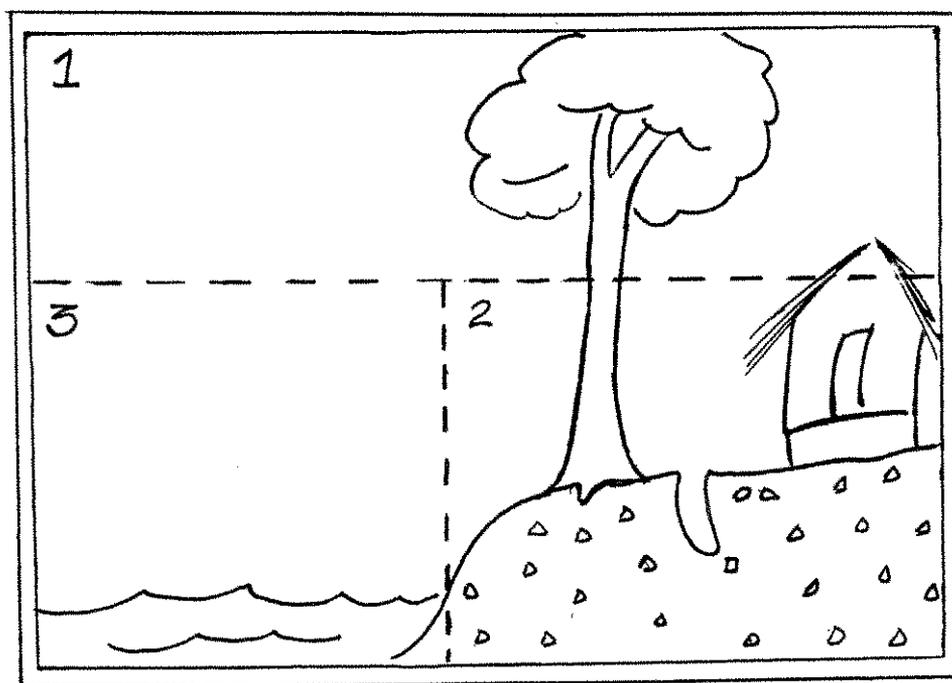
b. solo firme : abrange a área de solo firme agricultável, onde são construídas as aldeias, regiões baixo-serranas, áreas de mata de terra firme não alagadiça e barrancas não alagadiças dos rios;

c. água : além dos leitos dos rios, lagos e igarapés, abrange as matas de igapó e campos alagadiços muito comuns na região habitada pelos morés .

A língua moré não possui expressões literais para a determinação destas ecozonas. Elas são descritas por diversas formas linguísticas como “parte do alto”, “copa das árvores”, “lá em cima”, etc., por exemplo, com relação à ecozona a.

A relação entre os seres que habitam cada ecozona é indicada pelos morés através da palavra ([?aφo?] - parente). Assim, tomando-se como base a delimitação geográfica, podemos marcar em um mapa básico as três principais ecozonas :

figura 1



Observem-se, em cada ecozona alguns nomes de seres que aparecem como parentes e note-se que, embora sejam apresentados como referindo-se a membros de uma

mesma categoria nativa, não há marcas morfológicas em sua estrutura que os caracterizem como pertencentes a este ou àquele grupo específico :

3.1.1.1. ecozona 1 : copas das árvores

nome português	nome moré
1. abelha barcina	[mem tək ^x ɔp]
2. abelha brava	[taβ ^w i:]
3. abelha amarela	[rə: rə:]
4. arara amarela	[k ^x a : mak ^x an]
5. ararinha azul	[mara:]
6. beija-flor	[tɔm k ^x ɔ: piɰɔʔ']
7. borboleta azul	[k ^x ara: pam]
8. borboleta negra	[ma: k ^x ɔ: rə: k ^x ano: βan]
9. burgo azul (pássaro)	[ru: tuk: tuk:]
10. cabeça-seca (pássaro)	[tara: tara:]
11. camaleão	[p ^w in tʃi:]

12. cobra boiê	[nup ^w i: ran]
13. corvo	[k ^x ɔrom k ^x ɔm]
14. falcão	[?i:]
15. gavião real	[k ^x ɔ: k ^x ɔ:]
16. percevejo	[?up ^w ək']
17. macaco bugio	[m ^w əm tənə:]
18. macaco da noite	[taɸɔn]
19. sanhaço (pássaro)	[sisip' pan]
20. tucano	[?iβu:]
21. vibora-papagaio	[?uzip']
22. zebrinha (pássaro)	[tɔtɔ? k ^x ɔrɔ: βa:]

Alguns comentários dos informantes sobre esta ecozona ajudam a compreender sua maneira peculiar de vê-la :

“Macacos e pássaros são parentes, embora os pássaros não tenham mãos e os macacos não tenham plumas. Mas, vivem todos juntos, no mesmo lugar que é o alto das árvores. Eles comem a mesma coisa.”

E sobre o céu :

*“Ninguém vive no céu ! Os pássaros passeiam por lá, mas ninguém vive lá !
Só Deus e os espíritos.”*

Como se pode notar, nos nomes dos habitantes da ecozona 1, não há partícula que possa ser considerada como índice de uma categoria ou marca de qualquer espécie comum a todos os nomes, embora sejam todos enquadrados na mesma categoria por todos os informantes consultados. Passemos aos nomes de seres da ecozona 2.

3.1.1.2. ecozona 2 : solo firme

nome português	nome moré
1. algodão	[βɔm]
2. alho	[sa: ʝi: k ^x un]
3. anta	[?im ^w iɲ]
4. aranha caranguejeira	[tapan]
5. banana	[ri: tan]
6. batata	[mazan]
7. cachorro	[φuɟu: tɔk ^x ɔ: k ^x inam]
8. calango	[ra: φɔk ^ʰ k ^x ɔn]
9. lagartixa	[φunun]

10. cana-de-açúcar	[tɔβa: ʔat]
11. cascavel	[tʃik ^x it ¹ tʃik ^x it ¹]
12. catuqui (inseto)	[ʔut ^f um mi:]
13. carneiro	[mɛ:]
14. cervo	[ʔu: tataw]
15. coelho	[ʔutuk ¹ mən]
16. formiga saca-saia	[tɔpap ¹ pak ^x ɔʔ]
17. formiga saúva	[tuk ^x u: β ^w i:]
18. galinha	[tara: k ^x ɔ:]
19. gato doméstico	[rɔ: ʔasim k ^x ɔ: k ^x inam]
20. gato maracajá	[k ^x aφɔ: za:]
21. gazela	[jimɔp ¹]
22. gente	[ʔitən]
23. homem	[nama: k ^x ɔn]
24. itaúba (árvore)	[k ^x ɔk ¹]
25. mutum (pássaro)	[ʔutin]
26. nandu (pássaro)	[pata: pata:]

27.onça	[k ^x inam]
28.paca	[m ^w ik ^x ɔp']
29.pantera negra	[?ə: βarɔp' k ^x a:]
30.perdiz roxa	[?ɔrɔn]
31.perdiz negra	[zam]
32.quati	[k ^x uru: pi:]
33.tamanduá	[φɔ: man]
34.urucum	[maβ ^w in]
35.mulher	[tana: man]

Como se pode notar também aqui, os nomes dos seres animais e vegetais incluídos, entre outros, pelos morés nesta ecozona não apresentam qualquer marca comum que tenha um papel classificatório ou de enquadramento em categoria específica. O mesmo ocorre com os seres inseridos na ecozona 3, como podemos ver através dos seguintes exemplos :

3.1.1.3. ecozona 3 : água

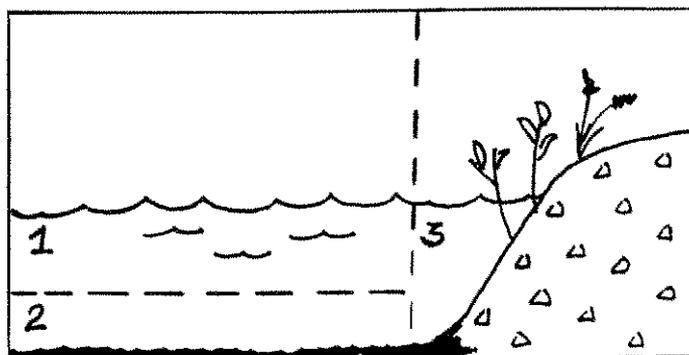
nome português	nome moré
1. arraia	[pat _ɔ ' ta:]
2. arroz de brejo	[k ^x ano: ra:]

3. boto	[sataw]
4. canarana	[nin nin]
5. capivara	[rɔ: k ^x ɔn jə: ?aβan]
6. caranguejo	[?asak' k ^x ara:]
7. cavalinha (vegetal)	[sapak ']
8. corvina de água doce	[m ^w imal p ^w ək']
9. poraquê (peixe)	[nuβ ^w i:]
10. frango d'água	[βa: ?ɔ:]
11. garça	[k ^x uru: sik']
12. jacaré	[sɛ: mɛ:]
13. jeijú (peixe)	[?ɔβam]
14. junco	[pan]
15. lagartixa d'água	[tɔm jə: sɛ: mɛ:]
16. lagosta	[βa: t ^f a:]
17. ariranha (animal)	[?am ?aral]
18. lontra	[k ^x ara: ra:]
19. martim pescador	[?atat ']
20. matrinxã/jatuarana (peixe)	[paφɔl]
21. pacu	[k ^x apa: ri:]
22. paturi	[mara: ?aj ?ul]
23. peixe-boi	[rɔ: k ^x ɔm jə: βa: k ^x a:]
24. piranha	[k ^x uk ^x i:]
25. pirapitinga (peixe)	[?ɛ: k ^x ɔ: k ^x apa: ri:]
26. salamandra	[t ^f ak ^x at' k ^x a:]
27. sanguessuga	[k ^x a: si?' si?']

28.sapo	[k ^x ap]
29.sardinha	[p ^w ik ^x aw]
30.tracajá (quelônio)	[tɔβa:]
31.tuiuiu (pássaro)	[ʔum ^w ɔ: zən]
32.sucuri	[nak ^x a: tʃitɔʔ]

Como anteriormente dito, estas ecozonas subdividem-se em microecozonas. Podemos exemplificar esta subdivisão com a ecozona da água. Observe-se na figura abaixo a demarcação das áreas aproximadas determinadas pelos morés para cada microzona :

figura 2



1. flor d'água
2. fundo, leito do rio
3. margens - paus, pedras, alagados e igapós

A área 1 é definida como sendo o habitat dos peixes de escama de médio e grande portes. Esta região é tida como a dos peixes pescados com flecha e que se alimentam de frutas e insetos. Observe-se que a determinação de uma área do habitat natural define, conseqüentemente, alguns dos hábitos dos seres nela existentes, como alimentação, por exemplo, reforçando-se a idéia de parentesco. Cabe aqui uma reflexão sobre o valor literal ou não da idéia de *parentesco* para os morés.

Como dito no início deste capítulo, a categorização moré para o mundo é fortemente relacionada a aspectos funcionais. Vale dizer, com isso, que não tratamos de *paremesco* indissolúvel, imanente, mas de *paremesco* no sentido meramente relacional. Enquanto preenchedora de critérios funcionais objetivos estabelecidos pelos morés, cada criatura de seu meio ambiente recebe o rótulo de relacionada, *parente*, ora com um, ora com outro grupo de outras criaturas. Diante de novos objetos do homem branco, como aparelhos até então desconhecidos por eles (como a televisão, por exemplo), as relações que estruturam esse sistema permanecem intactas, sendo que os novos objetos são inseridos nos grupos já existentes segundo suas características mais marcantes. Desta forma os automóveis entraram no grupo dos animais terrestres e o rádio, no grupo dos objetos místicos, embora o rádio não seja visto hoje, pelas gerações mais jovens, como místico. Este sistema faz crer que, caso a tribo descobrisse, hipoteticamente falando, que a carne de caititu tem características maléficas, este animal seria retirado do grupo de seres que são alimento adequado ao homem. Ao contrário, em um sistema como o de Lineu, um gato nunca deixaria de ser um felino, simplesmente porque um gato tem características a ele imanentes que são atribuídas ao conjunto dos felinos.

Voltando às microzonas, nota-se que mesmo nessa categorização mais detalhada estabelecida, mais específica, não surgem nos nomes quaisquer marcas classificadoras. Veja-se pelos exemplos que seguem :

PEIXES DA MICROZONA 1 , ECOZONA 3 :

nome português

nome moré

1. jatuarana

[paφol]

2. curimatá

[βara: za?]

3.pacu	[k ^x apa: ri]
4.tambaqui	[βara: k ^x an]
5.corvina	[m ^w imal p ^w ok]
6.pirapitinga	[?ε: k ^x o k ^x apa: ri]
7.piranha	[k ^x uk ^x i:]
8.pacu-prata	[k ^x a _{ji} : pari?]

A microzona 2 é definida como sendo a que apresenta peixes geralmente sem escamas, comedores de animais mortos e dejetos comuns ao fundo do rio. Sua carne, a despeito de ser saborosa, é tida como prejudicial a quem tenha ferimentos no corpo ou esteja apresentando qualquer tipo de doença. Da mesma forma que na anterior, os nomes dos seres que a povoam não apresentam marcas especiais :

PEIXES DA MICROZONA 2, ECOZONA 3 :

nome português	nome moreé
1.pintado	[tɔβa: jɔ: pipan]
2.traira	[tik ^x iŋ]
3.surubim-chicote	[rak ^x ot' ta?]
4.arraia	[paɾ' ta?]
5.peixe-lenha	[?aɸut]

A microzona 3 é considerada a mais complexa das três, abrangendo répteis, mamíferos, aves, quelônios, crustáceos e peixes. A categorização, como nas áreas anteriores não é morfologicamente marcada :

PEIXES DA MICROZONA 3, ECOZONA 3 :

nome português	nome moré
1. caranguejo	[?asak' k ^x ara:
2. poraquê	[nuβ ^{wi} :
3. frango d'água	[βa: ?a:
4. jacaré	[se: mɛ:
5. lagosta	[βa: t ^f a:
6. lontra	[k ^x ara: ra:
7. peixe-boi	[rɔk ^x ɔ: k ^x apa:ri:
8. sapo	[k ^x aŋ
9. tracajá	[tɔβa:
10. sucuri	[nak ^x a: t ^f itɔ?'

Seria relevante aqui considerar alguns aspectos acerca dos exemplos dados :

a. embora não haja marcas classificadoras para os nomes de cada uma das categorias, os significados desses nomes fornecem “pistas” sobre o habitat do animal, suas características fenotípicas, seus hábitos, etc. Estas pistas existem porque os nomes são estabelecidos em função do sistema relacional, refletido nas categorias nativas, e da possibilidade de enquadrar o ser nesse sistema. Os nomes, se não forem empréstimos, são reflexos do pensamento do povo acerca daquele ser ou de características que ele tenha. Assim é que uma ave ornamental, como o papagaio é considerado pelos morés, recebe um nome que se refere à sua plumagem, ao seu canto, ao seu tamanho, enquanto que uma ave utilizada como alimento, receberá um nome que ajude a relacioná-la, por exemplo, a um tipo

de habitat ou alimento que ela utilize, fornecendo pistas que auxiliem em sua identificação e caça. Essas características não são comuns aos nomes de todos os animais e não podem ser configuradas como índices de classe, justamente porque dependem mais da visão que os morés tinham dos seres quando eles foram nomeados, ou quando tiveram o significado de seus nomes alterados no decorrer da história da língua, do que da estrutura da língua em si. Mesmo entre os baniwas-siusis, que têm classificadores em sua língua, o fato de um ser apresentar em seu nome um determinado classificador é mais relacionado à visão que este povo tem do ser e do mundo, do que à estrutura de sua língua, que permite o uso de classificadores:

b. o enquadramento de um animal em uma determinada zona parece relacionar-se a uma característica preponderante e que interesse aos morés de alguma forma, em função de seu sistema relacional, uma vez que são raros os animais que habitam única e integralmente uma zona determinada, ou que têm o mesmo aspecto em todos os ciclos de suas vidas;

c. neste enfoque classificatório, a classificação moré ressalta o fato de os animais habitarem um mesmo espaço geográfico bem definido. Esse critério⁴⁹ aparentemente não funcional o é, na verdade, e extremamente importante na vida moré, pois ele sugere um conjunto de atitudes do homem com relação ao ser e ao meio que, muitas vezes, determinam a sobrevivência do indígena. Desta forma, a relação entre o homem e os habitantes das ecozonas 1, 2 ou 3 difere substancialmente em forma, estilo, instrumental, importância alimentar, etc. Esta relação dita valores culturais do povo em relação ao seu mundo e isto é, de alguma forma, refletido na sua língua.

⁴⁹ As determinação dos critérios que caracterizam cada ecozona foi conseguida pela descrição de cada uma, por parte dos informantes, no decorrer das conversas informais, nos estágios mais avançados da coleta de dados, quando já era possível conversar mais profundamente com os informantes sobre a cultura moré sem sermos meros anotadores de dados. Nestas conversas, eram respondidas perguntas como: por que o povo moré chama de parentes os animais de uma ou de outra espécie, e não considera parentes outros animais? Ou ainda, como é que eu sei que tipo de arma vou usar se não conheço os animais da região x? As respostas eram esclarecedoras na caracterização das ecozonas, principalmente cruzando os dados das diversas conversas.

3.1.2 Ser ou Não Alimento Adequado

Este critério tem como ponto referencial o ser humano. Os animais e vegetais que servem de alimento adequado ao homem participam de um grupo denominado simplesmente “alimento” ([k^xaw ta:]). O outro grupo é não-alimento, não havendo uma denominação específica para ele. Aí a categorização geográfica cruza-se e são determinadas as atitudes do homem em relação ao meio para adquirir o alimento. Animais e vegetais da acozona 1, por exemplo, exigem uma tecnologia diferente para serem conseguidos da que é utilizada para conseguir alimentos na zona 2 ou 3. E o conjunto de características naturais de cada área é que determina a natureza e a tecnologia dos instrumentos utilizados em cada uma delas. Para caçar macacos e aves, usa-se zarabatana e um tipo específico de veneno ([βanam]) bem diferente do utilizado para pegar peixes ([mɔβa:]), o que, aliás, não se pode fazer com zarabatanas. Da mesma maneira, a flecha para pesca ([pani: ?at']) difere muito da flecha utilizada para caçar pequenos animais terrestres ([?u: ?at']) e da que se usa para a guerra ([m^wijim]). Também diferem, por exemplo, a sacola que é utilizada para colher frutos como a pupunha ou o açaí ([?uru:]), e a sacola que é usada para carregar milho ou mandioca ([β^wik' t^ho: pana:]). Desta forma, assim como as relações entre os animais de um determinado meio e este meio são definidas por características naturais dos animais e do habitat, as atitudes do homem para com este meio e sua forma de consecução de alimento diferem de uma zona para outra, sendo que estas diferenças são, muitas vezes, sugeridas através das palavras.

Estes dois grupos (alimento e não-alimento) também não recebem marcas de categoria. Vejam-se as listas abaixo :

1. Alimentos :

nome português	nome moreé
1.abacaxi	[k ^x at ^f in]
2.anta	[?im ^w ijɨ]
3.arroz	[aru: su:]
4.banana	[ri: tan]
5.batata-doce	[ru: ti?]
6.caititu (animal)	[tək ^x ɔ: βan]
7.capivara	[rɔ: k ^x ɔm jɔ: ?aβan]
8.chachairu (fruta)	[k ^x ana: jip ^r pi:]
9.macaco	[tapan]
10.mandioca	[?ak ^x ɔp ^r]
11.milho	[mapak ^r]
12.paca	[m ^w ik ^x ɔp ^r]
13.pacupeva (peixe)	[φək ^x ɔ: jam]
14.pato	[tipa:]

15. peru selvagem [san san]

2. Não-alimentos :

nome português

nome moreé

1. águia

[k^xaw ?it^hə:]

2. algodão

[βom]

3. unha-de-gato (vegetal)

[sip' pip' pi:]

4. arraia

[paɬ' ta:]

5. bambu

[βum βu:]

6. camaleão

[p^win t^hi:]

7. cachorro

[φujɔ: tək^xɔ: k^xinam]

8. cedro

[k^xaβak']

9. cobra

[k^xara: k^xaw]

10. gaivota

[naran k^xɔ tuk^xu: βut']

11. lontra

[k^xara: ra:]

12. morcego

[?inaw]

13. onça

[k^xinam]

14.poraquê	[noβ ^{wi} i:]
15.víbora das pedras	[φunun]

Nos dois grupos não há qualquer partícula comum que possa ser identificada como índice de classe. Passemos ao terceiro critério.

3.1.3. Similitude Física

O critério da similitude física é o mais específico dos três relatados e configura-se como o mais importante para os morés na determinação de um parentesco mais estrito entre as espécies. Como destaca Olson (1991)⁵⁰, isto se dá como característica geral entre as classificações nativas, que não têm preocupação universalizadora, diferentemente das científicas. Outro critério citado por este autor é o de que os nativos tendem a prender-se mais aos aspectos fenotípicos e de reprodução em suas classificações, diferentemente do que faz a ciência moderna, que se prende mais aos aspectos genotípicos dos seres. Embora haja estas diferenças, porém, o critério da similitude física é o que mais se aproxima das classificações científicas modernas, ao menos nos grupos que pude levantar, embora ainda dela divirja em alguns aspectos. Isto em virtude de, em geral, espécies de uma mesma família apresentarem atributos fenotípicos - o que é levado em conta pelos morés - muito semelhantes.

⁵⁰ OLSON, David.R.(1991) *The World on Paper: The Conceptual and Cognitive Implications of Writing and Reading*. Cambridge, Cambridge University Press..

A forma física é o aspecto preponderante nesse critério. Tamanho, formato do corpo e cobertura da pele são determinantes. Cor e hábitos são, geralmente, aspectos secundários que servem a uma subclassificação. Entre os vegetais, algumas categorias apresentadas pelos morés (que aqui chamarei famílias, por convenção minha) podem ser encontradas também na cultura dos ribeirinhos da região do vale dos rios Mamoré e Guaporé. Não encontramos para isto, porém, qualquer fato que se apresentasse como uma influência intercultural. A real similitude física entre as espécies apresentadas como pertencentes a uma mesma categoria poderia justificar tal classificação. São exemplos :

Família das palmáceas⁵¹ :

nome português	nome moré
1. açai	[?iram]
2. buriti	[?iji:]
3. tucumã	[?ɔβaw]
4. babaçu	[tuk ^x ut' sima:]
5. palmeira real	[?ɔk ^x ɔn]
6. jatatá	[?unim]
7. marfil	[p ^w it' si: k ^x ɔ: ?ɔk ^x ɔn]

⁵¹ Não tive relato de uma palavra geral para o grupo das palmeiras. O nome é, portanto, apenas sugestivo. A categoria é sempre descrita como um conjunto de plantas parentes, cada qual com seu nome distinto, o mesmo ocorrendo com o que chamei de família das mangas. Isto já não acontece com relação ao conjunto das bananeiras, para o qual os morés se servem da palavra [ri:tan] em sua identificação. Cabe ressaltar, porém que as diversas palmeiras citadas são árvores de utilidade muito semelhante entre os morés, principalmente no que tange à utilização de suas folhas e caules.

8. motacu	[tɔβa: si:]
9. sumuqué	[βara: φɔ?]
10. totai	[turə?]
11. conchita	[kʰɔran]
12. pupunha	[pari:]

Família das bananeiras:

nome português	nome moreé
1. branca	[βakʰap' pi: pʷək']
2. cheirosa	[tɔβa: jə: mɛm]
3. comprida	[tima: ʔəkʰɔn]
4. grossa	[kʰara: kʰara: pʷək']
5. ilhéu	[sasik']
6. nanica	[βum]
7. quatoco	[kʰaw tɔβa:]

Com relação às árvores frutíferas, parece haver um segundo critério calcado mais no formato, no tamanho e na cor da fruta produzida, preponderando estas

características sobre o aspecto geral da árvore⁵². Assim, as árvores frutíferas são categorizadas em grupos como este:

Família das “mangas”:

nome português	nome moré
1. manga	[tima: tɔβa: si]
2. mangaba	[β ^w i:]
3. abiu	[k ^x ana: jip' pi:]
4. cajá silvestre	[ʔuzip']
5. jenipapo	[βarɔp']
6. paquió	[si: m ^w i: jip']

Neste grupo, o aspecto geral da fruta sobrepõe-se ao aspecto geral da árvore. Mas o que os morés definem como “aspecto geral da fruta” nem sempre se combina com a nossa visão da questão, como por exemplo no que se refere a enquadrar o jenipapo e a manga em uma mesma categoria.

⁵² No caso das bananeiras, parece haver uma confluência desses dois critérios. Tanto as frutas (bananas) são semelhantes umas às outras, quanto as árvores (bananeiras), no que tange ao aspecto físico.

Como se pôde notar nas três famílias relatadas, não há índices de classe em nenhuma delas. Há, porém, uma expressão lingüística que caracteriza o aspecto geral da fruta ou da árvore, na maioria das vezes. Existe verdadeiramente uma categorização⁵³, que é reflexo do pensamento deste povo, da forma como os morés vêem o mundo ao seu redor. Esta categorização não vem marcada na língua em forma de partículas específicas ou estruturas sintáticas, mas vem marcada no significado atribuído às palavras e só é depreensível através do conhecimento da cultura e, conseqüentemente, de parte do pensamento do povo que fala esta língua.

Em relação às categorias animais, o formato físico das espécies parece prevalecer sobre o tamanho e a cor. Não é novidade entre os indígenas amazônicos a classificação de onças, jaguatiricas, felinos de diversas espécies selvagens e domésticas e diversas espécies de cães domésticas e selvagens em uma mesma "família". No caso das etnias Txapakura, esta família é designada por cognatos do nome geral [k^hinam] (onça). A categoria destes animais entre os morés tem em alguns de seus nomes, entretanto, apenas a palavra designativa de onça em comum. E isto não pode ser considerado uma marca de categoria lingüística. Podemos considerar que estes animais compõem uma categoria zoológica para os morés, mas não seria próprio considerar que estes nomes compõem uma categoria isolada na língua moré. Isto, porque a existência de classificadores de quaisquer naturezas associados a nomes de uma língua necessariamente produz categorizações internas nos nomes desta língua. Assim, a presença de marcas classificadoras determina classes distribucionais diferentes na gramática da língua. Um determinado nome de uma língua que possui classificadores somente poderá ocorrer associado a uma única marca classificadora. O nome do baniwa-siusi para "cabeça", por exemplo, só poderá estar associado ao prefixo [nu], classificador para objetos inalienáveis, e nunca aparecerá associado a um classificador

⁵³ Como dito anteriormente, esta categorização foi expressa pelos informantes morés através de conversas que, buscávamos, se caracterizassem como informais. Essas conversas se davam em espanhol, mais precisamente em um dialeto espanhol falado na região ribeirinha que compreende o território dos índios morés, dialeto este ao qual referi-me anteriormente. Sempre que perguntados sobre se haveria nomes específicos em moré para cada categoria apresentada e devidamente confirmada, os indígenas respondiam com frases descritivas, como "os que vivem nos topos das árvores" ou "os que são da forma x".

de outra categoria qualquer. As marcas classificadoras geram, portanto, conseqüências gramaticais que não são observadas na língua moré, mesmo nos casos como o referente à palavra usada para onça.

Vamos exemplificar a similitude física entre os animais, aqui, através de três conjuntos de peixes apontados pelos informantes como formadores de famílias distintas. Observe-se, através das ilustrações apresentadas no anexo 3, o aspecto geral de cada peixe e compare-se a classificação moré com a científica moderna, através de cada uma das seguintes famílias montadas por informantes morés :

Família 1 :

figuras 3 a 7

Família 2 :

figuras 8 a 11

Família 3 :

figuras 12 a 15

Os níveis de concordância entre as famílias propostas pelos morés e a classificação científica tradicional varia bastante de uma para outra família. Na família 1, todos os peixes propostos como *parentes* são da família *Characidae*. Na família 2, a, b e d são da família *Pimelodidae*, mas c é da família *Doradidae*. Na família 3 há o maior grau de disparidade : a é da família *Characidae*, b é da família *Prochilodontidae*, c é da família *Chupeidae* e d é da família *Anostomidae*.

O que desejo ressaltar aqui não é, em absoluto, o fato de que os morés desconhecem a classificação científica e tampouco que há discordâncias entre categorias nativas e os sistemas classificatórios da ciência dita moderna, o que seria esperado. O que merece relevo é que, apesar de haver diferenças significativas que marcam os peixes

internamente a uma mesma família, como denteição, tipo de carne, sabor, quantidade e disposição de espinhas, etc., uma percepção geral do fenótipo do peixe parece ser preponderante sobre quaisquer outros aspectos, como ocorre com os vegetais, para efeito de enquadramento numa mesma família.

Outro aspecto que pode ser ressaltado é que, embora agrupem os animais em famílias, cada espécie de uma família é denominada de uma forma específica, particular, diferentemente do que ocorre, muitas vezes em português, por exemplo, em que se tem um nome geral para a família e outro específico para cada espécie, que é justaposto ao nome geral. Observem-se os exemplos que seguem :

Família das perdizes :

nome português	nome moré
1. perdiz-serrana	[βaw βaw]
2. perdiz-roxa	[?əɾə?]
3. perdiz-rosinha	[ju: rin na: k ^x ə:ɾəp' pan]
4. perdiz-boneca	[?əfə: ɾək']
5. perdiz-canela	[φu: tun]
6. perdiz-grande	[?izam məp']
7. perdiz-relógio	[ju: ri:]

8. perdiz-negra	[zam]
9. perdiz-de-pampa	[turi: ?i? ?iw]
10. perdiz-pintada	[ji: βo: βo:]

Embora o informante assevere o parentesco entre os dez tipos de perdizes, chegando a afirmar que se trata de um mesmo pássaro com variações de aparência, não ocorre um nome geral para perdiz. No caso já citado das bananeiras, existe um nome geral para banana ([ri: tan]), mas que é geralmente utilizado para referência à categoria em geral, embora possa ser justaposto aos nomes das espécies da família (o que não é, porém, uma prática habitual da língua). Nos dois casos, não há qualquer marca que identifique a família das perdizes ou das bananas. Os nomes, por sua vez apresentam significação relativa às características de cada espécie, quase sempre de forma figurativa. Isto, por si só, parece apontar para minha hipótese em três aspectos:

- a. a categorização do mundo existe e é reflexo da visão que o povo moré tem desse mundo;
- b. essa categorização se reflete em valores culturais bem definidos, que têm a ver com os hábitos, a sobrevivência do povo, sua religião, sua alimentação, sua tecnologia, etc.;
- c. a língua deve, de alguma forma, refletir essa categorização, uma vez que é o principal instrumento para a expressão e mesmo para o estabelecimento de valores culturais;

Onde e como identificar esse reflexo do pensamento e da cultura na língua, então? Ao menos três hipóteses iniciais podem ser levantadas sobre como encontraríamos a resposta:

- a. na existência de classificadores morfológicos;
- b. na existência de hiperônimos;
- c. na existência de predicados comuns.

Os classificadores, como vimos, não ocorrem. Os hiperônimos ocorrem raramente, como no caso citado das bananas. Existem, portanto, na língua, embora sua utilização não seja significativa. Concluímos que os predicados comuns, as características atribuíveis aos diversos seres de cada categoria é que a marcam lingüisticamente. Isto aponta para um fato interessante que, creio, é a chave para esta investigação com o moré: os predicados comuns não são um único e o mesmo predicado para cada categoria, expresso através de uma única forma comum. Isto seria como uma categorização por classificadores. São, diferentemente, predicados que se inter-relacionam estreitamente. São predicados que acabam sendo comuns no sentido em que designam seres de uma mesma categoria cognitiva. Mas, como uma língua expressaria um tal tipo de categorização sem repetir um mesmo e único predicado classificador? Provavelmente, estes predicados serão construídos com o uso dos mais diversos recursos expressivos da língua, que abrangem a utilização de figuras. É nessas figuras que se encontra a mais exata expressão do pensamento do povo com relação ao ser nomeado. E são também elas que suprem, enquanto recursos da língua, esta necessidade auto-imposta pela língua, de não repetição dos predicados como se fossem uma marca fixa de classificação. Em uma língua que utiliza classificadores formais, não há esta auto-imposição de que sejam variados os marcadores de categoria, pois eles são explícitos, *overt*, na terminologia de Whorf. É como se as línguas fizessem uma de duas opções básicas: 1. utilizam-se classificadores fixos e explícitos ou 2. utilizam-se predicados variados que fazem subentender, de alguma forma, a existência de categorias cognitivas encobertas na língua. Na significação dessas figuras e na relação entre sua significação e os valores culturais estará expressa a dimensão pragmática do pensamento do povo que usa essa língua. Mais do que isso, porém, é somente em função de um contexto cultural que essas figuras podem ser entendidas o que estimulará o ciclo de interinfluência entre cultura,

linguagem e pensamento que tenho defendido neste trabalho. E há como verificar isso: verificando-se internamente as palavras, sua estrutura formal e seu conteúdo semântico, e relacionando-se esses fatores à cultura e ao pensamento morés. Vamos, portanto, conhecer um pouco da estrutura formal da língua moré para podermos passar a essa análise mais profunda, parte a parte de nomes da língua moré.

4. ALGUMAS INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE A LÍNGUA MORÉ

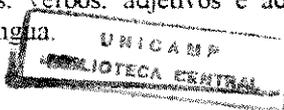
O objetivo deste capítulo é apresentar algumas informações básicas sobre a língua moré, de forma a sustentar a interpretação que faço, no capítulo subsequente das estruturas nominais do moré, especialmente dos nomes compostos. Apresentarei aqui os resultados preliminares de minhas pesquisas em morfologia e sintaxe morés, sendo que cumpre deixar clara a necessidade de aprofundamento dos estudos já realizados, especialmente no que concerne à sintaxe da língua. Este capítulo será dividido em três partes, a saber:

- a. informações sobre a morfologia da língua;
- b. proposta de uma tipologia das estruturas nominais do moré;
- c. informações sobre a sintaxe moré.

4.1. INFORMAÇÕES SOBRE A MORFOLOGIA MORÉ:

As palavras⁵⁴ do moré são formadas a partir de radicais básicos, monossilábicos ou dissilábicos. Nas palavras nominais e nas verbais (que são as de maior interesse neste trabalho), esses radicais são também compartilhados, sendo que a eles são acrescentadas partículas (como afixos indicadores de tempo, aspecto, pessoa, número, etc.) que indicam a inserção dos radicais na categoria dos verbos. Em um universo de aproximadamente três mil palavras que foram colhidas nesta pesquisa, cerca de seiscentas, ou seja, vinte por cento do total, constituem-se como esses radicais. As demais palavras são o resultado do retrabalho com estes mesmos radicais, através de justaposições,

⁵⁴ Refiro-me aqui às palavras nocionais (nomes, verbos, adjetivos e advérbios). Conectivos e dêiticos apresentam uma forma diferente de formação na língua.



reduplicações e acréscimo de partículas gramaticais. Tais radicais apresentam sempre uma das seguintes estruturas:

- a. CVC (como em [ʔatʰ] *osso da perna*)
- b. CV: (como em [φu:] *vento, sopro*)
- c. CV + CVC (como em [kʰinam] *onça*)
- d. CV + CV: (como em [βana:] *caminho*)

A combinação desses radicais com partículas que servem a diversas funções gramaticais (expressar tempo, modo, origem, relação de posse, etc), com outros radicais e a reduplicação, trazem à tona um problema já muito discutido em lingüística e ainda sem uma solução definitiva, que é a classificação tipológica da língua quanto a ela ser aglutinante ou isolante. O mesmo problema que enfrentamos com o moré, foi-nos relatado pessoalmente por Everett e Kern quanto ao estudo que estes pesquisadores procedem com o oro nao, outra língua da família Txapakura. Após dez anos de pesquisa com o oro nao, Everett e Kern são ainda levados a exitar sobre uma afirmação categórica quanto ao enquadramento desta língua em um tipo super-isolante ou super-aglutinante. A mesma dúvida paira em meus estudos sobre o moré, embora esteja propenso, hoje, a concluir que o moré é mesmo uma língua aglutinante, entendida aglutinante como a língua

“que apresenta a característica estrutural de acumulação, após o radical, de afixos distintos a fim de exprimir as relações gramaticais.”⁵⁵

⁵⁵ DUBOIS. Jean et alii. (1973) *Dicionário de Lingüística*. São Paulo. Cultrix. 1989. p.32.

Em se tratando de classes de palavras⁵⁶, como as entendemos para a língua portuguesa, encontramos na língua moré, ainda em uma análise incipiente, as seguintes categorias: **nomes, predicados (englobados os verbos e os adjetivos), advérbios, pronomes pessoais, dêiticos demonstrativos e possessivos e conectivos** (aparentemente preposicionais). Destas, as categorias que poderíamos chamar nocionais (nomes, predicados e advérbios) são formadas a partir dos radicais básicos que citei anteriormente. As partículas de natureza gramatical (pronomes, dêiticos e conectivos) são radicais independentes que não sofrem variação ao serem juntadas aos radicais nocionais e que não podem, por sua vez, atuar como se fossem formas livres, aludindo aqui à terminologia de Mattoso Câmara (1976⁵⁷). Logo, tais partículas somente aparecem associadas aos radicais nocionais, modificando-lhe o sentido ou até a classe. Veremos um exemplo da atuação destas partículas, mas antes, considerarei o porquê de minha afirmação de que todos os radicais nocionais da língua são nominais.

Tomei como referência a idéia de que, se uma língua possui radicais básicos, isto é, se ela possui radicais dos quais derivam os demais conjuntos de palavras que constituem as demais categorias lexicais nocionais dessa língua, esses radicais serão obrigatoriamente verbais ou nominais. Esta idéia é corrente nas tipologias de línguas indígenas que conheço e tem-se demonstrado satisfatória nas descrições. A partir dela, e sabendo que a língua moré utiliza radicais básicos, deduzi que se tratava de radicais nominais uma vez que, caso uma língua possuía radicais básicos verbais, quando estes atuam

⁵⁶ Provavelmente fosse mais seguro falar descritivamente de classes distribucionais. O problema é que um estudo completo das classes de distribuição do moré ainda não está pronto. A utilização de uma terminologia adaptada da gramática da língua portuguesa visa a auxiliar o leitor neste primeiro contato com a língua moré, uma vez que este é o primeiro trabalho feito com esta língua que abrange tais aspectos de sua estrutura. Não se engane, porém, o leitor com esta terminologia que, sem dúvida, será alterada em uma descrição mais completa da língua.

⁵⁷ CÂMARA JR. J. Mattoso(1976). *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro. Padrão. 1989.

como nomes devem necessariamente receber uma marca⁵⁸, quer morfológica, quer sintática ou mesmo discursiva, que os identifique como nomes e vice-versa.

No caso do moré, para atuarem como verbos, mesmo na forma verbal básica (que no português é identificada como infinitivo impessoal, para fins de analogia), estes radicais recebem o sufixo [βa:]. Este sufixo é descrito pelos informantes como “aquilo que faz o nome geral do verbo”. É o que se chama de *partícula verbalizadora* ou *afixo verbalizador*, semelhante aos [a...eseh], [a...ar] e ao [izah] do português, que formam “amanhecer”, “avermelhar” e “industrializar”, por exemplo, a partir de “manhã”, “vermelho” e “indústria”, respectivamente. Estes afixos verbalizadores são comuns nas línguas do mundo, diferenciando-se, em comportamento gramatical e em sentido, dos verbos copulativos, como o verbo *ser* do português.

Para atuarem como nomes, estes radicais básicos que citei são utilizados na sua forma original. Para exemplificar este processo de formação de palavras no moré, vejamos o exemplo da categoria das palavras às quais chamei predicativas. A um radical nominal acresce-se [βa:] para indicar a condição predicativa em uma estrutura que pode ser assim esquematizada:

nome = R + ∅

predicado (infinitivo ou adjetivo) = R + [βa:]

Observem-se os exemplos que seguem :

radical nominal moré (português) predicado moré (português)

⁵⁸ Entendo como marcada, neste trabalho, assim como em Dubois (1973), “a unidade linguística que possui uma particularidade fonológica, morfológica, sintática ou semântica que a opõe às unidades de mesma natureza na língua.” Assim, em uma língua com radicais básicos, o radical marcado será aquele que se diferencia dos da categoria original por apresentar um afixo ou qualquer outra particularidade que assim o caracterize.

1.[jat'](sorriso)	[jat ^x βa:](sorrir)
2.[φu:](vento)	[φu: βa:] (soprar)
3.[φət' φət'](suavidade)	[φət' φət' βa:] (ser suave)
4.[p ^w ə:](assento)	[p ^w ə: βa:] (sentar)
5.[param](tosse)	[param βa:] (tossir)
6.[sum](tampa)	[sum βa:] (tampar)
7.[m ^w iri:](fio)	[m ^w iri: βa:] (tecer)
8.[m ^w əm](vermelho)	[m ^w əm βa:] (ser vermelho)
9.[φət'](fotografia)	[φət' βa:] (fotografar)
10.[map'](fecho,tranca)	[map' βa:](fechar)
11.[təβak'] (cinza)	[təβak' βa:](ser cinza)
12.[p ^w iβ ^w i:](coceira)	[p ^w iβ ^w i: βa:](coçar)
13.[k ^x əɾə:](concavidade)	[k ^x əɾə: βa:](ser côncavo)
14.[(ta ^w) timi:](forma quadrada)	[(ta ^w) timi: βa:](ser quadrado)
15.[tusi:](cozimento)	[tusi: βa:] (cozinhar)

O informante principal afirma que qualquer radical básico nocional pode, em tese, ser transformado em palavra predicativa. Não haveria os que não aceitassem a construção com [βa:], desde que houvesse necessidade de expressar uma ação referente ao

radical escolhido. Isto acontece também no português, embora de forma não autorizada pela gramática padrão. É comum a criação casual de neologismos verbais como em “Aquele fofoqueira só fica *janelando*” ou mesmo a utilização já aceita de verbos assim formados, como em “Este milho não está *pipocando* direito”.

Em função de serem originados de radicais comuns, adjetivos e verbos no infinitivo parecem atuar de forma semelhante e não possuir diferenças morfológicas, mesmo quando são utilizados internamente em uma palavra e dispensam a presença do afixo [βa:], como se verá em exemplos apresentados adiante. Para marcar tempo e pessoa, existem afixos específicos para os verbos, que não são utilizados nos adjetivos, o que definiria uma subclasse distribucional. Alguns desses afixos já puderam ser especificados no atual nível de minha pesquisa, além do [βa:], marca de infinitivo. Sua apresentação serve para ilustrar os processos de formação de palavras a que tenho me referido neste capítulo. São eles:

1. [nɔn] que marca um passado perfectivo remoto em todas as pessoas verbais, como em :

a. [φuru: /nɔn] (*caçar* passado perfectivo = *caçou caçaram*)

b. [k^xaw /nɔn] (*comer* passado perfectivo = *comeu comeram*)

c. [kirik' /nɔn] (*ver* passado perfectivo = *viu viram*)

d. [pa: /nɔn] (*matar* passado perfectivo = *matou mataram*)

2. [nɔj] que marca um presente contínuo em todas as pessoas verbais, como em:

a. [$\phi u:$ / $nəj$] (*atear (fogo) presente contínuo = está ateando fogo estão ateando fogo*);

b. [$ma:$ $si:$ / $nəj$] (*guardar presente contínuo = está guardando estão guardando*);

c. [k^xaw / $nəj$] (*comer presente contínuo = está comendo estão comendo*);

d. [$pa:$ / $nəj$] (*pescar presente contínuo = está pescando estão pescando*).

Uma outra forma de construir o presente contínuo (entendido aqui como uma forma de tempo presente de aspecto continuativo e progressivo) na língua moré é através da utilização dos termos [$\text{ʔoma: ri: ... namam}$] e [$\text{ʔoma: ri: ... nək}^x\text{a:}$], com o verbo inserido ao centro, em uma estrutura que pode ser aproximativamente traduzida por “está agora (verbo principal) ela ou ele”. O interessante desta construção é que se utiliza [**namam**] quando o sujeito é feminino e [**nək}^x\text{a:}**] quando o sujeito é masculino, em uma espécie de “flexão de gênero verbal”. Vejamos os exemplos:

a. [$ta:$ $naman$ / ʔoma: ri: / k^xaw / $naman$]

mulher: presente contínuo comer: presente contínuo “ela”

“ *A mulher está comendo.* ”

b. [$nama:$ k^xon / ʔoma: ri: / k^xaw / $nək}^x\text{a}$]

homem: presente contínuo comer: presente contínuo “ele”

“ *O homem está comendo.* ”

c. [k^xinam / ʔoma: ri: / ʔuna: / $nək}^x\text{a}$]

onça(masc.) presente contínuo crescer presente contínuo "ele"

" A onça está crescendo."

d. [nama: k^xɔn /ʔɔma: ri: / ʔup^wəɲ /nɔk^xa:]

homem presente contínuo dormir presente contínuo "ele"

" O homem está dormindo."

3. [tana:] que marca um futuro simples (semelhante ao futuro do presente da língua portuguesa) para todas as pessoas verbais:

a. [se: me: /k^xaw /tana: /pa: /pati:]

jacaré: comer futuro simples preposição que indica objetivo ou alvo: peixe

" O jacaré vai comer comerá o peixe."

b. [nama: k^xɔn /p^wini: /tana: /pɔ: /pɔ: timi: je: asim]

homem subir futuro simples preposição que indica posição superior(sobre) maloca

" O homem vai subir subirá na maloca."

c. [nama: k^xɔn /ʔipa: /tana: /pɔ: /pɔ: timi: je: asim]

homem cair futuro simples preposição que indica posição superior(sobre) maloca

" O homem vai cair cairá da maloca."

Como citado, além de nomes e predicados, partículas gramaticais assemelhadas a dêiticos, em virtude de sua função semântica relacional, foram encontradas, mas somente inseridas em palavras compostas. Nenhum caso de uso isolado, independente, de tais partículas foi registrado, o que as caracterizaria como formas dependentes, na terminologia apresentada por Mattoso Câmara⁵⁹. Estas partículas, geralmente [k^xɔn], [k^xin] e [je:] serão objeto de nossa análise agora. Em muitos dos casos de palavras compostas encontrados, nos quais apareciam três radicais nominais básicos, os dois últimos radicais aparecem interligados por uma relação aparentemente genitiva que se estabelece com o uso das partículas notadas no início deste capítulo. São elas as partículas [k^xɔn], [k^xin] e [je:] e suas variantes⁶⁰ (apresentadas entre parênteses na série de exemplos 4.2.2.2 deste capítulo). Estas partículas estabelecem uma relação posse/possuidor ou característica/caracterizado entre duas palavras do que seria um sintagma nominal ou ainda de dois radicais de uma palavra composta. Não são, portanto, partes integrantes dos radicais aos quais se relacionam⁶¹. Sua ação é interna ao sintagma ou à palavra composta, referindo-se sempre ao elemento imediatamente subsequente, sendo que, se ele for masculino na língua, a partícula usada será [k^xɔn] se a palavra imediatamente subsequente for feminina a partícula será [k^xin]; se se tratar de palavra de gênero desconhecido do falante ou tido como neutro na língua, será utilizada a partícula [je:]. Estas partículas são também importantes em outros processos formadores de palavras, como a anteposição de um predicado na formação de nomes que indicam subespécie em animais e vegetais, como se poderá ver em exemplos apresentados mais adiante neste capítulo. Mesmo nesses casos, porém, a relação semântica estabelecida será de característica/caracterizado, uma vez que os morés expressam essa

⁵⁹ (op.cit.)

⁶⁰ São alomorfes as partículas [k^xɔ:] e [k^xi:] que aparecem diante de consoante. A forma tomada como sendo a do morfema básico aparece antes de vogal e no final dos enunciados.

⁶¹ Para testar esta hipótese, repetidas vezes e em diferentes ocasiões, perguntamos aos informantes se a segunda parte das palavras em questão era [x + kxo:] ou [x + kxin], ou se a terceira parte dessas palavras era [kxo: + x] ou [kxin + x] o que era sempre negado. Obteve-se como resposta invariável apenas o radical básico, sem o acréscimo destas partículas.

categorização através da atribuição de uma peculiaridade ao ser considerado original ou principal de uma espécie. Como a função destas partículas é a de relacionar dois radicais presentes em uma mesma palavra ou duas palavras formadoras de um sintagma, podemos representar esta função pela seguinte fórmula:

*{{específico} partícula {geral}} ou
{{originado} partícula {originador}}*

Além da ligação das palavras e dos termos de um sintagma através de partículas como [k^xin], [k^xɔn] e [je:], a outra forma de formação de palavras da língua moré é a justaposição, quando a ordem atua como marca de caso (ou de função). Quando dois radicais são justapostos para formar uma palavra, porém, eles o serão em sua forma básica, sendo apenas permitida a utilização de partículas conectivas, mas nunca de afixos que transformem um radical básico em palavra secundária, derivada. Assim, se uma determinada sentença da língua, estruturada com todas as partículas gramaticais, é tomada como palavra composta, apenas permanecerão as formas básicas dos radicais, sendo que as partículas gramaticais serão apagadas. Vejamos como isto ocorre, através dos exemplos a seguir. Pedi ao informante que utilizasse um nome composto como “sujeito” em uma sentença “redundante” em que se usa o mesmo predicado que serve à construção do nome composto. As sentenças resultantes foram:

a. [[tʃak¹ k^xuni?] / tʃak¹ / nəj / sa: / je:/ k^xuni]

*[águia do rio(lamber+carne podre)] lambe: presente contínuo podre:
partícula que indica que o termo anterior é característica do imediatamente subsequente
carne*

“ A águia do rio é aquela que fica lambendo carne podre.”

Como se pode ver, na palavra composta que se traduz por *águia do rio* somente há os dois radicais básicos da expressão traduzida por *é aquela que fica lambendo carne podre*, quais sejam, [tʰak¹] *lamber* e [kʰuniʔ] *carne* (subentendido “*podre*”).

b. [[kʰaw ʔitʃə:] / kʰaw / nəj / ʔitʃə:]

[*falcão da campina (comer – fogo)*] *comer presente contínuo fogo*

“ *O falcão da campina é aquele que fica comendo fogo.* ”

Nota-se, neste exemplo, que o verbo traduzido por *comer* perde o afixo que marca presente contínuo na passagem de sentença a palavra composta, permanecendo apenas os dois radicais básicos para *comer* e *fogo*.

c. [[titim mʷimal] / titim / nəj / mʷimal]

[*cuyabo da praia (está em, faz parte de – areia (ou praia))*] *está em, faz parte de presente contínuo areia(ou praia)*

“ *O cuyabo da praia é aquele que está fazendo parte da praia.* ”

Pode-se verificar o mesmo fenômeno que ocorre no exemplo anterior, qual seja, a perda da partícula que designa o presente contínuo e a permanência somente dos radicais básicos da sentença na palavra composta.

Algumas vezes, porém, os informantes não foram capazes de encontrar em sua língua uma sentença tão próxima da palavra composta como as dos exemplos **a**, **b** e **c**. Outras sentenças foram dadas, das quais cito duas especialmente interessantes:

d. [[m^wimal ʔup^wək'] / ʔəmən/ nəj /pa: /ʔup^wək' / je: / k^ʰəm]

[*corvina de água doce (areia – cabeça)(masc)*] conter presente contínuo
preposição que indica interioridade cabeça partícula que indica posse dele(anáfora de
corvina de água doce)

“ A corvina de água doce é aquela que (con)tem areia dentro da cabeça
(dela). ”

Neste caso, uma sentença bem mais complexa exprime o mesmo significado
expresso pela palavra que se traduz por *corvina de água doce*, palavra esta que conserva
apenas dois dos radicais básicos da sentença : [m^wimal] *areia* e [ʔup^wək] *cabeça*.

e. [[pa: ʔari: ji:] / pa: /nən /ʔari: ji:]

[*jaguarica (caçar – arara)*] caçar · passado perfeito arara

“A jaguarica caçou a arara.”

O fato interessante desta sentença é que o verbo vem no passado perfeito e
não no presente contínuo, como ocorre na grande maioria dos exemplos colhidos. Isto se
explica de forma muito interessante. Os nomes para jaguarica e para arara foram
atribuídos, segundo os informantes, de forma mítica⁶², em um passado remoto definido
pelos morés como ancestral. O nome da jaguarica deve-se, segundo eles, ao fato de ela ter
comido uma arara em especial, e não por ela fazer isto ainda hoje, o que obriga o verbo ao
passado. O feito da jaguarica somente pôde ser igualado por homens, o que dá uma
significação especial ao nome, como veremos no exemplo 20 do item 5.2. Este dado
apresenta de forma bastante interessante a interinfluência que venho defendendo. As
alterações gramaticais às quais o falante se obriga ao montar esta sentença, como a
colocação do verbo no tempo passado, não podem ser justificadas de outra forma que não
pela influência da cultura na forma da língua, o que resulta em uma influência no

⁶² Sobre atribuição de nomes através de mitos e lendas. V. item 5.4.

pensamento, para quem usa essa língua. Este dado moré remete ao fato de que o falante somente pode usar sua língua coerentemente se este uso obedece aos padrões culturais em que esta língua se insere e para os quais ela foi, de certa forma, desenvolvida, adaptada. Ao construir uma sentença em moré, para descrever um determinado objeto, parece natural que um moré partirá de sua visão cultural do objeto para descrevê-lo usando o sistema lingüístico moré. Por isso uma representação lingüística do significado do nome da jaguatirica na cultura e na língua morés obriga o verbo ao passado.

Cito um exemplo desta influência da cultura sobre a forma lingüística com dados de outra língua amazônica, o ye-pâ-masa, da família Tukano, colhidos pelo pesquisador francês Henri Ramirez e a mim repassados em atividades de sala de aula. Em ye-pâ-masa existem sufixos verbais específicos para designar diferentes modalidades de uma ação ou fato descritos. Um verbo qualquer de uma sentença será obrigatoriamente seguido de uma partícula específica se a ação foi vista pelo falante, de outra partícula específica se a ação narrada foi ouvida ou percebida pelo falante, de uma outra partícula distinta se a ação narrada foi relatada ao falante por terceiros ou, ainda, de uma outra partícula diferente se a ação está sendo imaginada pelo falante como possível de acontecer ou de ter acontecido. Todas estas mudanças na forma da língua só são justificadas por influência da cultura sobre o sistema lingüístico. Mas uma outra informação do ye-pâ-masa pode ser ainda mais esclarecedora quanto a esta influência. Observe-se este quadro resumido (o quadro original fornecido por H.Ramirez é mais abrangente) dos demonstrativos em ye-pâ-masa:

Forma do pronome demonstrativo em ye-pâ-masa	Situação em que se aplica	Tradução em português
[a' te]	com nomes de seres inanimados no plural ou de seres não contáveis	estes, estas
[a' to]	com nomes de lugares	este, aqui

[a' ri]	com nomes de seres animados masculinos no singular	este
[a' tigo]	com nomes de seres animados femininos no singular	esta
[a' ra]	com nomes de seres animados no plural	estes, estas
[a' tiga]	com nomes de seres de formato roliço, circunférico no singular	este, esta
[a' tepaga]	com nomes de seres de formato roliço ou circunférico no plural	estes, estas
[a' tiri]	com nomes de seres de formato de panela no singular	este, esta
[a' tepari]	com nomes de seres de formato de panela no plural	estes, estas
[a' tiqi]	com nomes de seres de formato retilíneo no singular	este, esta
[a' tepagi]	com nomes de seres de formato retilíneo no plural	estes, estas
[a' tiwi]	com nomes de seres com formato tubular no singular	este, esta
[a' tepawi]	com nomes de seres com formato tubular no plural	estes, estas
[a' tiwa]	com nomes de seres com formato de abóboda no	este, esta

	singular	
[a' tepawa]	com nomes de seres com formato de abóboda no plural	estes, estas
[a' tira]	com nomes de seres com formato de "lago" no singular	este, esta
[a' tepara]	com nomes de seres com formato de "lago" no plural	estes, estas

Este complexo sistema de demonstrativos da língua ye-pâ-masa não pode ser justificado como uma espécie de "capricho" da língua. Tampouco há razões formais para justificá-lo. Apenas a influência do pensamento deste povo e de sua cultura sobre seu sistema lingüístico e de seu sistema lingüístico sobre seu pensamento e sua cultura justificam tal fato. Mais do que isso, para falar o ye-pâ-masa, de certa forma é preciso saber enxergar o mundo como os ye-pâ-masas o enxergam, sem o que os demonstrativos e demais partículas relacionais (ou referenciais) serão inevitavelmente mal utilizados. Uma prova interessante disto é uma tradução dos Evangelhos para esta língua, efetuada por missionários há alguns anos. Esta tradução foi toda realizada em modalidade "vista", como se os fatos ali narrados tivessem sido presenciados pelos narradores. Mas, como fazer um ye-pâ-masa crer que os missionários tradutores presenciaram os fatos ocorridos há cerca de dois mil anos? O certo, segundo a visão dos ye-pâ-masas sobre a História, seria que a tradução tivesse sido feita em modalidade "ouvida de terceiros". Os missionários, por certo, pensaram que a modalidade "vista" daria um ar de maior credibilidade ao texto bíblico. O efeito gerado, porém, foi o inverso.

Passemos agora a uma proposta de tipologia das estruturas nominais da língua moré.

4.2. PROPOSTA DE UMA TIPOLOGIA PARA AS ESTRUTURAS NOMINAIS DO MORÉ:

Especificamente sobre as estruturas nominais, pode-se já estabelecer uma tipologia que descreva sua organização interna. Convém, antes de apresentar esta tipologia, esclarecer o que tenho tomado como nomes nesta dissertação. Justamente pela não conclusão, ainda, de um quadro completo da morfologia do moré tenho procurado encarar os nomes simplesmente como palavras simples ou compostas (mas sempre palavras, nunca estruturas frasais) que nomeiam seres, objetos, estados (físicos, psíquicos, etc.) e fenômenos da natureza. Diferentes deles, por exemplo, teríamos as palavras que nomeiam ações e das quais, juntando-se um critério morfológico, diria que são palavras que podem ser modificadas em aspecto, número, pessoa, e tempo. Estas seriam incluídas na categoria dos predicados (verbos e adjetivos, na terminologia do português). Os exemplos que apresentarei estarão, necessariamente, enquadrados em um desses paradigmas. Isto não é sem propósito. Ao contrário, busca centralizar a discussão no campo reconhecidamente menor das formas do moré sobre cuja estrutura temos alguma convicção e que permite conclusões mais palpáveis. A tipologia dos nomes do moré aqui apresentada visa a definir a morfologia das palavras que serão analisadas pormenorizadamente em sua construção semântica no capítulo 5. Para tanto, convém explicitar alguns critérios :

a. serão considerados nomes simples as palavras mono e dissilábicas que, indecomponíveis, enquadrarem-se no conjunto de palavras que nomeiam seres e objetos (de quaisquer naturezas), estados (físicos, psíquicos, etc.) e fenômenos da natureza. Trata-se de uma definição de caráter semântico, mas que parece adequar-se à estrutura da língua moré, embora seja uma definição muito próxima da que comumente se usa com o português. Para auxiliar nesta nunca fácil definição dos nomes em uma língua, recorro a um expediente

estruturalista, que se tem demonstrado bastante funcional, embora nem sempre tão preciso, em análises de línguas ameríndias: a comutação. Diríamos que um nome na língua é uma palavra que pode ser comutada por um nome próprio (no sentido estruturalista de nome próprio, como João, Maria, São Paulo, etc.). Trata-se de uma definição que apela para o aspecto distribucional da palavra na língua, mas que me parece uma das mais seguras no momento, além de suficiente;

b. serão considerados nomes compostos os que, como palavras nominais, segundo os mesmos critérios, forem formados por mais de uma unidade lexical delimitável. Recorro aqui ao mesmo critério estruturalista. Os nomes compostos, segundo este critério, seriam as estruturas compostas comutáveis por um nome próprio. Este critério de comutação, se não resolve o problema da delimitação do nome composto na língua, ajuda, ao menos, a compreender a diferenciação que quero estabelecer entre um nome composto (comutável por um nome próprio) e um sintagma nominal (não comutável por um nome próprio);

c. quando não atuam isoladamente como predicados de uma sentença, vários radicais nominais atuam internamente na palavra composta com função igualmente predicativa (verbal ou adjetival). Estes radicais, mesmo não marcados morfologicamente, podem ser identificados por sua posição na palavra. Serão denominados, em virtude de sua significação, predicados. Vejamos alguns exemplos:

1. o radical [mən] é originariamente nominal. Significa “fezes” ou “ruim”. Justaposto a outro radical nominal, entretanto, pode assumir a função predicativa, como em [φu: mən: ma:] (cheiro/vento+ruim+corpo = mau cheiro corporal);

2. o radical [m^wəm], que significa originalmente “*vermelho*”, em seu sentido nominal (nome da cor), na palavra [m^wəm k^ʰat^fin] (vermelho+abacaxi) significa “*maduro*”;

3. o radical [rəp^ʰ] (anúncio) é normalmente utilizado como [rəp^ʰ βa:] (anunciar). Na palavra [ʔim^wɪ: rəp^ʰ](morte+anunciar = macaco-de-cheiro), ele significa igualmente “*anunciar*”, mas não é marcado com o afixo [βa:].

Temos como tipos morfológicos básicos do moré, ilustrados por alguns exemplos:

4.2.1. Nomes simples :

nome moré	nome português
a. [ru: tiʔ]	batata doce
b. [mazan]	batata silvestre
c. [φuβen ^ʰ]	omelete
d. [ʔəʔ]	pimenta
e. [tim]	barriga
f. [mən]	fezes, ruim

Os nomes simples são, quase sempre, considerados palavras de significação ampla, geral. A eles, costumeiramente, agregam-se predicados ou outros nomes simples, que passam a formar palavras compostas de significado mais específico, delimitado. Também, aos nomes simples pertencem a grande maioria daqueles que chamo de imotivados nesta dissertação, ou seja, aqueles cujas justificativas para sua significação não são recuperadas pelo falante moré quando isto lhe é solicitado, embora ele reconheça o referente desse nome.

Muitas vezes, ao realizar um estudo mais profundo de nossa língua materna, somos levados a testar dados de nossa própria língua com outros falantes, comparando nossas intuições com as de outros, sempre que obrigados a refletir sobre nossa língua mais profundamente. Isto se dá porque operar desta forma sobre a própria língua, não é exigência de nenhuma língua natural a seus falantes, portanto, uma prática pouco comum. Mas, mesmo havendo esta dificuldade de reflexão do falante sobre a própria língua, forçando-se a memória do falante e levando-o a encarar a própria língua como estudioso, pode-se, muitas vezes, recuperar aspectos significativos sobre certas palavras.

Consideremos este assunto à luz de Saussure. Este estudioso cria que as palavras de uma língua, como signos, são todas imotivadas, isto é, que as palavras não mantêm nenhum tipo de relação material ou simbólica entre sua forma lingüística e o significado que expressam. Mas, Saussure também notou que se constituem nas línguas diversos tipos de relações entre as palavras, relações estas que denotam um grau de associação entre os diversos constituintes de uma língua. Interessa-nos aqui mais precisamente as relações às quais Saussure chamou de associativas.

As relações associativas são aquelas que o falante constrói em sua mente entre certos grupos de palavras, nas quais partes comuns presentes em todas elas levam o falante a "deduzir" aspectos de sua significação ou mesmo a significação integral. Estas partes comuns (como radicais, sufixos e prefixos, por exemplo) são, por si, imotivadas. Mas, a partir desses constituintes imotivados o falante cria relações associativas para com

um novo termo que ele tente agora entender e deduz o sentido provável. Assim, se conheço o significado do significante imotivado “ensinar” (para ficar com o exemplo de Saussure), provavelmente estabelecerei relações associativas entre este significante e os significantes “ensinamento”, “ensinado” e “ensino”, principalmente, se conheço também o sistema derivacional da língua portuguesa e os significantes “-mento”, “-do” e “-o”. Trata-se, portanto, embora Saussure não o diga nestes termos, de uma espécie de motivação parcial a partir do imotivado. Um tipo de motivação parcial que se dá por relações associativas entre os elementos da língua

Pode, porém, ocorrer de esta motivação parcial de uma palavra ser perdida na evolução da língua e/ou da cultura, sendo muitas vezes irrecuperável pelo falante nativo. Assim ocorre com a palavra “figado”, do português. Segundo a maioria dos dicionários etimológicos da língua portuguesa a origem desta palavra está ligada à palavra “ficu” (figo), do latim clássico, que teria originado a palavra “ficatum” (engordado a figo, referindo-se a gansos ou a porcos, que engordados a figo teriam seus figados dilatados), do latim vulgar. É difícil crer que um falante nativo do português recupere esta história sobre o significado da palavra “figado” somente a partir da forma e do significado atual da própria palavra. Quando muito, pode-se esperar que um falante nativo relacione “figo” e “figado” por razões fonéticas, mas ainda assim sob protestos de uma inexistência de relação semântica clara entre essas palavras. Esta condição de irrecuperabilidade da motivação da palavra pelo falante nativo, a torna uma mera indicação que referencia um objeto dado, um instrumento para fazer referência a este objeto, nos termos da relação arbitrária entre significado e significante exposta por Saussure. Quando a palavra alcança esta condição meramente referencial, é denominada, nesta dissertação, de palavra imotivada. Quando o informante pode recuperar o que chamei acima de história da palavra, ou então montar relações associativas de significação entre a palavra e outras de sua língua, isto é, quando ele pode apresentar justificativas para que a palavra apresente o seu significado usual na língua, ela é denominada palavra parcialmente motivada. Em caso de utilização de figuras de linguagem em sua construção, teremos uma motivação parcial também, uma vez que a figura estabelece

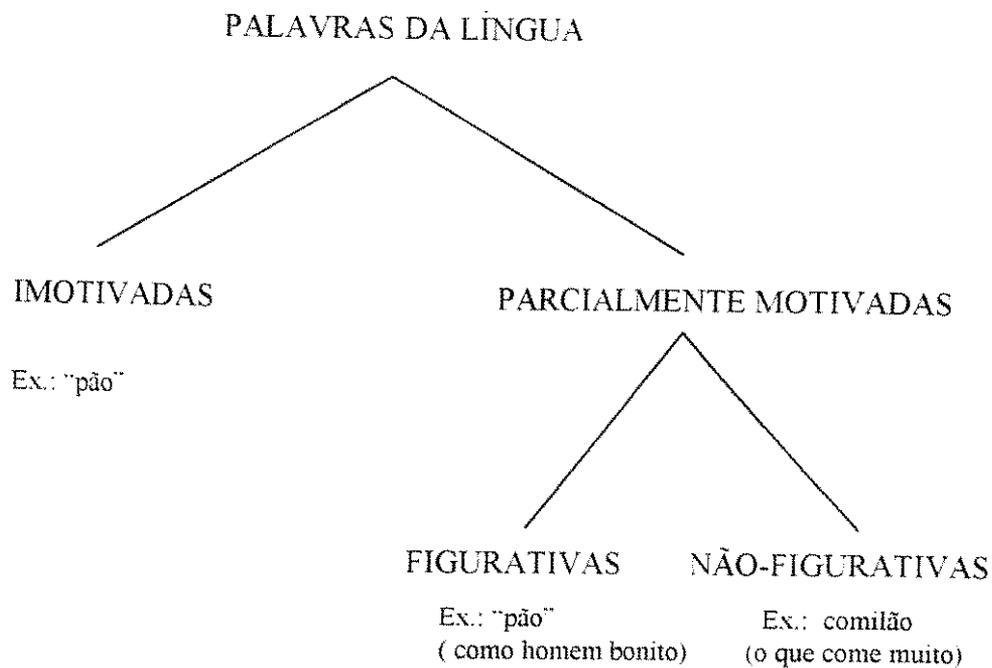
uma relação associativa entre os termos da palavra composta ou entre a palavra utilizada no sentido figurado e a outra⁶³ que lhe emprestou a forma. Estas palavras figurativas serão chamadas aqui de figurativas. Vejamos alguns exemplos do português como forma de explicar o que expus nestes parágrafos.

Palavras imotivadas ou meramente referenciais são tomadas aqui como aquelas nas quais o falante não identifica a presença de aspectos semânticos descritivos do ser/objeto referenciado ou para as quais o falante não consegue apontar justificativas para o significado usual na língua. Atuam, portanto, como uma indicação que aponta, nos termos de Saussure (op.cit), arbitrariamente, para um significado a que corresponde uma classe de objetos. Exemplos do português para estas palavras seriam *faca*, *luz*, *cão* (animal), *folha* (de vegetais), *pão*, *homem*. Destas palavras o falante nativo diz que são os nomes dos seres porque são os nomes dos seres. Ao falante comum não é possível apresentar justificativas para que estas palavras tenham o significado que têm, além da justificativa “porque sim”. Se ao falante da língua não é possível apresentar justificativas para a carga descritiva atual da palavra, tampouco, é possível recuperar as justificativas para a carga descritiva original, ou seja, aquela que se estabeleceu quando da construção de uma palavra que hoje se encontre para o falante como imotivada (exceto por estudos etimológicos que não são do domínio dos falantes comuns da língua). Esta possibilidade de recuperar a carga descritiva original da palavra servirá para entendermos a forma como os morés explicam a significação de certas palavras de sua língua cujo significado seria determinado, segundo os informantes, através de mitos e lendas, ou seja, através da história que este povo conta de si mesmo.

⁶³ A outra ou a mesma. Uma discussão interessante pode surgir aqui com base na relação arbitrária entre significados e signitífantes, seundo Saussure. A palavra “galinha”, tomada em seu sentido primeiro, referindo-se à ave caseira e a palavra “galinha”, tomada em seu sentido figurado, referindo-se à mulher de má fama, são a mesma palavra? Ou mais do que isso, são o mesmo signo? Há muita divergência a respeito disso. A meu ver, trata-se da mesma palavra, mas não do mesmo signo. Se assim o é, estabelece-se uma relação associativa de igualdade na superfície, na instância do significante, mas uma relação associativa de similaridade na estrutura subjacente, na instância do significado. Se se tratasse do mesmo signo, a relação associativa seria obrigatoriamente de igualdade em ambas as instâncias.

As palavras às quais chamei parcialmente motivadas, seguindo os critérios de Saussure, por sua vez, permitem ao falante comum tecer relações mais claras, mais transparentes entre o conteúdo expresso na própria palavra e sua forma. Esta relação associativa pode mesmo ser estabelecida entre a palavra e a classe de objetos referenciada. São exemplos desse tipo de palavra no português: *ditador* (aquele que fica ditando, mandando), *vaqueiro* (aquele que trabalha com vacas), *cobertor* (aquilo que cobre), *extintor* (aquilo que serve para extinguir alguma coisa, como fogo, por exemplo), *alto-falante* (que fala e que fala alto), *guarda-roupa* (que serve para guardar a roupa).

Com disse, às vezes, as palavras parcialmente motivadas são construídas a partir de relações figurativas, ou seja, estabelecendo relações entre a classe de objetos nominada e outra classe de objetos cujas características são à primeira atribuída. Temos em português, como exemplos: *pé-de-moleque* (que é “cascudo” como se espera que seja um pé de moleque), *beija-flor* (que “beija” as flores, para se alimentar), *cabeça-de-bagre* (que não tem nada de aproveitável dentro da cabeça, como os peixes chamados bagres, cujas cabeças não se come), *peruca-de-touro* (que “leva” “chifres” -símbolos de adultério por parte do cônjuge- na cabeça assim como o touro tem chifres na cabeça). Isto posto, poderíamos assim representar as categorias de palavras que distigui até agora:



4.2.2. Nomes compostos :

4.2.2.1. nome + nome :

nome moré

nome português

- a. [ʔuzip' \ p^wək']-tipo de palmeira\broto ou cabeça = cobra papagaio
- b. [ʔup^wə: \ jən]- cabeça\ponta = broto de bananeira
- c. [manəŋ \ tin] - buraco\barriga = vagina
- d.[ʔari:\ zan] - cana\perdiz negra = cana-de-açúcar

4.2.2.2. nome + [nome (conectivo) nome]

nome moreé

nome português

a. [mərəʔ:\ təkʰɔ:\ ʔakʰɔpʰ] - farinha\grão (dele) \ mandioca = farinha de mandioca⁶⁴

b. [mərəʔ:\ təkʰi:\ maβʷin] - farinha\grão (dela) \ urucum = colorau (pó de urucum)

c. [mərəʔ:\ təkʰɔ:\ mapakʰ] - farinha\grão (dele) \ milho = farinha de milho

d. [ruʔi:\ təkʰɔ:\ ʔakʰɔpʰ] - assado\ grão (dele)\ mandioca = bolo (assado) de mandioca

e. [pʷitʰ \ si(kʰɔ:\ ʔəkʰɔn] - pequenez\ espinho(dele)\ palmeira = palmeira marfil

4.2.2.3. predicado + nome :

nome moreé - nome português

a.[ri:\ tan] - plano\folha = banana

b.[təβa:\ nipatʰ] - branco\asa = papagaio frontino

c.[ʔu:\ kʰa:] - gordo\ventre = abelha barcina

d.[mʷəm \ kʰinam] - vermelho\onça = puma

e.[ʔe:\ kʰapa: ri:] - não muito grande\ pacu = pirapitinga

f.[kʰaw\ kʰapa: ri] - ser comido, comer\pacu = árvore de canduru

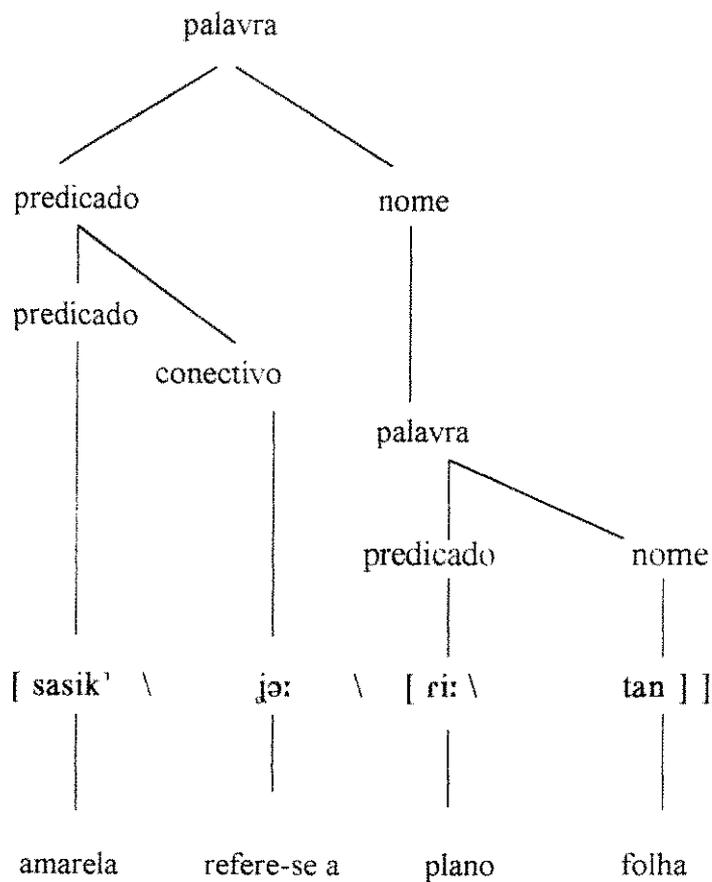
g.[kʰaw\ kʰapanʰ] - ser comido, comer\larvas = árvore de canduru serrano

h.[kʰaw\ ʔitʰe:] - ser comido, comer\ fogo = falcão da campina

⁶⁴ As formas [təkʰɔ:] e [təkʰi:] são o resultado da forma subjacente [təkʰ kʰɔn (ou [kʰin])] (semente/ dele).

i. [tʰak \ kʰuniʔ] - lambe\carne podre = águia do rio

Nesta série de exemplos, temos, aparentemente, dois processos de construção. Um primeiro, nos itens a-f, em que ocorrem adjetivos (para utilizar a terminologia da nossa gramática) – nomes, e um segundo, nos itens g-j, onde ocorrem verbos (ainda na terminologia da gramática do português) + nomes. Não haveria, porém, benefício nenhum para a análise em considerar-se separadamente os processos, uma vez que os morés, parece, englobam ambas as classes, diferenciadas na nossa gramática, em uma única dos predicado. Eventuais propriedades das palavras, como combinação com outras na sentença ou forma plural, permanecem inalteradas em palavras com ambos os processos, o que parece ser forte evidência externa da não necessidade de separação em duas categorias. A estrutura predicado + nome parece ser a que prepondera nos nomes compostos do moré. Caso mais um predicado venha a ser acrescentado ao nome, o será no começo, ou seja, antes do nome. Quando ocorrem predicados no meio das palavras, é por estes estarem previamente associados a radicais nominais que compunham uma palavra composta anteriormente à palavra em questão. Veja-se o exemplo:



“banana ilhéu”

Dois exemplos claros de colocação do predicado antes do radical ou radicais básicos ocorrem com os termos [təm] e [ɸuju: təkʰɔŋ] (mais escuro e doméstico, respectivamente). Na formação de nomes de animais, [təm kʰɔŋ] é usado para designar espécimes de coloração mais escura do que a da espécie geral, tida sempre como a mais clara. Muitas vezes, animais de diferentes espécies (segundo a classificação da ciência moderna) são enquadrados em uma mesma família, como vimos em capítulo anterior, e diferenciados entre si pela cor, a partir sempre da espécie mais clara, considerada básica. Temos como exemplos disto :

a. [piɔʔ] e [tɔm k^xɔ:\ piɔʔ] - beija-flor e beija-flor mais escuro, outra espécie de beija-flor e:

b. [tatan] e [tɔm k^xɔ:\ tatan] - falcão e falcão mais escuro, outra espécie de falcão

O outro termo citado designa animais domesticados, mesmo que originalmente selvagens. Basta que o termo seja acrescentado ao nome de qualquer animal domesticável, sempre antes do radical básico para obter o nome do animal domesticado ou de seu “equivalente” doméstico:

nome português	nome moré para o animal selvagem	nome moré para o animal domesticado
1. cão	[k ^x inam]	[ɸuju: tɔk ^x ɔ: k ^x inam]
2. papagaio	[t ^ɟ a:]	[ɸuju: tɔk ^x ɔ: t ^ɟ a:]
3. onça	[k ^x inam]	[ɸuju: tɔt ^k xɔ: k ^x inam]
4. anta	[ʔim ^w ɪɲ]	[ɸuju: tɔk ^x ɔ: ʔim ^w ɪɲ]
5. arara	[ʔari: ʝi:]	[ɸuju: tɔk ^x ɔ: ʔari: ʝi:]
6. jacaré	[se: mɛ:]	[ɸuju: tɔk ^x ɔ: se: mɛ:]

Em um grande número de línguas da etnia Txapakura, é uma só a designação para cão e onça. No caso dos morés, as possíveis ambigüidades são desfeitas em virtude de não ser próprio dos morés a domesticação de onças. Tem-se assim que o termo que designa somente “onça” refere-se ao animal em estado selvagem e o termo que designaria a “onça

doméstica” refere-se apenas ao cão. Perguntado sobre a possibilidade de domesticação de uma onça, o informante principal disse ser possível, e que, no caso de acontecer, ambos, cão e onça, receberiam a mesma denominação. Por outro lado, os cães selvagens são considerados membros da mesma família, mas espécies diferentes, recebendo nomes distintos (geralmente [map' p^witɔ: tɔk^xɔ: k^xinam], que em tradução aproximada seria “que não gosta de ser onça doméstica”).

4.2.2.4. nome+predicado

Esta última forma de construção encontrada no léxico levantado o foi em raros exemplos, como estes:

nome moré	nome português
a.[p ^w i:\ k ^x aw] - pequenez\ ser comido, comer = sardinha	
b.[ʔim ^w i:\ rɔp'] - morte\ anunciar = macaco-de-cheiro	

Sobre estes casos, duas hipóteses básicas a levantar :

a. trata-se mesmo de construções raras na língua, constituindo-se como variantes estruturais;

b. os termos originalmente predicativos atuam como radicais nominalizados (comida e anúncio, no caso). Obedecer-se-ia assim o padrão apresentado, embora em outras construções em que aparecem à frente do radical nominal básico, estes mesmos radicais, sem alterações morfológicas, atuem como predicados.

4.3. INFORMAÇÕES SOBRE A SINTAXE DA LÍNGUA MORÉ:

O objetivo desta parte é apresentar sumariamente as estruturas sintáticas básicas da língua moré relevantes para este trabalho com nomes, com o intuito de facilitar a interpretação dos exemplos que serão analisados no capítulo 5 e, ainda, de proporcionar uma visão geral dos processos sintáticos que levariam à composição dos nomes compostos da língua moré assim como apresentados.

A língua moré é uma língua com frases organizadas preferencialmente com base no tipo S>V>O, ou seja, que ordena geralmente suas sentenças na forma sujeito > verbo > objeto⁶⁵. Foram colhidos dados em que a frase moré se organizava na forma V>O>S, o que parece indicar uma maior rigidez na seqüência V>O e uma possível mudança de posição de S para antes de V ou para depois de O. Os fatores, possivelmente pragmáticos, desta diferença de ordenamento na frase, porém, ainda não foram levantados totalmente. Cabe notar, porém, que estes dados com seqüência V>O>S constituem um montante muito pequeno em relação aos dados ordenados na seqüência S>V>O. Não há na língua nenhum tipo de marcação morfológica de caso, como é comum em línguas indígenas da Amazônia. As funções sintáticas exercidas pelas palavras são definidas por ordenamento, em primeiro plano, e pelo semantismo da frase, em segundo plano, sendo possível a utilização de conectivos ou outros dêiticos, mas sempre sendo prioritário o ordenamento. Vamos a alguns exemplos de sentenças do moré que ilustram esta questão do ordenamento:

a. [nama: k^xɔn / φuru: / nɔn / k^xinam] :

homem / matar / passado perfeito / onça

“O homem matou a onça.”

⁶⁵ É bom lembrar aqui que continuo utilizando a nomenclatura da gramática da língua portuguesa, construindo uma analogia entre esta e o moré, devendo o leitor resguardar-se de considerar os termos aqui utilizados como se constituíssem uma terminologia final de uma gramática da língua moré.

a1. [k^xinam / φuru: / nɔn / nama: k^xɔn]

onça / matar / passado perfeito/ homem

"A onça matou o homem."

b. [tana: man / pata: / pa: / se: mɛ:]

mulher/ caçar / passado perfeito (próximo)/ jacaré

"A mulher caçou o jacaré."

b1. [se: mɛ: / pata: / pa: / tana: man]

jacaré/ caçar/ passado perfeito (próximo) / mulher

"O jacaré caçou a mulher."

Como se pode notar nos exemplos acima, é o ordenamento dos termos na sentença que define as funções sintáticas de sujeito e objeto. A ordem S>V>O será determinante em todas as sentenças do moré.

Em moré, ocorrem também sentenças com o que, em gramática da língua portuguesa, chamariamos de dois objetos. É geralmente incorreto falar-se de um objeto indireto ou simplesmente de um segundo objeto, em se tratando das línguas Amazônicas. Na maioria dos casos conhecidos, esta posição reconhecida na gramática do português como objeto indireto corresponde a apenas às funções semânticas beneficiário ou ser afetado, nas línguas indígenas amazônicas, que vêm marcadas por afixos. Estas funções beneficiário ou ser afetado, dificilmente, nessas línguas, poderão ser associadas à valência do verbo, o que acaba por descartar uma segunda posição argumental não-sujeito. Fazendo-se uma analogia com o português, porém, através da associação de funções semânticas entre a posição objeto indireto do português (à qual se associam, entre outras, as funções semânticas beneficiário e ser afetado) e esta "segunda posição argumento não-sujeito" do moré, poderíamos, por ora, denominá-la objeto indireto. Assim, teríamos a ocorrência de uma

posição argumento depois do verbo, que é mais fixa do que o sujeito, como vimos anteriormente, e à qual podemos chamar de objeto. Há também a possibilidade de uma segunda posição argumento depois do verbo, antes ou depois do objeto, que é sempre marcada por uma preposição (que indica beneficiário ou ser afetado) e que, não sendo sujeito, pode ser -por analogia com português e só por isso- denominada segundo objeto ou objeto indireto.

No moré, porém, este segundo argumento, que em português consideraríamos como objeto indireto (OI), parece exercer uma função de destaque na sentença, uma espécie de foco, talvez por tratar-se justamente do termo que carrega em si a função semântica beneficiário ou ser afetado. Vejamos alguns exemplos morés com o que chamamos, por ora, de dois objetos:

c. [nama: k^xɔn / m^wi: / nəj /tana: man /pa: / t^hi: je: ?ik^xit']

homem/ dar/ presente contínuo/ mulher/ preposição que indica beneficiário/ facção

“O homem está dando o facção para a mulher.”

O que é preposicionado, no exemplo, é o termo traduzido por mulher, assim como no português. No moré, porém, a preposição não é exigida pelo verbo, mas atua como uma marca de caso semântico. A preposição não atua como uma marca de caso sintático e há argumentos suficientemente fortes, a partir da fonologia e da morfologia da língua, para acreditar-se que trata-se realmente de uma preposição, de uma palavra autônoma, ao invés de um sufixo, como se poderia questionar.

A expressão *foco* que utilizei para definir a preposição refere-se à questão de que é o OI nas estruturas da língua moré que se caracteriza como centro das atenções da sentença. Vamos a outros exemplos de sentenças com dois objetos para verificar a importância da preposição na definição do papel temático do OI:

e. [ratɔ: / mari: / nɔj / taji: ra: / maran tʰɔ: / ʔ^wem k^xama: ratɔ:]

menino/ roubar/ presente contínuo/ lápis/ preposição que indica ser afetado/ menina.

“O menino está roubando o lápis da menina.”

Neste exemplo, a tradução para o português aparece com a preposição ligada ao termo “menina”. Em moré, a preposição está ligada ao termo “lápis”, que é o foco da sentença. Na língua moré, este foco será sempre preposicionado.

f. [tana: man /ʔak¹ /nɔn /naman /βɔm /mi: /k^xɔ:/ raman ratɔ:] mulher /

retirou, tomou / passado perfeito/ afixo que indica que a ação verbal foi praticada por uma ser feminino/ roupa/ preposição que indica o ser afetado/ dele (partícula que relaciona *roupa* a *menino*)/ menino.

“A mulher tomou a roupa do menino.”

Neste exemplo, o foco da sentença é a roupa, o ser afetado pela ação da mulher. Ele vai para a posição de OI e recebe uma preposição que lhe especifica a situação de ser afetado e foco da sentença.

g. [rak^xa: ran /k^xɔ: / nama: k^xɔn /φu: /nɔj/ ʔitʃɔ: /pɔ: / pɔ: timi: je: asim]

louco/ partícula que relaciona *louco* a *homem*/ homem/ atear/ presente contínuo/ fogo/ preposição que indica objeto afetado/ maloca.

“O homem louco ateou fogo na maloca”.

Neste exemplo a *maloca* é o foco da sentença. O termo é preposicionado e a palavra assume a função de OI, como nas demais sentenças. Neste exemplo, também, ocorre uma estrutura que chamariamos de “adjunto⁶⁶”, em oposição ao que tenho chamado de

⁶⁶ Há muitos nomes que correspondem a esta função semântica nas terminologias das diversas escolas lingüísticas. Poderíamos chamá-la de “modificador” em oposição a “termo”(argumento), de “periferia” em oposição a “núcleo”, etc., ou como na gramática da língua portuguesa, “adjunto”.

argumentos. Sempre que os adjuntos ocorrem, aparecem antes do termo ao qual se referem. Na escrita, dir-se-ia que os adjuntos ocorrem sempre à esquerda do termo nuclear do sintagma. Estes adjuntos obedecem às mesmas regras que foram descritas para as palavras compostas: ou estarão simplesmente justapostos ao núcleo ou ligados a ele por uma partícula que o relacione com o núcleo (como as já descritas partículas [k^xɔn] [k^xin] ou [je]). Vejamos algumas sentenças onde apareçam estruturas com modificadores :

h. [k^xapri mara: / k^xi: /tana: man/ ?ɔma: ri: /tana:/ ma:/ pa:/ tɔk' tana:/ je:
/ sakat' si:]

bonita/ partícula que relaciona *bonita* a *mulher*/ mulher/ presente contínuo/
fazer/ partícula que determina que a ação está sendo desenvolvida por um ser feminino/
preposição que indica o foco da ação/ gostosa/ partícula que relaciona *gostosa* a *chicha*/
chicha.

“A mulher bonita está fazendo chicha gostosa.”

Como se pode ver, os dois adjuntos (um do sujeito, (*bonita*) e outro do OI, (*gostosa*) presentes no exemplo estão relacionados aos termos nucleares dos respectivos sintagmas por partículas que estabelecem a relação já citada anteriormente de {especificador {especificado}}. Note-se que as duas palavras que atuam como adjuntos são palavras compostas que, por sua vez, têm um núcleo à direita e um termo especificador à esquerda. Esta estrutura {especificador {especificado}}, que se traduz *mutatis mutandis* em sintaxe como [adjunto [núcleo]], não encontra variação de ordenamento em nenhum dos exemplos colhidos com os informantes morés durante esta pesquisa.

i. [k^xuʃi: naj/ k^xɔ: /k^xinam /pa:/ nɔn /k^xuʃi:/ k^xɔ: /nama: k^xɔn]

grande/partícula que relaciona *grande* a *onça*/ onça/ matou/ covarde/ partícula
que relaciona *covarde* a *homem*/ homem

“A onça grande matou o homem covarde.”

Da mesma forma que na sentença anterior, nesta também aparecem palavras compostas na posição de adjuntos. Estas palavras compostas obedecem à mesma estrutura das demais palavras compostas, ou seja, {especificador {especificado}}, estrutura esta que parece projetar-se à estrutura do sintagma. Nos exemplos que irei apresentar no capítulo seguinte, poderemos ver mais detalhadamente a estrutura interna das palavras compostas, dando a elas uma interpretação parte a parte, o que não fiz neste capítulo.

Uma outra forma de construção sintática da língua moré é aquela em que aparecem os verbos que, em terminologia da gramática do português, chamariamos de tipicamente intransitivos. Nestas estruturas não aparecem argumentos verbais do tipo objeto e o verbo pode receber (segundo o informante principal, opcionalmente) uma marca de relação com o sujeito, da mesma forma que ocorre nos exemplos e a h do item 2, do título 4.1. Vamos a alguns exemplos:

j. [nama: k^xɔ: / k^xiji: / nəj]

homem / descer / presente contínuo

"O homem está descendo."

j1. [nama: k^xɔ: / ʔɔma: ri: / k^xiji: / nək^xa:]

homem/ presente contínuo/ descer/ presente contínuo "ele"

"O homem está descendo."

l. [k^xinam / ʔim^wi: / nən]

onça/ morrer/ passado perfeito

"A onça morreu."

l.l. [k^xinam /ʔim^wi: /nɔn /k^xɔn]

onça/ morrer/ passado perfeito/ partícula que indica que a ação do verbo recaiu sobre o sujeito (masculino)

“A onça morreu (ela mesma).”

As estruturas exemplificadas em j.l. e l.l. são as mesmas que atuam como reflexivas, sendo utilizadas partículas que indicam que a ação é realizada ou recai sobre o próprio sujeito. Para que a interpretação seja reflexiva, porém, além do próprio sentido do verbo, não deve ocorrer a presença de um objeto imediatamente ordenado. Vejamos a diferença nos exemplos que seguem:

m. [nama: k^xɔ: / ʔɔma: ri: / ʔiw / nɔk^xa: /ratɔ:]

homem/ presente contínuo/ machucar/ presente contínuo “ele”/ menino

“O homem está machucando o menino.”

m1. [nama: k^xɔn / ʔɔma: ri: / ʔiw / nɔk^xa:]

homem/ presente contínuo/ machucar/ presente contínuo “ele”

“O homem está se machucando.”

No caso desta sentença m1., ela será a mesma se o homem estiver se machucando voluntariamente, isto é, ele mesmo praticando a ação de se machucar e se ele estiver se machucando, por exemplo, ao subir em uma palmeira espinhosa. Não encontrei em moré uma partícula que atuasse diferenciando as reflexivas de sujeito paciente e experienciador das reflexivas de sujeito agente e experienciador.

5. ATRIBUIÇÃO DE SIGNIFICADO AOS NOMES NA LÍNGUA MORÉ

Como capítulo final desta dissertação, é este o que contém os argumentos cruciais para a tese que venho propondo ao longo do trabalho. No decorrer do capítulo analisarei nomes da língua moré parte a parte, procurando mostrar como o pensamento e os valores culturais dos morés estão nela refletidos e de que forma a língua serve para estabelecer estes mesmos valores culturais e o pensamento desse povo. Partirei, para minhas considerações, de um estudo com nomes de plantas realizado por Baleé e Moore (1991) como forma de relacionar as características gerais do processo de nomeação utilizados na língua moré aos processos das demais línguas amazônicas. Em seguida, procedo uma brevíssima revisão bibliográfica específica sobre metáfora e metonímia, que serão as duas figuras analisadas nos nomes morés e passo, então, à análise propriamente dita dos dados.

5.1. UM ESTUDO ANTERIOR SOBRE NOMEAÇÃO EM LÍNGUAS AMAZÔNICAS E SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA MORÉ

Balée e Moore, em um estudo comparativo de nomes de plantas entre cinco línguas indígenas da Amazônia (Balée e Moore, 1991⁶⁷), observam duas formas básicas de constituição de significados para os nomes dos seres entre os ameríndios, quais sejam: etimologia e metáfora. Embora não apresentem uma conceituação explícita em seu trabalho sobre o que consideram etimologia e metáfora, da leitura de Baleé e Moore concluímos que, os nomes aos quais os autores se referem como etimológicos são aqueles que chegam ao estágio atual da língua atuando como meros instrumentos que referenciam algum objeto

⁶⁷ BALÉE. W. & MOORE. D.(1991) *Similarity and Variation in Plant Names in Five Tupi-Guarani Languages*. Bull. Florida Museum of Natural History. Biological Sciences. 1991.

dados, sem que seja possível aos falantes nativos a recuperação imediata daquilo que chamei anteriormente de motivação parcial da palavra, ou seja, as relações associativas que possam de certa forma justificar porque a palavra significa o que significa. Os nomes etimológicos de Baleé e Moore são, portanto, os que chamei de imotivados. Os nomes por eles considerados figurativos (os autores citam apenas a metáfora como figura utilizada nas línguas estudadas) são aqueles caracterizados por uma história mais recente na língua e que teriam sido formados a partir dos nomes chamados etimológicos através de um trabalho dos falantes sobre a própria língua. Estes nomes suscitariam relações associativas facilmente recuperáveis pelos falantes nativos e a identificação dos processos de criação das figuras que os compõem seria igualmente transparente. Temos, então, na classificação proposta por esses autores, apenas dois tipos distintos de palavras que resultam de processos de formação diferentes e que, conseqüentemente, são semanticamente diferenciadas. Em língua portuguesa, teríamos como exemplo de palavras etimológicas *picar* e *pau*; como palavra figurativa, *pica-pau*, obviamente formada posteriormente a *picar* e *pau*.

Essa classificação de Baleé e Moore, porém, não atende a todos os casos plausíveis em línguas ameríndias, ou quaisquer outras línguas. Não é necessariamente correto que uma palavra, para atuar nos moldes de mero instrumento de referência estabelecidos pelos autores deva ser definida a partir da proto-língua ou ser fruto de uma longa negociação histórica entre povos vizinhos. As palavras obtidas por empréstimo, que podem ter uma história particularmente recente em uma língua e que são normalmente aceitas como palavras desta língua pelos falantes nativos, têm sua carga descritiva dificilmente recuperável. É o caso da palavra "hamburger", hoje aceita como pertencente ao vocabulário do português do Brasil, que dificilmente terá reconhecida sua motivação parcial por parte de algum falante nativo do português. Por outro lado, nada impede a perpetuação por muitas gerações de uma palavra de construção figurativa, cujo processo de atribuição de significação seja facilmente recuperado pelos falantes nativos atuais, bem como o reconhecimento de sua motivação parcial. No texto, entretanto, a metáfora é contraposta à etimologia como sendo processos excludentes, o que não é absolutamente correto. Sob o

aspecto da formação e perpetuação na língua, todas as palavras de uma língua são etimologicamente definidas, independentemente de serem ou não figurativas. Por outro lado, a utilização do termo "historicamente definido" seria igualmente impróprio para expressar o conceito que os autores defendem, uma vez que todas as palavras de uma língua têm sua origem e perpetuação no sistema, de maneira historicamente definida. A solução plausível, então, parece ser mesmo a denominação do que Baleé e Moore chamam de etimológico de "imotivado", como coloquei no capítulo anterior, e o que chamam de metafórico, de com "parcialmente motivado". Trata-se de utilizar a intuição dos autores, com a qual concordo, dando aos conjuntos de dados por eles organizados (conjunto dos nomes "etimológicos" e "conjunto dos nomes metafóricos") outros nomes mais diretamente ligados aos fatos que sua intuição capta.

Convém lembrar, de uma forma simplificada, que o que chamei de motivação parcial é o resultado de uma relação associativa (entre uma palavra e outra da língua ou entre a classe de objetos que a palavra designa) que permite ao falante responder à pergunta "por que isto tem este nome?" justificando o significado da palavra e, não, da forma "porque sim". Desta forma, ao perguntar a um moré porque eles chamam as sementes de [tɔk'], *olho*, ele, recuperando essa relação associativa, pôde dizer-me que é "porque as sementes parecem com pequenos olhos". Mas ao perguntar-lhe porque olho é nomeado com mesma palavra, ele disse que é "porque sim". Neste caso, quando [tɔk'] é usado com o significado de semente, em função da figura que se constrói pelo esquema {isto é como isto}, ou seja, pela possibilidade de relacionar a palavra a um outro referente que não o próprio objeto por ela nomeado, o falante moré pode recuperar a motivação parcial da palavra. Quando a mesma palavra é utilizada com o significado de olho, por não haver a possibilidade de inserir o termo em um esquema que o remeta a outro referente que não o próprio objeto, a palavra é imotivada, nos moldes que apresentei anteriormente.

Retornemos a Baleé e Moore. Os dois pesquisadores observaram que, enquanto alguns nomes (no caso específico, vale lembrar, somente de plantas) eram muito

parecidos de língua para língua, outros variavam de forma muito intensa. As quatro principais conclusões destes pesquisadores com relação a este estudo podem ser assim resumidas :

a. os nomes que guardam uma similaridade mais estreita entre as línguas são aqueles das plantas mais conhecidas, mais manejadas;

b. parece haver um sistema de nomenclaturas que intervém nessas nomeações, sendo que as plantas mais conhecidas tendem a ter nomes imotivados, "etimologicamente definidos", e as plantas menos conhecidas, de forma diretamente proporcional ao seu grau de desconhecimento pelos indígenas ou uso incomum, tendem a ter nomes cada vez mais metafóricos;

c. os nomes que tendem a se apresentar em menor número entre as línguas em questão são os literais e ;

d. as proporções entre os nomes literais e metafóricos não variam significativamente entre as línguas estudadas.

Sobre estas conclusões de Balée e Moore, podemos tecer alguns comentários que ultrapassam os interesses daqueles pesquisadores :

Sobre a : parece existir um objetivo funcional que fez com que o intercâmbio entre os povos da floresta, especialmente entre anciãos, caciques e pajés, tenha uniformizado até certo ponto ou simplesmente tornado semelhante a forma de uma significativa quantidade de nomes de seres/objetos presentes no cotidiano desses mesmos povos. Sendo ou não oriundos de uma proto-forma da língua, tiveram que ser negociados e mantidos em função da necessidade de comunicação básica e descomplicada mantida entre as nações indígenas, mesmo as inimigas;

Sobre b : parece também plausível que objetos de uso constante e que são profundamente conhecidos por um povo possam receber nomes com menor motivação do que objetos desconhecidos ou de pouco uso, que parecem exigir termos mais descritivos em sua denominação. Isto ocorre, por exemplo, em português, quando o ferro de passar roupas e a máquina de datilografar tornam-se simplesmente “ferro” e “máquina”, ou ainda quando uma “lâmina de aço inoxidável dentilhada para cortar pão” aparece sem problema algum como “faca”. No caso dos seres muito conhecidos, os nomes parecem atuar apenas como instrumentos que remetem diretamente ao significado, sem a necessidade de uma “interpretação” do nome. Quando nossa preocupação é nomear objetos menos conhecidos ou totalmente desconhecidos, procuramos ampliar os elementos descritivos de suas denominações, buscando neles as significações passíveis de serem encontradas e levantando hipóteses sobre seu significado. Detemo-nos em cada parte e vasculhamos cada segmento conhecido atentos para associações, combinações, estruturas comparáveis a outras que já conhecemos em busca do significado. Isto não ocorre se os objetos que o nome designa são plenamente conhecidos;

Sobre c: complementando o que se disse em a, não apenas a origem de uma palavra e a negociação interferem na constituição do significado de um nome parcialmente motivado, mas também o fazem o pensamento e a cultura de cada povo. As representações que um povo desenvolve, histórica e culturalmente, do mundo são diferentes das de qualquer outro povo. Em outras palavras, a visão de mundo de cada povo interfere nas figuras que este povo cria para serem utilizadas nas nomeações que institui. Assim, os nomes menos compartilhados com outros povos são os que guardam maior grau de motivação, enquanto os mais compartilhados perdem parte dessa carga semântica⁶⁸. Poderíamos considerar que os nomes mais utilizados em uma determinada cultura são, também, aqueles que sofrem um maior desgaste fonético e, conseqüentemente, se distanciam mais de sua

⁶⁸ É certo que a metáfora é uma figura que pode ser compartilhada por diversos povos e aprendida por um outro povo. Sua origem, entretanto, como ressalta Black(1966) depende de um contexto (que no texto de Black se entende “cultural”) que dificilmente é repassado integralmente de povo para povo, o que faz perder um pouco da carga semântica inicial da metáfora.

forma original. Os estudos glotocronológicos de Swadesh (1951⁶⁹), entretanto, demonstram que as palavras que costumam ter maior resistência ao desgaste fonético, e que podem, portanto, ser utilizadas como base para calcular aproximadamente a idade dos diversos estágios de uma língua, são, justamente, aquelas mais utilizadas em uma determinada cultura;

Sobre d : desta forma, seria também esperado que as proporções guardadas entre os nomes imotivados e os parcialmente motivados se mantivessem constantes de nação para nação com estreita relação entre si, considerando-se a semelhança dos fatores que interferiram na formação cultural desses povos e que resultaram em muitos traços culturais comuns entre as nações ameríndias de cada região. Os resultados de Balée e Moore indicam aproximadamente 97% de nomes parcialmente motivados e 3% de nomes imotivados para plantas não domesticadas/pouco manuseadas e uma proporção quase inversa no caso de plantas domesticadas/muito manuseadas. Um levantamento de todos os nomes colhidos da língua moré, não somente considerados os de plantas, indica a proporção de 15% de nomes imotivados para 82% de nomes parcialmente motivados na língua (desconsiderados 3% de nomes míticos, de nomes resultantes de associações sonoras com os seres nomeados e de empréstimos).

O caso dos morés serve para confirmar a assertiva anterior de que, mesmo os povos de índole guerreira e propensão para o isolamento, como este, mantinham relações “diplomáticas” com os demais e um intercâmbio funcional histórico que, se anteriormente significava “todos pela sobrevivência nas difíceis condições da floresta”, posteriormente acabou significando “todos contra o invasor”.

São seis os processos que pude identificar na língua moré, através dos quais seus falantes atribuem significados aos nomes :

⁶⁹ (op.cit.)

- a. nomes parcialmente motivados;
- b. nomes imotivados;
- c. através de mitos e lendas;
- d. por associação sonora com o objeto ou o ser ;
- e. por empréstimos e;
- f. por neologismos criados diante de uma nova realidade ou objeto estranho à sua cultura.

Nem todos estes processos, entretanto, são necessariamente excludentes entre si. Alguns podem ocorrer associados, como *a* e *c*, *b* e *e*, *c* e *d*, por exemplo. Procurarei, entretanto, exemplificar cada um deles com palavras que permitam ressaltar o modo de atribuição de significado de forma bem acentuada em cada caso.

Balée e Moore classificaram todos nomes parcialmente motivados figurativos de sua pesquisa como sendo apenas metafóricos. A análise dos nomes morés, entretanto, demonstra que outras figuras, especialmente a metonímia, também aparecem. Em virtude disso, abrirei um parêntese para conceituar as noções de metáfora e metonímia da forma como as utilizo nas análises que fiz neste trabalho.

5.2.FALANDO UM POUCO SOBRE METÁFORA E METONÍMIA :

Uma revisão bibliográfica a respeito de teorias da metáfora que se propusesse completa sobre o assunto teria à sua frente uma tarefa secular. Não é este meu objetivo aqui, e procurarei, justamente por isso, apresentar apenas um conceito de metáfora adequado ao desenvolvimento deste trabalho, relacionando-o com a restrição greimasiana que citei na

Introdução, como instrumentos necessários à interpretação que procuro dar dos fenômenos semânticos do *moré*, baseada na relatividade entre pensamento e linguagem.

Em seu livro *Modelos e Metáforas*, já citado, mais precisamente no seu capítulo III, chamado “*A Metáfora*”, Max Black analisa três concepções de metáfora: duas, que ele chama de “*populares mas inadequadas*”, quais sejam, a concepção “substitutiva” e a concepção “comparativa” de metáfora, e uma terceira, que ele julga mais abrangente e que defende, chamada concepção “interativa” de metáfora. Vejamos essas concepções, uma a uma.

Segundo Black, em linhas gerais, a grande maioria dos compêndios, em suas formulações de conceitos de metáforas, utiliza a idéia de que a metáfora é uma expressão lingüística que apresenta um sentido que poderia ser expresso na língua de maneira literal, por palavras ou expressões denotativas. Assim, dizer que “João é um leão”, expressão tida como claramente metafórica, seria a mesma coisa que dizer em bom e claro português que “João é valente”. Esta idéia de que para cada metáfora existe sempre uma expressão não metafórica ou palavra correlata na língua, com o mesmo sentido, tem sido a base para o desenvolvimento de dois enfoques distintos da metáfora.

O primeiro deles é o enfoque substitutivo de metáfora. Segundo esta teoria,

“a expressão metafórica é tida como substitutiva de outra expressão, esta literal, que expressaria idêntico sentido se houvesse sido utilizada em lugar daquela.”⁷⁰

(Black, op.cit. p.41)

Segundo esta concepção de metáfora, os significados de ambas as expressões, a metafórica e a literal, seriam exatamente os mesmos. Isto atribui à metáfora

⁷⁰ Todos os textos de Black aqui apresentados o são com tradução nossa da obra citada na referência anterior.

um caráter unicamente estético, o que a retiraria, inclusive, segundo Black, do conjunto de objetos do interesse da Filosofia, uma vez que a metáfora poderia ser substituída sem prejuízo pela expressão literal que ela representa.

O segundo enfoque apresentado por Black é o comparativo, segundo o qual a metáfora se forma a partir de dois referentes básicos, de significados diferentes e oriundos de contextos diferentes, nos quais se enfoca, pela metáfora, uma característica comum e se concretiza uma analogia que poderia ser expressa pela fórmula X é como Y. A sutil, porém importante, diferença entre o enfoque substitutivo e o comparativo é que pelo primeiro não se enfoca a questão de que cabe ao interlocutor que ouve a metáfora proceder à “descoberta” do aspecto que deve ser ressaltado, por analogia ou comparação, nos dois referentes que compõem a metáfora. Assim, “João é um leão” é diferente, no aspecto interpretativo, de “João é como um leão”. De uma certa forma, porém, como ressalta Black, o enfoque comparativo é, ainda, um desdobramento do enfoque substitutivo, porque admite a idéia de que para cada metáfora há na língua uma expressão literal correspondente.

Um dos contra-argumentos básicos apresentados por Black para a não aceitação destes dois enfoques é a ocorrência da catacrese. Segundo este autor, muitas vezes a língua não possui palavras literais para expressar fatos ou nomear os seres. Quando isto ocorre, a língua geralmente

“utiliza um vocábulo (que ela já possuía) em um sentido novo, com o objetivo de preencher esta lacuna do vocabulário (é pôr um sentido novo em vozes velhas).”

(Black. idem. p.43)

Mas, como o autor ressalta, na maioria das vezes, este novo sentido atribuído a uma palavra da língua, pelo uso, deixa de se caracterizar como metáfora e passa a figurar “naturalmente” no vocabulário. A catacrese seria uma metáfora de certa forma “temporária”,

portanto, uma vez que objetiva o preenchimento de uma lacuna igualmente temporária no vocabulário da língua. O sentido da metáfora contido na palavra, porém, muitas vezes pode ser recuperado e reestabelecidas as relações de analogia ou comparação entre o “sentido novo” da palavra e sua utilização anterior, literal. Este fenômeno pode ser reconhecido nos usos que o português faz da palavra *cabeça*, em *cabeça de alfinete*, *cabeça de alho*, *cabeça de cebola*, *cabeça de pênis*, *cabeça de açúcar* (dialeto do norte, refere-se a fardo fechado de açúcar, sal, café ou farinha), entre outros. A maioria de palavras do *moré* que vou analisar neste capítulo constituem casos de catacrese, segundo esta definição proposta por Black, uma vez que são palavras de uso corrente na língua, tidas hoje como literais, mas que apresentam em sua atribuição de sentido esta característica de serem originalmente figurativas.

Outro contra-argumento apresentado por Black para sua não aceitação das teorias substitutiva e comparativa é o fato de que nem sempre na língua há uma paráfrase literal perfeita de expressões metafóricas. O próprio exemplo “João é um leão” pode expressar muito mais do que simplesmente “João é valente” ou “João é forte”; enfim, pode expressar algo que somente pode ser expresso em português por “João é um leão”. Uma das razões para isto, segundo esse autor, é que,

“em muitos casos, dizer que a metáfora cria a semelhança (entre os referentes) é muito mais esclarecedor do que dizer que formula uma semelhança que existia anteriormente.”

(Black, ibidem, p.47).

Em assim sendo, para muitos casos de metáfora a língua não possui paráfrases literais perfeitas simplesmente porque o sentido do que se quer expressar só se constrói através da própria metáfora.

Para dar conta dessas lacunas não abrangidas pelas teorias substitutiva e comparativa, Black formula, com base nos trabalhos de Richards e Whately⁷¹, uma proposta que chama interativa e que se constitui com base nos seguintes pressupostos:

a. *"um enunciado metafórico apresenta dois referentes⁷² distintos: um principal e outro subsidiário."*

(Black, ib. p.54)

Segundo Richards (op. cit. p. 119), a

"metáfora se constitui fundamentalmente em um empréstimo mútuo e um comércio entre dois pensamentos, uma transação entre contextos".

Assim, segundo esse autor, cabe ao interlocutor montar as conexões entre as idéias contidas nos dois contextos que constituirão a metáfora, para poder interpretá-la corretamente.

b. *"a melhor forma de encarar tais referentes é como "sistemas de coisas" e não como "coisas."*

(Black, ib. p.54)

Esta idéia de Black parece abrir campo para considerar-se cada um dos referentes como parte de um conjunto maior, complexo, do qual mais de uma característica pode ser considerada para dar base à analogia ou comparação que estruturarão a metáfora.

⁷¹ WHATELY, Richard (1846). *Elements of Rhetoric*. 7 ed. Londres. (o autor não informa a editora em sua referência à obra).

RICHARDS, I.A. (1936). *The Philosophy of Rhetoric*. Oxford. (Igualmente sem referência à editora).

⁷² A tradução espanhola para o termo original "subjects" é "asuntos". A decisão de traduzir o termo por referentes baseia-se na minha idéia de que o que é comparado em uma metáfora não são as duas palavras em si, mas características de seus referentes.

Esta idéia será utilizada adiante para sustentar a condição greimasiana para a construção da metáfora e da metonímia.

c. "a metáfora funciona aplicando-se ao referente principal um sistema de implicações secundárias característico do referente secundário."

(Black. ib. p.54)

O autor explica assim esta passagem:

"Um "sistema interativo" consiste em dizer que dentro dele mesmo é preciso que existam tópicos secundários³ (relacionados a cada referente) que entre si também experimentam troca metafórica de significados no processo de transferência de sentido do referente principal para o referente secundário, e que dificilmente podem explicar-se tais trocas...de forma que se poderia dizer que a metáfora principal é a base de um conjunto de metáforas subordinadas, de forma que temos como que um processo circular ou que conduza a uma regressão infinita."

(Black. ib. p.52)

Da idéia de que os referentes de uma metáfora são complexos, extrai-se a idéia aparentemente razoável de que as trocas de sentidos entre eles é igualmente complexa. Ao montar uma metáfora, ou mais acentuadamente, ao interpretá-la, o interlocutor trabalha com uma série muito grande de atributos de ambos os referentes, atributos estes que vão, muitas vezes, além do que é culturalmente estabelecido. Mas o fator cultural, parece, contribui decisivamente na interpretação associado ao contexto de enunciação, uma vez que se acredite que o enunciador da metáfora coopera com seu interlocutor no sentido de produzir uma metáfora calcada no senso comum, no que é plausível dentro da cultura. Mais do que isso, o pensamento de um povo acerca dos referentes, que é mais complexo do que

³ *Tópicos acompañantes*, na tradução espanhola.

as relações dos referentes com sua cultura, interfere nessa operação, deixando vestígios de como este povo vê os próprios referentes no resultado final da metáfora. Segundo Richards (op. cit. p. 125) é justamente neste jogo de conexões entre os inúmeros atributos de cada referente, nas construções das diversas metáforas “menores” decorrentes da metáfora principal, que *“reside o segredo e o mistério da metáfora”*.

d. *“essas implicações secundárias geralmente consistem em “tópicos” acerca do referente secundário, mas em certos casos, podem ser estabelecidas ad hoc pelo autor.”*

(Black, ib. p. 54)

Ao explicitar esta característica, Black refere-se à questão de que a metáfora não somente expressa características existentes, mas, muitas vezes (se não na maioria delas) é ela mesma que atribui características a seus componentes. Sobre isto, ele completa com as características seguintes:

e. *“a metáfora seleciona, acentua, suprime e organiza os cortes característicos do referente principal ao atribuir-lhe enunciados que normalmente se aplicam ao referente secundário.”*

(Black, ib. p. 54)

f. *“a metáfora compreende deslocamentos de significados de certas palavras da mesma família ou sistema a que pertence a expressão metafórica; alguns desses deslocamentos, se bem que não todos, podem consistir de transferências metafóricas.”*

(Black, ib. p. 54)

Estes “deslocamentos” descritos por Black constituem o resultado final do processo metafórico, quando parte do significado de uma palavra é transferida para outra,

enfocando-se que isto ocorre por uma conexão montada pelo autor/interlocutor entre os referentes. É em virtude disto que Black chega a frisar que, de certa forma, a metáfora seria mais um fenômeno pragmático do que semântico.

g. *“Não há nenhuma razão clara e geral que dê conta dos deslocamentos de significados necessários a uma metáfora: isto é, nenhuma razão explica por que algumas metáforas funcionam e outras não.”*
(Black, *ib.* p.54)

Esta concepção interativa de metáfora apresentada por Black é bastante própria ao enfoque que tenho dado a este trabalho, uma vez que, através dela, o processo de construção da metáfora, portanto de atribuição de um novo significado à palavra ou expressão que se constitui como foco⁷⁴ da metáfora, é encarado como

“um meio de selecionar, acentuar e organizar relações dentro de um campo distinto”. (Black, p.55)

A metonímia é encarada pela maioria dos teóricos como tipo especial de processo metafórico, caracterizado mais pelo tipo de relação existente entre os referentes do que pela estrutura que permite a troca de significados das palavras em função de conexões atribuídas a seus referentes, assim como descrito por Black em seu estudo da metáfora. Mesmo Lévi-Strauss observou que, no pensamento mítico, segundo citado em (Greimas e Courtés)⁷⁵, toda metáfora acaba em metonímia e que toda metonímia é de natureza metafórica. Isto se interpreta justamente sobre a concepção de que ambas as figuras apresentam uma mesma forma estrutural, diferenciando-se pela natureza das relações implicadas. Assim, creio ser plausível falar-se em uma concepção interativa para a

⁷⁴ Black chama de “foco da metáfora” a palavra que recebe o novo significado no processo metafórico e “marco da metáfora” o contexto que permite as conexões formuladas pelos interlocutores. (Black, *ib.* p.49)

⁷⁵ GREIMAS, A.J. & COURTÉS, J. (1979) *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1990

metonímia, assim como definida para a metáfora. A definição de cada figura, portanto, se basearia na especificação do tipo de relação existente entre os referentes. Black diz⁷⁶ que isto se poderia determinar pela “fórmula” que a figura segue, sendo que a fórmula básica de uma figura qualquer é apresentada por ele como sendo $f(S)$, na qual f é a função figurativa e S o significado que o autor da figura pretende nos transmitir. Assim, um enunciado metafórico se representaria por $M(E)$, que se lê : o significado S desejado pelo autor é o resultado da aplicação da função metafórica M ao enunciado E . A fórmula de Black deve levar em conta em sua interpretação, segundo ele, o contexto e o significado literal (L) do enunciado sobre o qual se aplica a função M , uma vez que são o contexto e o significado literal que permitem avaliar os deslocamentos de significado realizados na figura. Segundo Black, cada figura seria passível de representação por uma fórmula diferente, com características estruturais diferentes. Ele cita os casos da ironia, onde a função f aplicada resultaria em dizer o contrário do que se quer expressar e da hipérbole, cuja função f aplicada resultaria em exagero do que se quer comunicar. O trabalho do interlocutor na interpretação das figuras seria, portanto, o de aplicar à figura a função inversa (f^{-1}), o que resultaria no significado S que se desejava expressar. É interessante notar, porém, que Black ao referir-se à metáfora fala que ela interliga dois mundos, dois contextos, deslocando significados de um para outro. O mesmo valeria para a metonímia, como sugiro. Idéia semelhante, embora expressa nos moldes do estruturalismo, é a de Greimas⁷⁷, à qual recorrerei como meio de diferenciar as duas figuras para testar a hipótese de interinfluência entre pensamento, linguagem e cultura, que venho defendendo desde o início deste trabalho.

A idéia básica de Greimas é que cada palavra se relaciona com um conjunto de outras palavras com as quais mantém relações de afinidade semântica, formando como que paradigmas que expressariam os diferentes campos semânticos. Estes campos lembram o que Black chama de contextos ou mesmo de campos determinados. Cada paradigma

⁷⁶ Black (ib. p.45).

⁷⁷ GREIMAS, A.J. & COUTÉS, J. (1979) *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1990.

GREIMAS, A.J.(1970) *Du Sens*. Paris, Le Seuil.

apresenta palavras cujo significado é mais ou menos amplo do que o das demais, de forma que se pode estabelecer uma hierarquia de posições internas no paradigma. Definindo a palavra como indivíduo semiótico, ressalta que o reconhecimento desses paradigmas deve-se-á, portanto, à presença de, ao menos, um aspecto comum ao significado de tais indivíduos.

Para Greimas, a principal condição estrutural para a realização de uma metáfora ocorre quando aspectos do significado de um indivíduo semiótico são transferidos para outro de outro paradigma. A metaforização é, portanto, um ato de criação de significado, uma vez que se passará a atribuir significados comuns a indivíduos de paradigmas originalmente distintos. Na metáfora utilizada por Black "João é um leão", teríamos o deslocamento de significados do indivíduo semiótico "leão", que pertence a um campo ou paradigma⁷⁸, para o indivíduo semiótico "João", que pertence a outro campo ou paradigma.

A metonímia, para ele, é a atribuição do significado de um indivíduo de um paradigma a outro do mesmo paradigma, sendo que ambos os indivíduos apresentam amplitudes diferentes um do outro (relação hipotaxica ou hiperotaxica⁷⁹). Greimas e Courtés (1979⁸⁰) dizem que a metonímia se estrutura como uma *metáfora desviante*, isto é, que deveria dirigir-se, como metáfora, a um outro paradigma, mas que se dirige ao mesmo paradigma. Um conceito interessante apresentado por Tavares (1974⁸¹) e que se relaciona estreitamente com as idéias de Greimas é o que apresenta a metonímia como

⁷⁸ Poderíamos aplicar a este paradigma um nome qualquer, como "felinos", por exemplo. Ao outro paradigma representado por João poderíamos chamar sugestivamente de "humano".

⁷⁹ Os termos "hipotaxico" e "hiperotaxico" são mantidos aqui como no original de Greimas, no sentido de inferior ou superior na hierarquia paradigmática. O termo "hipotaxe" tem comumente sido utilizado em gramática com o sentido de subordinação sintática. Não é esta a acepção que será usada neste trabalho, entretanto.

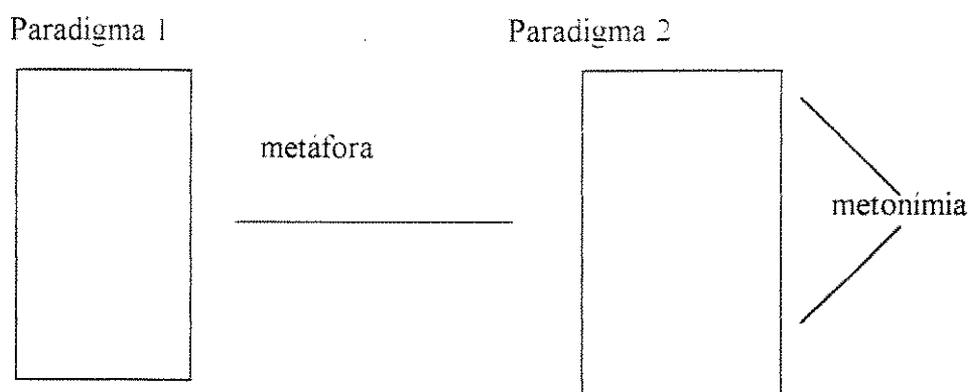
⁸⁰ (op.cit.)

⁸¹ TAVARES, H.(1974). *Teoria Literária*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.

"A substituição do sentido de uma palavra pelo de outra que com ela apresenta relação constante." p.374

Neste conceito ressalto a idéia de *relação constante*, que pode ser interpretada em Greimas como a condição de que ambos os referentes pertençam a um mesmo paradigma ou campo semântico.

Podemos representar os dois fenômenos pelo seguinte esquema:



O esquema de Greimas contempla as idéias tradicionais quanto à metonímia, se considerado que as relações parte/todo, matéria/objeto, continente/conteúdo e causa/efeito são relações internas de um mesmo campo semântico, ou nos termos de Greimas, de um mesmo paradigma. Note-se que o deslocamento de significados de um indivíduo semiótico para outro, do mesmo paradigma ou de outro paradigma, deve obedecer à condição de que apenas um dos indivíduos semióticos seja literal, nos termos de Black, para que seja caracterizada a figuratividade do outro. Desta forma, em um paradigma que se definisse como “parente, tia, irmã”, a substituição de parente por tia, ou de tia por parente, não constitui uma figura, uma vez que ambas as palavras podem ser utilizadas de forma literal em relação ao mesmo objeto e, justamente por isso, não há deslocamentos de significados entre as palavras. Isto demonstra que não é o enquadramento de uma palavra em um paradigma que a torna metonimicamente relacionada às demais do mesmo

paradigma, mas não destrói a hipótese de que as metonímias são formadas a partir de palavras que pertencem a um mesmo paradigma.

A implicação mais importante desta teoria para este trabalho é a de que a formação de cada paradigma apenas pode ser concebida como um ato tão-somente cultural, como reflexo do pensamento de um povo que se expressa através de sua língua e, em alguns casos, na própria estrutura dessa língua. Assim, se por um lado, os protótipos metafórico e metonímico podem ser considerados universais, aplicáveis em qualquer língua, por outro, a determinação dos indivíduos que constituirão cada paradigma e, conseqüentemente, do tipo de deslocamento de significados que houve de um indivíduo semiótico para outro, ou seja, se este deslocamento implicou a transposição ou não dos limites do paradigma, é privilégio de cada cultura.

É conveniente aqui retomar a ligação entre as partes deste trabalho. Vejamos:

a. como vimos no capítulo 3, às diferentes línguas pertencem diferentes classificações do mundo, que diferem, em maior ou menor grau, das classificações propostas pela ciência moderna. Essas classificações são o reflexo do pensamento de cada povo, sendo parte integrante da cultura desse mesmo povo;

b. essas classificações não são imutáveis, uma vez que os falantes operam com e sobre elas, inclusive cruzando-as. Isto é prova de que o pensamento de um povo também é como um organismo vivo, em constante mutação;

c. há formas de operar estas classificações que lembram os processos de metáfora, outras que lembram o processo de metonímia. Essas formas estão expressas na língua e podem ser reconhecidas nos nomes atribuídos aos seres, uma vez que esses nomes são constituídos com a utilização dessas mesmas figuras, entre outras.

Assim, creio que é preciso compreender o pensamento e a cultura de um povo, para poder aplicar em sua língua os protótipos metafórico e metonímico sem correr o risco de concluir substituições que seriam próprias apenas de nossa língua e cultura, portanto indevidas na língua estudada. E é justamente quando somos capazes de, através do conhecimento do pensamento e da cultura de um povo, interpretar as palavras de sua língua, reconhecendo os porquês de suas significações, que comprovamos a hipótese de que há uma interinfluência entre pensamento, cultura e linguagem. Com essa preocupação, procurei verificar sistematicamente que tipo de substituição era feita pelos informantes e, através das explicações por eles fornecidas, determinar os casos ora de metáfora, ora de metonímia.

Aos nomes formados por metáfora e metonímia denominei genericamente descritivos⁸², seguindo o padrão adotado por Balée e Moore (op.cit.). Ocorrem entre os descritivos, também, nomes que não são figurativos, ou seja, em que não ocorre nem metáfora e nem metonímia, mas apenas uma descrição não figurativa do ser nomeado. Esses nomes que chamo descritivos são um objeto interessante para a recuperação da discussão sobre a imotivação total ou parcial do signo, aos moldes de Saussure. Isto, porque estes nomes são claramente construídos de forma a sugerir em seu conteúdo semântico algumas das características observáveis em seus referentes, o que abre caminho para a idéia de uma motivação, ao menos, parcial.

Para enfocar a hipótese de interinfluência entre pensamento, cultura e linguagem nos moldes que a tenho apresentado neste trabalho, elaborei uma forma de apresentação dos nomes do moré com os seguintes objetivos:

a. demonstrar como se dá a atribuição dos significados aos nomes e quais os processos envolvidos;

⁸² Ou de carga descritiva recuperável pelo falante nativo.

b. possibilitar ao leitor a comparação entre a organização dos paradigmas pelos morés e por ele mesmo, em sua própria cultura, permitindo-lhe ver de que forma variam o pensamento e sua expressão lingüística no moré em relação aos do próprio leitor.

Cada nome apresentado o será em um quadro com campos subentendidos que são definidos como no exemplo abaixo :

[map ^w ip' /tɔ:] (1)	madeira musical/ olho (2)
(MF) (3)	jacarandá (4)
[vegetal, partes do corpo] (5)	
A madeira do jacarandá é de tipo compacto, propício para a confecção de instrumentos musicais, mas devido à formação de suas fibras que desenha pequenos “olhos” na madeira, o jacarandá é a “árvore que olha para você”. (6)	

Os campos definidos neste quadro são referentes a :

(1) - nome em moré

(2) - tradução para o português de cada parte componente do nome

(3) - o tipo de processo utilizado. Aparece neste campo uma de três siglas diferentes, dependendo do processo envolvido:

(MF) - para metáfora

(MN) - para metonímia e

(DES) - para descrição não-figurativa

(4) - tradução do nome para o português

(5) - paradigma ou paradigmas identificados pelos falantes como envolvidos, no caso de presença de figuras. Este campo permitirá a diferenciação, nos termos apresentados anteriormente, entre as metáforas e as metonímias da língua moré presentes nos nomes dados.

(6) - comentários sobre a significação do nome, os processos envolvidos na atribuição do significado ou complementares sobre a história ou aspectos significativos da palavra moré apresentada.

Os paradigmas envolvidos foram fornecidos pelos informantes e aparecerão entre colchetes (um único, no caso de metonímia; mais de um, no caso de metáfora). A lembrança das categorias nativas apresentadas anteriormente ajudará bastante na compreensão dos paradigmas semânticos envolvidos. Cada paradigma receberá um nome representativo, uma como que palavra-chave, mais adequada à idéia representada por ele e informada pelos indígenas.

5.3. NOMES PARCIALMENTE MOTIVADOS :

Constituem a grande maioria dos nomes colhidos. Como disse anteriormente, a descrição, seja figurativa ou não, ressaltará um aspecto significativo, do ponto de vista do pensamento moré, sobre o referente. A figura de linguagem aparece, porém, como instrumento preponderante na atribuição do significado. Como observa Posey (op.cit.), a metáfora aparece como principal figura utilizada pelos ameríndios, o que é plenamente confirmado na língua moré. Passemos às análises :

1. [?up^wə:\ jən] - **cabeça \ ponta**

(MF) **broto de bananeira**

[**corpo humano, vegetal**]

O broto de bananeira é uma “cabecinha” que nasce no pé da planta-mãe e transforma-se em outra planta-mãe, assim como a criança que, ao nascer, põe primeiro a

cabeça para fora do corpo da mãe. Comparando as partes das árvores com as partes do ser humano, os morés estabelecem relações interessantes que têm representação em sua cultura em alguns rituais que utilizam árvores como representantes dos espíritos humanos. Em outros rituais as árvores são a própria representação do ser humano, sendo que há outros nomes de árvores em exemplos subseqüentes que farão referência a atos ou características humanas.

2. [manaj\ tim] - buraco \ barriga

(MF) vagina

[roça, corpo humano]

Assim como a cova que o homem faz na terra para depositar a semente, que é o mesmo buraco virtual por onde a planta sairá da terra ao nascer, a vagina é o buraco por onde o homem deposita a “semente” na barriga da mulher e pelo qual sairá a criança ao nascer. Mais uma vez a relação entre ser humano e vegetal se estabelece. Agora, o corpo da mulher é o corpo da “terra mãe”, figura típica na maioria das mitologias dos ameríndios, nas quais a terra fértil é comparada à mulher e vice-versa. Também é comum em mitologia ameríndia que crianças nasçam da terra em virtude de serem enterrados raios do Sol ou da Lua, raízes, sementes, etc., ou que plantas nasçam em lugares onde foram enterradas pessoas especiais.

O interessante desta construção é que a palavra [manaj], que significa literalmente “buraco de” ([man], “buraco” + [aj], conectivo do gênero neutro) é relacionada a outras palavras, como a que se usa para “casa”, fazendo “buraco da casa”, ou seja, “porta”, ou a que se usa para “fezes”, fazendo “buraco das fezes”, ou seja, “ânus”, etc. Mas para a construção que se refere à “vagina”, o informante principal assevera que seu significado não é mais meramente o de “um buraco qualquer”, como em “porta” e “ânus”, mas refere-se ao buraco na terra que se faz para plantar a semente. Há, sem dúvida, algum aspecto cultural inserido nesta interpretação do informante que foge ao nosso conhecimento atual.

3.[?ari:\ zan] - cana \ perdiz negra

(MN) cana-de-açúcar

[grupo dos seres da cor x]

A cana-de-açúcar compartilha sua cor com a perdiz negra. Ambas pertencem ao mesmo grupo cromático, embora sejam respectivamente vegetal e animal. O que os morés põem em evidência nesta figura não é a natureza dos dois seres, mas a sua cor. A cana-de-açúcar é a “cana-perdiz-negra”. Esta figura tem relação com as categorias formadas a partir de similitude física. Mais do que isso, porém, os animais silvestres costumam procurar locais em que possam esconder-se camuflados pela cor ou por outro aspecto ambiental qualquer. O nome desperta para esta questão, que é essencial para a sobrevivência do povo moré. Desta forma, ocorrem duas conexões distintas em um nome como este: a primeira refere-se à similaridade de cores entre os dois seres; a segunda, à contigüidade estabelecida por a perdiz procurar um ambiente que se assemelhe à sua cor. Uma escolha entre ambas seria justificável, não fosse levada em conta a opção do informante entre as duas conexões possíveis. E esta opção aponta para considerar-se a perdiz como uma espécie de extensão do grupo de seres que formam um habitat específico ao qual pertence a cana-de-açúcar, entre outros vegetais. Trata-se de uma figura funcional para a cultura dos morés. Onde se encontra o elemento imóvel Y, pode-se encontrar mais facilmente o elemento móvel X, que nos interessa.

4.[?uzip' \ p^wək'] - tipo de palmeira \ cabeça

(MF) cobra-papagaio

[vegetal, réptil]

Neste caso, eu esperaria do informante o mesmo tratamento de contigüidade que foi dado à perdiz-negra no exemplo 3. Parece haver uma estreita relação entre a estrutura semântica entre este e o exemplo 3, mas o tratamento dispensado pelo informante

foi diferente. Aqui, por razões que não consegui levantar, estabeleceu-se uma conexão que aponta para a relação entre paradigmas, ao contrário do que ocorreu no exemplo 3. Vejamos a explicação do informante para o exemplo.

A cobra-papagaio tem cor semelhante à das folhas deste tipo de palmeira e sua cabeça assemelha-se aos frutos da mesma planta. Uma tradução apresentada por um dos informantes foi “cobra de cabeça de [ʔuzip]”. Este tipo de cobra habita, também, as palmeiras em geral. Dizer que a cobra é como a palmeira é indicar uma relação muito estreita entre o animal e a árvore que pode significar algo como: *you can find a snake papagaio hanging from the palm trees, because it is like the palm trees*. Trata-se, também, de uma relação como a que se estabelece no exemplo 3, que reflete esta simbiose entre os animais e a mata. Só que no exemplo 3, com uma mesma justificativa, considera-se a perdiz e a cana-de-açúcar em um mesmo grupo e no presente exemplo, a cobra-papagaio e a palmeira em grupos diferentes. Só há uma forma, a meu ver, de entender esta diferenciação: a existência de algum dado cultural que não consegui inferir das explicações dos informantes. Há um algo a mais em seu pensamento sobre estes dois animais e nas relações que eles estabelecem entre estes animais e os vegetais que lhes emprestam o nome que não pude compreender como não nativo. Trata-se, a meu ver, de clara influência da cultura e do pensamento na interpretação dos fatos lingüísticos.

5. [tɔβa:\ nipat'] - branco \ asa

(MN) **papagaio frontino ou moleiro**

[corpo do pássaro]

O papagaio frontino, um dos mais comumente domesticados pelos morés e muito comum na região que estes habitam, tem a parte interna das asas branca, de forma que, quando em vôo, apresenta corpo verde e asas brancas, conforme sua denominação. As penas brancas deste papagaio são muito apreciadas pelos morés para a confecção de roupas rituais que representam os espíritos. O nome é uma indicação clara de onde encontrar essas penas. Uma influência de valores culturais pode ser observada sobre a língua, que, por sua

vez, expressa e ajuda a estabelecer estes mesmos valores. Quanto à estrutura da figura observe-se que neste caso tem-se uma relação todo-parte.

6.[ʔiβu:] - espécie de fruto

(MF) tucano

[frutas]

Os tucanos, em virtude do formato de seus bicos, alimentam-se apenas de pequenos frutos. Um dos frutos mais comumente achados na região e costumeiramente consumido pelos tucanos é o [ʔiβu:]. Embora o tucano não sirva normalmente de alimento para os morés, suas penas pretas são especialmente utilizadas em roupas rituais que simbolizam entidades malignas ou o período da noite. Seu bico é utilizado na confecção de ornamentos e pontas de armas. Indicar no nome do pássaro seu hábito alimentar é fornecer uma boa pista sobre onde encontrá-lo. O tucano, então, recebe o nome do principal fruto do qual se alimenta.

Estabelece-se, neste exemplo, um esquema bastante funcional para os morés, esquema do mesmo tipo que ocorre com o exemplo 3. Algo como:

Se {{X} relaciona-se a {Y}} logo {{nome de X} igual {nome de Y}}

onde o nome de X é o termo presente, que é o mesmo ou quase o mesmo nome utilizado também para Y. No mundo real, X e Y têm estreita relação entre si. Desta forma, ao procurar o elemento real X, que é animado, móvel, tem-se em seu nome uma referência a um elemento inanimado Y, que é portanto imóvel, que indica a possibilidade de encontrar X em um habitat determinado.

7.[m^wəm\ k^xinam] - vermelho \ onça

(MN) puma

[onças]

Os morés possuem uma classe de animais que tem como referência a onça pintada. Dela participam o cão doméstico e os vários tipos de cães selvagens, os felinos domésticos e selvagens de pequeno e grande portes. Todos eles sob o nome genérico de [kxinam], que serve de indicação ao que seria o paradigma “onças”. Embora os morés reconheçam o puma como uma espécie de animal diferente da onça, chamam-no onça, por estar enquadrado na categoria “onças”, definida a partir de similitude física, e vermelha, em referência à cor de sua pelagem. Como animal místico, os valores culturais ligados à “entidade” onça são muito fortes, sendo que atribuir o nome de onça a outro animal é, de alguma forma, transferir esses valores para este animal. Trata-se de algo mais do que uma mera classificação zoológica. As relações decorrentes da constituição dessas figuras são, então, intraparadigmáticas e definidas como metonímicas.

8. [k^xaw\ k^xapa: ri:] - ser comido, comer \ pacu

(MF) árvore de canduru

[alimentos, vegetal]

Os pacus são peixes muito apreciados na culinária moré e que se alimentam basicamente de frutos. Os frutos que servem de alimento aos peixes formam o paradigma “alimento de peixes”, que é bastante funcional para os morés, uma vez que indicam o local da pesca provável do pacu. O esquema é o mesmo que apresentei no exemplo 7.

Já tive várias oportunidades de pescar com índios de várias tribos e o procedimento por eles adotado é basicamente o mesmo: primeiramente sobe-se o rio algum tempo, às vezes por horas, remando silenciosamente a canoa, observando-se as árvores à margem, se estão frutificando, qual é o tipo de árvore e de fruto, a presença de floramento, e a geografia do rio. Depois solta-se a canoa rio abaixo, mais silenciosamente ainda, uma vez que não há o movimento e o barulho dos remos, hora em que se vai parando nos locais de

provável ajuntamento de peixes: embaixo das árvores com frutos, das árvores que estão derrubando flores, nos poços naturais dos rios onde se depositam os detritos que caem n'água, etc. A indicação, no nome de uma árvore, de que ela serve de alimentação ao pacu não é, portanto, fortuita. Faz parte de um intrincado sistema cultural de coordenadas que ajudam as novas gerações morés a compreenderem fatos do pensamento e da cultura (no caso, técnicas de pesca) através do sistema lingüístico.

9. [k^xaw \ k^xapan] - ser comido, comer \ larvas

(MF) **árvore de canduru serrano**

[alimentos, vegetal]

É outra metáfora funcional que segue a mesma estrutura da anterior. Só que agora objetiva-se identificar larvas comestíveis, que proliferam junto aos candurus da serra, e não mais peixes que se alimentem dos frutos do canduru.

10. [k^xaw \ ?it^fə:] - comer \ fogo

(MF) **falcão da campina**

[(alimento, fogo = alimento), pássaro]

Esta metáfora é mais complexa do que as anteriores por comportar outra metáfora interna. A região dos morés é pródiga em campos abertos naturais. No período prolongado das secas anuais (que duram cerca de seis meses todo ano na Amazônia), estes campos são queimados por agricultores locais, inclusive índios, desde os tempos ancestrais - ou por acidentes naturais, como os raios das tempestades elétricas, comuns na região nesta época. Durante as queimadas, uma grande quantidade de animais e insetos foge dos campos e esta espécie de falcão notabiliza-se por não temer os incêndios, mas por aproximar-se deles para alimentar-se dos fugitivos. Assim, uma primeira metáfora refere-se ao alimento do falcão, que não é o fogo, mas aquilo que supostamente o fogo produz. Outra refere-se ao "comedor de fogo", relativo a cerimônias de magia do mal, onde habitualmente os pajés realizavam demonstrações com fogo. Como a rapina é mal vista entre os morés,

principalmente porque os gaviões e harpias costumam comer os animais de estimação desses índios. principalmente as aves criadas para que delas se retirem penas utilizadas na confecção de roupas e adornos, este falcão é culturalmente relacionado ao mal. Como se pode notar neste exemplo, o pensamento influencia a cultura que, por sua vez, influencia a língua. que torna a influenciar o pensamento, na medida em que expressa e ajuda estabelecer os valores deste mesmo pensamento, em um processo cíclico de interinfluências.

11. [tʰak¹ \ kˣuni?] - **lamber \ carne podre**

(MF) **águia do rio**

[abutres, águias]

Este tipo de águia pescadora tem o hábito de somente se alimentar dos peixes que captura algum tempo depois de pescá-los, quando já estão com a carne em deterioração. Ela é relacionada ao urubu e outros tipos de abutres amazônicos, o que é uma indicação de que não serve de alimentação ao ser humano. A idéia de que a ave lambe carne podre expressa a visão moré sobre aves e animais que podem e que não podem ser comidos: essencialmente, os que se alimentam de vegetais ou de animais que, como predadores, caçam e consomem ainda em bom estado. A metáfora aqui consiste em considerar a águia como um abutre, em função de seu hábito alimentar. Algo como “esta águia é um abutre, porque come carne podre.”

Este padrão alimentar que seleciona rigorosamente os animais comestíveis somente é seguido em tempos de fartura. Em tempo de caça difícil, em anos de seca ou quando perdidos na mata, os índios amazônicos se alimentam praticamente de qualquer animal que consigam pegar, mesmo daqueles que desempenham papel significativo em sua cultura, como a onça, a arara e a coruja. Uma rara exceção é feita ao cachorro, que serve de companhia nas caçadas e que é tido como incondicionalmente impróprio como alimento humano.

12. [k^xara: \ pak^xan] - que se tira \ que se põe

(MF) árvore de bibosi

[hábitos humanos, vegetal]

“Que se tira, que se põe” é uma expressão que se refere ao ato de vestir e desvestir as roupas. Este nome também é dado às próprias roupas do dia-a-dia. Como a árvore do bibosi solta facilmente toda sua casca quando é cortada, foi relacionada à pessoa que tira e põe suas roupas todo dia. É “a árvore que se despe”. Este exemplo se relaciona com o exemplo 1, já explicado.

13. [k^xa: \ mak^xan] - comer \ espécie de árvore

(MF) arara araraúna

[alimento, pássaro]

Trata-se de outra metáfora funcional como a de números 7, em que o nome auxilia na identificação da presença do animal em função da presença de seu alimento. No caso das araras, sua perseguição e captura, especialmente de filhotes, destinava-se à domesticação para posterior utilização das plumagens em adornos religiosos e de guerra e hoje, ainda assume um papel comercial, principalmente com contrabandistas de animais, que habitualmente trocam aves e outras espécies por roupas velhas, buningangas e bebidas alcoólicas. O ato de caçar araras, desde a antiguidade moré se caracteriza em sua cultura como um ato próprio do ser humano. A arara é uma ave que aparece na mitologia moré em posição de destaque. Ela representa, em última instância, a beleza das mulheres morés, beleza esta que é transferida aos homens através da cessão de suas penas, que se renovam, como se renova a beleza da mulher em cada fase de sua vida. O mito do surgimento da arara é narrado neste capítulo, no item 5.4.

14. [mək^xɔ: \ ta: ma:] - abutre \ picotar carne humana

(MN) condor

[abutres]

O condor é tido como um tipo de abutre. A figura tem estrutura semelhante à de 8, em que o animal é enquadrado em um grupo único de seres, em uma espécie de relação hiperonímica. O condor, porém, é um animal que participa da mitologia moré como o mensageiro do mal, que rapta crianças das tribos. Devido ao seu grande tamanho, os morés acreditam que os condores sejam capazes de carregar as crianças da aldeia, havendo relatos que asseveram que pais que cometeram delitos graves tiveram seus filhos levados por condores. A ave é tida, portanto, como o “abutre que come homens”, e mais do que isso, como aquele que pune os homens, picotando sua carne. O animal é tido com respeito, sendo que os valores culturais a ele ligados são, em grande parte, expressos no nome a ele atribuído.

15. [tusi: \ tək'] - encarnado \ olho

(MF) pássaro cozinheiro

[partes do corpo (da onça), pássaro]

O cozinheiro é um pássaro de pequeno porte e hábitos noturnos com olhos desproporcionalmente grandes para o tamanho de seu corpo e avermelhados. À noite, os olhos brilham como pequenas bolas-de-gude vermelhas e o pássaro é visto mesmo a grande distância. Aparentemente, trata-se da utilização da parte pelo todo. Entretanto, [tusitək'] é uma alusão aos olhos vermelhos das onças à noite, que brilham da mesma forma. Uma tradução mais direta do nome do pássaro seria “olhos de onça”. Além de seus olhos encarnados, o seringueiro tem outra característica significativa aos morés que é seu canto estridente e altíssimo, muito mais potente do que o canto de aves muitas vezes maiores do que ele. Esta característica deste pássaro é considerada como sendo a de um porta voz espiritual. O cozinheiro canta para avisar da presença de perigo na mata, segundo os morés. Este aviso não é literal, como se significasse “há um perigo x agora perto de você”. Trata-se de um lembrete constante. A mata é sempre perigosa, e há pássaros cozinheiros em grande quantidade por toda a mata. Eles avisam do perigo o tempo todo, pois cantam por

todo o dia. Ao ouvir o “olhos de onça” cantando, o índio que está na mata lembra-se do perigo que está correndo ali, “abre seus olhos” e ensina isto às novas gerações. Os valores culturais são repassados à língua e retornam à cultura para cumprir seus objetivos de controle da vida da comunidade.

16. [titim \ m^wimal] - está em, ou faz parte de \ areia

(MN) cuyabo⁸³ da praia

[elementos da praia]

Trata-se de uma espécie de pássaro que frequenta, alimenta-se e nidifica nas praias fluviais da região, especialmente nas dos rios Guaporé e Azul. Para os indígenas ele é parte integrante da praia, um elemento do todo que é o habitat praiano. A figura se utiliza do critério da localização no ambiente, mas é mais profunda do que apenas isto.

A mitologia moré apresenta dois tipos de criação de seres: um primeiro tipo refere-se à obra do criador; um segundo tipo é relativo ao nascimento “fantástico” de seres a partir de outras entidades naturais, como plantas que surgiram de locais onde foram enterradas pessoas mitológicas, por exemplo. As praias são tidas como grandes geradoras de seres. Em alguns relatos míticos, aparecem pessoas, plantas e animais que surgem da areia, como se fossem uma extensão da própria praia, mas que depois vivem vida independente. O cuyabo é um desses seres praianos. A figura é uma relação de todo-parte.

17. [t^ora: \ rin] - que está sobre as águas \ tipo de flecha

(MF) espécie de pato selvagem

[armas, pássaro]

Esta espécie de pato selvagem é notável por nadar muito mais rapidamente do que os demais de sua “família”, além de ser exímio pescador. Ele é tido como um dos

⁸³ Cuyabo é o nome dado a este pássaro em espanhol. Não foi possível identificar o nome em português, sendo que os manuais de classificação das aves de todo mundo trazem pássaros muito semelhantes sob o nome de “tarambolas”. Na dúvida, preferi manter o nome regional.

guardiães dos rios (o que é típico dos patos na cultura moré, como se poderá ver no mito do paturi, no item 5.4.), daí ter recebido a velocidade como “presente” do Criador. Daí, também, a associação com a flecha, que é um instrumento de proteção e guerra: é “a flecha que vai sobre a água”.

Como disse, os patos, na cultura moré, são animais de destaque, ao contrário do que acontece na nossa cultura. Os patos são considerados animais extremamente ágeis e perspicazes e, não, símbolos de moleza e mau jeito. Isto é compreensível, uma vez que os índios amazônicos são bem mais ligados aos rios, como ambiente em que se passa grande parte da vida, do que nós. Os pássaros são muito ágeis na água, chegando a ser graciosos nadadores. Os pequenos patos amazônicos são, também, ótimos voadores.

18. [m^wiri: \ zoβan] - frutas \ bater uma na outra

(MF) pomba chumbada⁸⁴

[atos rituais, pássaro]

Espécie de pomba pequena e acinzentada aparece sempre em grandes bandos. Quando colhem as frutinhas do [m^wiri:], que é uma árvore frondosa, mas que produz cachos com pequenos frutos pendurados nas pontas dos galhos, o fazem voando e batem as asas umas nas das outras. Este espetáculo peculiar assemelha-se a certas danças rituais dos morés, em que os participantes batiam seus braços adornados de penas - suas asas - uma nos dos outros. A dança recebe o nome do pássaro, e seu nome indica a coreografia da dança. O pensamento influencia a cultura, quando a fé estabelece a dança; a cultura influencia a língua, quando dá o nome do pássaro à dança; a língua influencia a cultura, quando traduz no nome do pássaro a coreografia da dança e confirma e estabelece o pensamento, em um processo de interinfluência cíclico.

⁸⁴ Este é o nome informado em espanhol pelos informantes e é, por sua vez, uma figura: refere-se à cor da chumbada de pesca, acinzentada e com pouco brilho, objeto muito comum entre os ribeirinhos.

19. [pa: \ ?ari: ji:] - caçar \ arara

(MF) jaguatirica

[atos humanos, animal]

Caçar araras é um ato tipicamente humano para os morés. A jaguatirica caracteriza-se como um dos felinos que melhor sobem em árvores, vivendo a maior parte de suas vidas em suas copas. São notáveis por conseguir caçar araras em seus ninhos nos ocos das árvores mais altas. O nome acaba sendo uma alusão aos próprios homens, uma vez que somente estes são caçadores de araras.

É claro, porém, que os morés diferenciam as jaguatiricas dos homens, sabendo exatamente qual é a jaguatirica e qual é o homem. A questão de os morés estabelecerem uma relação de ordem mítica entre a jaguatirica, a arara e os seres humanos, não significa que a jaguatirica ou a arara receberão em sua descrição por um moré o traço + humano. O que eles projetam na figura da jaguatirica, através do nome que este animal tem, é que uma jaguatirica mítica comeu uma arara mítica, o que gerou o nome que a jaguatirica tem hoje. Esta arara mítica, como se verá no mito que narro sobre arara, era uma mulher transformada pelo Criador. Esta jaguatirica, um homem transformado pelas forças do Mal. Os morés sabem perfeitamente que as jaguatiricas e as araras de hoje não são a jaguatirica e a arara de seu mito. Os nomes desses seres dizem isso, a mitologia diz isso, isso é lembrado nas poucas festas que ainda se fazem e nas poucas histórias que se contam na aldeia. Mas os indícios estão à vista e certamente influenciaram muitas gerações morés em sua formação cultural. Até quando esta influência perdurará, porém, é bem difícil prever.

20. [m^wimal \ p^wək'] - areia \ cabeça

(MN) corvina de água doce

[elementos da praia]

Este tipo de peixe possui uma cavidade nos ossos da cabeça, por trás do cérebro, onde existem duas pequenas "pedras" utilizadas pelo animal para produzir ruídos os

quais, acreditam os especialistas, servem de elemento orientador no deslocamento dos cardumes e na época de procriação.

Entretanto, este peixe é diferenciado dos demais por habitar especialmente as regiões arenosas dos leitos dos rios, que aparecem junto às praias - e que são praias quando o nível de água dos rios desce, no período da vazante. Justamente por isso, são os peixes mais comumente apanhados em tarrafas jogadas e armadilhas instaladas preferencialmente nas praias, onde não há obstáculos como paus e pedras. Os indígenas acreditam que as "pedras" da cabeça desses peixes são vestígios de sua origem fantástica da areia das praias, como no caso dos cuyabos praianos narrado no exemplo 17, e consideram-nos, assim como a certos tipos de carás de praia e pintadinhos, como parte integrante do habitat praiano.

5.2.1. Alguns Casos de Antropônimos:

Da mesma forma que com os nomes dos seres em geral, com relação aos antropônimos os morés constantemente recorrem às figuras para a construção de significados. A preocupação na constituição dos antropônimos, porém, parece ser maior - talvez porque, neste caso, os falantes têm direito a alguma iniciativa no processo de denominação, o que não ocorre com os nomes dos demais seres, já estigmatizados. Também, é plausível acreditar que há uma grande preocupação na expressão de valores culturais claros nos antropônimos instituídos pelos morés. De uma certa forma, quando os brasileiros buscam nomes estrangeiros, ou de personalidades famosas para seus filhos, estão expressando valores culturais que vão muito além da mera questão estética. Os nomes atribuídos pelos morés às suas crianças, parece, atendem a três aspectos primordiais :

- a. a expressão do aspecto físico da criança ;
- b. a expressão do estado do mundo no momento do nascimento e ;

c. a expressão dos desejos e expectativas da comunidade com relação à criança.

Os itens a e b são reflexos diretos do pensamento moré, de sua visão do mundo e das próprias crianças; o item c é o reflexo de valores culturais cristalizados. Caberia aqui uma descrição, mesmo que estereotipada, dos valores impostos aos homens e às mulheres morés.

Na cultura moré, um bom exemplo de homem deve ser preferencialmente: bonito, viril, bom guerreiro, bom caçador, razoável pescador, conhecedor da mata, autoritário na família, religioso e bom artesão de armas. Deve ser mais astuto do que forte, mais longânimo e paciente do que as mulheres, mas nunca mudar sua palavra, mesmo que isto lhe custe a vida.

Como exemplo de uma boa mulher moré estabelece-se que ela deve ser: serviçal, prendada na culinária e no artesanato de peças de utilidade do lar, roupas, redes, e adornos, forte, fértil, bonita, boa pescadora, atenta aos desejos do marido e às necessidades dos filhos. O marido só deve ser importunado pela esposa com relação àquilo que ela não puder prover à família. A mulher não tem o dever de ser longânima, pode ser fofoqueira, escandalosa, e agressiva com os de fora da família. Caberá aos homens refazer os laços, pedir desculpas pelos escândalos e retomar a ordem da aldeia. Interessante é que todos os morés contactados dizem que homens e mulheres desta estirpe só existiam entre os ancestrais. Hoje não se acha mais desses...

Esses valores, como se verá, estarão expressos nos antropônimos morés. Convém, entretanto, antes de analisar os antropônimos morés, tecer umas poucas considerações sobre a visão da concepção e do ato de dar nomes às crianças entre os morés.

A concepção de filhos para este povo, mesmo dos considerados ilícitos, é sempre motivo de realização de festas nas quais são cantadas canções especiais em louvor à renovação da vida e destemor com relação ao futuro. Os partos são acompanhados por mulheres que compõem um grupo seleta, versado na “medicina do bem” (porque há uma medicina do mal), em sua maioria formado por solteiras ou viúvas e ao qual cabe a responsabilidade de dar o nome a cada criança recém-nascida. Estas parteiras, em número de duas ou três por maloca, recebem o nome de “sábias” [ʔəkʰɔ: maɪ' ti:] ou simplesmente são chamadas de “mulheres” [tana: man] , sendo respeitadas como anciãs conselheiras - e são as únicas mulheres da tribo que chegam a receber este *status* na sociedade moré.

O “batismo” segue o seguinte ritual: ao pegar a criança recém-nascida nas mãos, imediatamente após o corte do cordão umbilical, a parteira com as duas mãos encosta a criança, ainda suja de sangue, no seu próprio ventre e, olhando para qualquer lugar exceto para a mãe da criança, profere o nome que o nenê levará por toda a vida.

Assim, cabe a duas ou três mulheres da aldeia dar nome a todos os seus membros. A função das parteiras é vitalícia, mas há informações de que esta tradição está em vias de desaparecimento. Muitas mulheres morés têm preferido buscar socorro médico em hospitais nas localidades vizinhas e outras tantas já não aceitam mais os nomes morés para seus filhos, preferindo os nomes “cristãos”. As crianças que formam atualmente uma geração que tem cerca de dez ou quinze anos de idade, porém, em sua maioria receberam os seus nomes ainda, segundo o antigo ritual moré descrito e nós analisaremos aqui alguns desses nomes. Este período de cerca de quinze anos marca o início de uma empreitada do governo boliviano, forçado por organismos internacionais, no sentido de integrar as nações indígenas desse país no sistema produtivo da nação. Este movimento tem provocado boas e más conseqüências para os índios. Uma das que reputo como má é a aculturação.

A estrutura básica de um antropônimo more é **nome + sobrenome** (ou *nombre + apellido*, como relatou o informante, em espanhol). O nome é atribuído como acima visto, mas o sobrenome é atribuído por algum ancião da aldeia ou é escolhido pela própria família, caso ainda a família não possua um (por exemplo, um casal recém formado cujo esposo deseja estabelecer uma nova família independente, um novo sobrenome, abandonando o sobrenome de seu pai). O sobrenome pode ser trocado, se a família assim o desejar, embora nem sempre os membros da aldeia assimilem a mudança, o que, na prática, resulta na permanência do sobrenome antigo. É honroso para os filhos herdarem o sobrenome dos pais, mas em caso de agravo familiar, os pais podem negar o sobrenome aos filhos ou os filhos escolherem outro sobrenome para sua (nova) família.

Vejamos como exemplo desta estrutura o nome do informante principal :

21 . nome - [tɔβa: \ sa: \ ?ε:] (masc) - branco \ coisa nojenta \ expelir
(coisa nojenta + expelir = “vomitar”)

sobrenome - [paraj] - fruta de que se alimentam certas espécies de papagaios muito coloridos.

Segundo o informante, podem ser utilizados o nome e o sobrenome conjuntamente, somente o nome ou somente o sobrenome.

Como se vê, trata-se de um nome apenas descritivo. Este tipo de nomes refere-se ao primeiro aspecto que citei anteriormente (expressão do aspecto físico da criança). No caso específico, uma alusão a uma mancha branca no pescoço da criança (que, aliás, permanece até hoje).

Os nomes relativos ao segundo aspecto (expressão do estado do mundo no momento em que a criança nasceu) geralmente são metonímicos, pois a criança é tida como parte integrante do estado cósmico naquele momento. Trata-se, aliás, de uma visão segundo

a qual o nascimento da própria criança reflete o estado cósmico que é tido como causa de tal nascimento. Os morés antigos crêem que cada homem vem ao mundo na hora certa, e o mundo se prepara para recebê-lo segundo seu merecimento. Esta crença da “anunciação” pelo cosmo não é novidade nem entre os indígenas ameríndios, nem entre os povos orientais.

Os nomes que enfocam o terceiro aspecto (a expressão dos desejos e expectativas da aldeia para com a criança) são preponderantemente metafóricos, sendo utilizadas comparações baseadas em elementos do dia-a-dia que reflitam de alguma forma tais expectativas que são tão-somente valores culturais.

Vejamos mais alguns nomes :

22. [san \ taβ^wi :] (masc) - bonita \ parede

(MF)

[partes da maloca, pessoa]

Embora seja um nome descritivo, no sentido de que reflete a lisura da pele da criança, é também uma metáfora que compara a criança a uma parede bem rebocada com tabatinga (espécie de argila muito clara típica da Amazônia), ou seja, lisa e bem clara. O nome reflete valores desejáveis para um homem, a saber a beleza, a força e a característica de proteger sua família. São valores culturais expressos na língua que os preserva, influenciando o pensamento, em um processo cíclico.

23. [?atɔ: \ taβ^wi:] (masc) - firme \ parede

(MF)

[partes da maloca, pessoa]

Não é um nome descritivo como o anteriores, no sentido em que não se refere diretamente a características observadas na criança, mas reflete a expectativa de que o

menino viesse a ser forte e protetor como as paredes de uma maloca bem construída e como se espera, na cultura deste povo, que um homem moré seja.

24. [m^wəm \ kat^fin] (fem) - vermelho, abacaxi

(MF)

[fruta, pessoa]

Uma junção de dois aspectos, esta metáfora descreve a vermelhidão da pele da criança ao nascer, que lembrava a de um abacaxi silvestre bem maduro, como reflete a esperança de que a menina fosse doce, boa e útil como esta fruta bem madura.

25. [?ik^xit^r] (fem) - facão

(MF)

[ferramenta, pessoa]

Reflete a expectativa de que a menina fosse útil e laboriosa como o facão o é nas mãos de seu esposo. É próprio da cultura moré considerar que o destino de uma mulher, que se faça respeitar na aldeia, passa obrigatoriamente por um casamento condizente com as leis e costumes morés e por uma prole numerosa que a orgulhe. A única saída para uma mulher moré que não consegue casamento é tornar-se parteira e justificar que não casou por capricho do destino, que a reservou para receber as crianças da aldeia. Caso a mulher adulta solteira não consiga alcançar o *status* de parteira, será estigmatizada como doente física ou mental. É por esta razão que muitos nomes de mulheres subentendem a figura do esposo que todos da aldeia esperam que ela venha a ter.

26. [masa: rijo:] (fem) - colar de contas

(MF)

[adorno, pessoa]

Alude à pretensão de que a menina fosse bela e agradável como um colar de contas de tucumã bem feito, adornando o pescoço do esposo. Expressa um dos valores culturais mais importantes para os morés, que é o valor de ser belo. Os morés são um povo extremamente ligado à questão estética, valorizando sobremaneira as cores, as formas, os sons da natureza e a música, a poesia e a dança. Seus rituais religiosos são extremamente elaborados, suas vestes rituais e armas mais adornados que as da maioria dos povos Txapakura, suas casas são muito grandes e muito bem alinhadas em malocas grandes e bem cuidadas. Trata-se, enfim, de um povo minucioso e que valoriza aspectos estéticos. Triste é ver que muitos destes valores estão sendo muito rapidamente perdidos. Sua vestimenta, hoje, é basicamente constituída dos farrapos que recebem como “donativos” ou em troca de aves e outros animais, suas casas enormes de troncos e palha têm sido substituídas por barracos de madeira e telhas velhas de amianto, seu orgulho tem sido substituído pela bebedice e pelas dívidas feitas para com empresas que exploram a mata local. A resistência dos poucos anciãos que restam não tem sido suficiente para combater a aculturação e a perda destes valores.

27. [k^xarin to:] (masc) - cigarra

(MF)

[inseto, pessoa]

Reflete a idéia de que o menino deveria ser alegre e cantador como as cigarras que alegam os invernos amazônicos. Cantar, entre os homens morés, era considerada não somente uma virtude, mas uma necessidade, já que eles eram os responsáveis pela condução dos cerimoniais religiosos. O nome não deixa de ser a expressão do desejo de que o menino viesse a ser um dos líderes religiosos de sua aldeia, uma vez que a eles cabe a condução das músicas ritualísticas.

28. [tɔm taw] (masc) - negro nas costas

(DESC)

Refere-se a uma mancha negra nas costas da criança (sinal de nascença). Se considerada a relação todo pela parte, o nome ganha estrutura metonímica. Os informantes asseveraram, porém, que se tratava apenas de uma descrição. Uma tradução mais fiel à idéia original do nome não seria “o mancha negra”, mas “aquele que tem uma mancha negra nas costas”, diferentemente do que ocorre no caso 6.

29. [?ipikʰ] (fem) - seringa, seringueira

(MF)

[vegetal, pessoa]

A seringueira é uma das árvores mais utilizadas pelos morés. Um aspecto marcante é o “leite”(látex) que ela produz e que é fonte de riqueza e material para fabricação de artefatos importantíssimos para os morés. A comparação com a seringueira alude à expectativa de que a menina fosse útil e produtiva como a seringueira, além de ressaltar a relação cultural que os morés estabelecem, e que citei anteriormente, entre árvores e pessoas.

30. [?u:tipʰ] (masc) - espécie de árvore

(MF)

[árvore, pessoa]

Esta árvore é de uma espécie notavelmente frondosa e de tronco bastante avolumado, que se destaca das demais na floresta. A metáfora descreve o desejo de que o menino fosse forte e poderoso como a árvore, além de retomar a relação árvore x pessoa, como ocorre no exemplo anterior.

31. [sapak'] (fem) - canarana

(MF)

[vegetal, pessoa]

A canarana é uma espécie de taquara ribeirinha que se notabiliza pela utilidade e pela flexibilidade do caule. A metáfora refere-se à idéia de que a menina deveria crescer e tornar-se útil, mas que também fosse flexível à vontade do marido como a canarana o é à vontade do vento. É interessante notar que, quando D.Manoel me relatou o significado deste nome, ressaltou mais a questão da flexibilidade da mulher em relação ao homem do que o aspecto da utilidade. Disse que na sociedade moré uma mulher muito inflexível obriga o marido a pedir desculpas aos outros muitas vezes, e isto deixa o marido com uma reputação pouco agradável para os morés de “homem frouxo”. Segundo ele, “homem que é homem dobra a mulher e mulher que presta se deixa dobrar pelo marido”. Isto reflete claramente a questão de que, na sociedade moré, a despeito dos importantes valores e das funções atribuídas às mulheres, o sistema de controle e poder é centralizado nos homens.

32. [β^wi: \ ri: tan] (fem) - costurando \ banana

(MF)

[tecido, tecelagem \ pessoa]

A tecelagem com fibras de bananeira é comum entre os morés e muito bela, pois permite a combinação de fibras claras com fibras escuras. A metáfora é uma alusão ao tecido feito de fibra de bananeira, bastante útil e belo, assim como se esperava que fosse a menina ao crescer. O nome também alude à habilidade de tecer, que deve ser desenvolvida por todas as mulheres morés e está diretamente ligada à sobrevivência na floresta. Temos, portanto, uma figura que permite dupla interpretação na cultura moré.

33. [φu: βom] (fem) - roupa horrorosa

(MF)

[vestuário, pessoa]

Este é o nome dado a roupas mal costuradas ou mal tecidas. A metáfora é provocativa. Refere-se à mãe da criança, que era reconhecidamente péssima tecelã, algo depreciável entre os morés. O nome relaciona-se à idéia de que, como filha de uma mãe que era péssima tecelã, a criança somente andaria mal vestida.

34. [sət' k^xama:] (fem) - muito gorda

(DESC)

O nome é meramente descritivo e refere-se à criança, que era realmente muito gorda ao nascer (e, segundo informações colhidas com os informantes, assim continuou).

35.[təra: man \ masa: riʝ:](fem) - partir \ colar de contas trançado

(MN)

[atos do parto]

Este é um dos exemplos aos quais me referi como estabelecendo relações de causa e efeito no momento do parto. Conta-se que, durante as contrações do parto, a mãe partiu com as mãos um colar de contas que usava, espalhando várias contas pelo chão da maloca. A criança teria sido causa e parte desta ação, confundindo-se com ela mesma.

36. [β^wirik¹ \ sak^xat¹ si:] (fem) - “esconder a chicha costurando a boca do odre”. Trata-se de um ditado moré que assim pode ser traduzido aproximadamente.

(MF)

[atos humanos, pessoa]

Costurar a boca do odre para esconder a chicha (bebida típica feita de milho verde moído e folhas de figo) é considerado um ato de esperteza, de malandragem aceita. A metáfora alude à idéia de que a menina deveria ser esperta ao crescer, ajudando a garantir a sobrevivência própria e a da família.

37. [φu: mərə:] (fem) - “trocar a farinha do fundo do pote”. Outro ditado moré traduzido aproximadamente.

(MF)

[atos humanos, pessoa]

Este ditado é relativo à higiene. A farinha de mandioca feita regularmente pelos índios é armazenada em potes de barro com tampa. A cada vez que uma nova porção de farinha é produzida, a farinha do fundo do pote deve ser retirada, uma vez que tenderá a mofar e estragar a farinha nova. Índias preguiçosas, entretanto, não retiram a farinha do fundo do pote e põem a perder todo o trabalho de ter feito a nova farinha. A metáfora parece aludir à idéia de que a menina deveria ser limpa e laboriosa, cuidadosa com o esposo e com o lar.

38. [φu: \ ?it^fə:] (masc) - colocar \ fogo

(MN)

[estado do mundo no parto]

Esta metonímia descreve a queimada no campo que estava ocorrendo na hora do nascimento do menino, e que, segundo relato dos anciãos, era consequência da queda de um raio. A relação entre o nascimento do menino, o próprio menino e o estado do cosmo, assim como no exemplo 37, é de causa-consequência, onde o estado cósmico é a causa do nascimento e o nascimento o reflexo do estado do cosmo.

39. [k^xinam] (masc) - onça

(MF)

[felino, pessoa]

A metáfora exprime o desejo de que o menino se tornasse um guerreiro temível, destemido e poderoso como a onça, tida como o mais poderoso animal da floresta. Também alude a todos os valores culturais estabelecidos na mitologia moré acerca das onças, o que eleva o menino ao estado de herói ancestral.

40. [m^wisa: \ taβ^wit'] (masc) - o nome de uma dança

(MN)

[estado do mundo no parto]

Conta-se que muitos homens e mulheres dançavam no momento do parto, para alegrar e abençoar o nascimento do menino. A criança aparece como a causa, como o objetivo e como parte da própria dança, que alude à renovação da vida. Tudo ao seu redor referia-se a ela e com ela se confundia. O nome exprime também a felicidade pela renovação da vida.

41 [mɔ: \ k^xapam] (masc) - catar, colher \ espécie de fruta silvestre conhecida como arepa.

(MN)

[estado do mundo no parto]

A figura é uma alusão à ausência do pai no ato do parto. A relação apresentada pelo informante é de que o menino veio em substituição ao pai, que se havia distanciado da aldeia em busca de alimento. A ausência do pai era causa e consequência do nascimento do filho naquele momento. Uma tradução mais livre para o nome seria “pai ausente”.

42.[k^xina:] (masc) - tipo de fruta

(MF)

[fruta, pessoa]

Esta fruta é uma das mais vistosas da floresta, tendo dimensão semelhante à de uma laranja e sabor bastante agradável. A metáfora exprime o desejo de que o menino fosse belo e útil como a fruta.

43. [?atə: \ ?ək' \ p^wək'] (masc) - **um tipo de chapéu de penas e sementes utilizado em festas religiosas .**

(MF)

[**adorno, pessoa**]

A figura revela o anseio de que o menino fosse belo e vistoso, bem como importante para a aldeia como um adorno ritualístico.

44. [β^wəm \ βana:] (masc) - **cruzar \ caminho**

(MF)

[**atos humanos, pessoa**]

Cruzar o caminho do outro é uma alusão à valentia, à coragem. O nome exprime o desejo de que o menino fosse um guerreiro corajoso e útil à aldeia.

45. [k^xərəm' \ mapak'] (masc) - **espaço entre as linhas cultivadas de uma roça \ milho**

(MF)

[**roça, pessoa**]

O [kxərəm] é o espaço utilizado pelos índios, entre as leiras de uma plantação (no caso, de milho) para a manutenção da roça e sua proteção contra animais silvestres, como a paca, a cotia e a capivara que costumam destruir as plantações. Por isso, esse espaço é também um local de caça. A figura exprime os desejos de que a criança viesse a ser um menino laborioso, cuidadoso e também exímio caçador.

46. [k^xaβ^wi:] (masc) - espécie de papagaio de penugem multicolorida

(MF)

[pássaro, pessoa]

Exprime o desejo de que o menino fosse belo e vistoso como este tipo de ave, mas também que gozasse da liberdade típica dos pássaros.

Este padrão de construção de nomes próprios repete-se também nos etnônimos dados pelo povo moré aos demais povos. Vejamos alguns exemplos :

47. [rɔ: \ pana:] - gente da madeira, que é madeira

(MF)

[árvores, povo]

Refere-se a uma etnia Txapakúra do Brasil que notabilizava-se pela habilidade em manufaturar madeira, produzindo diversos tipos de ferramentas, canoas, adornos e imagens. Uma tradução mais livre seria “povo-árvore”. Convém notar, também, a citada relação culturalmente estabelecida pelos morés entre pessoas e árvores.

48. [k^xaw \ tajɔ:] - comer/ peixe cachorro

(MF)

[alimentação/ povo]

Outra etnia Txapakúra brasileira. O nome refere-se ao fato de que este povo era considerado inferior aos outros, portanto. O peixe cachorro é considerado pelos indígenas locais como sendo de péssima qualidade. Só se recorre a ele em caso de ausência de outro qualquer. Um povo caracterizado por comer habitualmente peixe cachorro estaria

sendo estigmatizado como “os comedores de porcaria”. Este nome moré refere-se à nação kuyubi, praticamente extinta.

49. [pa: ʔɔjam] - massa de mandioca com cinzas de ossos humanos.

(MF)

[elementos rituais, povo]

Os morés têm (ou tinham, não nos foi dada esta informação) uma festividade anual em que é ingerida uma massa de mandioca, cinzas de ossos humanos e ossos humanos moídos de ancestrais ou inimigos derrotados. A etnia Txapakúra brasileira referida por este nome teria, segundo um mito moré, sido marcadamente vencida pelos morés em uma batalha, em tempos ancestrais, e os ossos de seus líderes, transformados em massa ritual e ingeridos. Daí o povo ter recebido o nome “como massa ritual”.

50. [ʔɔrɔ: \ p^wirip¹ \ tɔ:] - povo que afugenta

(DESC)

É a autodenominação dos morés. Refere-se aos tempos de glória da nação moré quando, aguerrida, era temida pelas demais nações da região dos vales dos rios Mamoré e Guaporé.

51. [ʔɔrɔ: \ βaɲam] - povo do veneno, que é venenoso

(MF)

[veneno, povo]

Trata-se de uma subdivisão do povo moré, especializada na “medicina do mal”. O fabrico de venenos a partir de matéria prima da floresta é sua especialidade e, por isso, é gente temida. Confunde-se com os próprios venenos que produz e, segundo relato do informante principal, muitas vezes a eles se referiam os demais apenas como “veneno”. Hoje, conta com poucos representantes, já agrupados na aldeia de Monte Azul.

O mesmo padrão de atribuição de significados é encontrado em topônimos e outros nomes. Acredito que os exemplos dados já bastem para confirmar a idéia de que os protótipos metafórico e metonímico são passíveis de aplicação em qualquer língua, mas a determinação do tipo de substituição de indivíduo semiótico⁸⁵ que se está realizando, ou seja, em última análise, o conjunto de indivíduos que cada paradigma semântico comporta, somente pode ser culturalmente determinado. Assim, o que é uma metonímia para nossa cultura, pode não o ser em outra; o mesmo com a metáfora e outras figuras de substituição.

Isto é representado pelo exemplo 40, em que meu quadro referencial semântico coloca uma criança e um campo pegando fogo em paradigmas distintos, o que caracterizaria uma metáfora, mas que foi identificada como metonímia pelo informante, que agrupou os dois indivíduos semióticos em um único paradigma. A representação do estado do cosmo no momento do nascimento da criança em um paradigma singular, que estabelece uma relação de causa e efeito entre a criança e o meio que a rodeia, não pode ser interpretativamente desprezada, e somente pode ser culturalmente aferida.

Um aspecto a observar nos exemplos apresentados até aqui neste capítulo é a estrutura simultaneamente sintática e semântica que permite a realização das

⁸⁵ Nos termos apresentados no início do capítulo, conforme a teoria de Greimas.

figuras descritas. Se tomarmos como referência a idéia de que a metáfora e a metonímia são sempre substituições de um elemento por outro, e que estas substituições se dão em virtude de uma concordância semântica entre eles em um aspecto qualquer, estas figuras constituiriam obrigatoriamente sentenças com sintaxes de três elementos, nas quais, as relações temáticas seriam definidas a partir do elemento central, geralmente de natureza verbal, que atuaria como o estabelecedor da relação de concordância semântica, em uma estrutura que pode ser assim definida:

{ (primeiro termo) [(verbo) (segundo termo)]}

Desta forma, poderíamos identificar a estrutura de alguns dos exemplos⁸⁶ dados, a título de ilustração:

Exemplo 1: broto de bananeira (cabeça, ponta)

Sintaxe : {(broto de bananeira) [(ser) (cabecinha)]}

Exemplo 4: pamonha de mandioca (terra, papagaio, comer)

Sintaxe : {(pamonha) [(ser comido) (papagaio)]}

Exemplo 6: papagaio frontino (branco, asa)

Sintaxe : {(papagaio) [(ter) (asa branca)]}

⁸⁶ Os exemplos serão aqui dados em português, isto é, traduzidos, para facilitar a ilustração da estrutura e para evitar possíveis erros na montagem das frases em moré. Entre parênteses aparecem as traduções das partes da palavra moré. O número do exemplo é o mesmo de sua apresentação anterior no capítulo.

Exemplo 7: tucano (pequeno, espécie de fruto)

Sintaxe: {(tucano) [(comer) (fruto da espécie x)]}

Exemplo 18: pato selvagem (que está sobre as águas, flecha)

Sintaxe : {(pato selvagem) [(parecer) (flecha)]}

Exemplo 20: jaguatirica (caçar , arara)

Sintaxe: {(jaguatirica) [(fazer) (isto)]}

No caso específico deste exemplo, o significado, conforme comentário feito quando de sua apresentação anterior, seria mais propriamente representado pela sintaxe :

{(jaguatirica) [(agir como) (homem)]}

Esta sintaxe baseada em “agir como” enquadra também o exemplo 11 apresentado (falcão da campina).

Considerando que estas estruturas são estruturas de definição, poderíamos representá-las de outra forma plausível, a saber:

[isto é (_____)]

Assim, teríamos enquadrados nesta estrutura a título de ilustração:

Exemplo 12: águia do rio (lamber/ carne podre)

[águia do rio é (o pássaro que lambe carne podre)]

Exemplo 13: árvore de bibosi (que se tira, que se põe)

[árvore de bibosi é (a árvore que se despe como os seres humanos quando trocam de roupa)]

Exemplo 16: pássaro cozinheiro (encarnado, olho)

[pássaro cozinheiro é (o pássaro que tem os olhos iguais aos olhos da onça)]

Exemplo 21: corvina de água doce (areia, cabeça)

[corvina de água doce é (o peixe que tem pedrinhas na cabeça)].

De qualquer forma, seja qual for o enfoque ou o esquema de análise utilizado, vale ressaltar que ao estudioso caberá a compreensão do pensamento e da cultura do povo cuja língua está estudando. para que não incorra no erro de transferir para a língua estudada as figuras de sua própria língua nativa. É comum que o estudioso procure interpretar as relações semânticas de uma língua desconhecida a partir da tradução que ele consegue com os informantes. Há muitos problemas a considerar sobre isto:

a. nem sempre a tradução que o informante fornece é fiel ao que a língua dele quer expressar. Na maioria das vezes, o que o informante faz é uma interpretação do que ele sabe da cultura do pesquisador e tenta, com os recursos que domina da língua do pesquisador dizer nesta língua o que ele diria na língua dele, informante. Assim, muitas vezes fui surpreendido pelos informantes ao perceber que as traduções que eles me apresentavam como “literais” eram, na verdade, interpretações sobre como se diria aquilo em português;

b. as concepções sobre o mundo em uma cultura dificilmente serão as mesmas em outra. O choque entre essas concepções entre nossa cultura ocidental e a cultura “ocidental” dos indígenas amazônicos é descomunal. Cito como exemplo um fato descrito por H. Ramirez, durante suas atividades letivas junto ao CEPLA⁸⁷, sobre o ye-pâ-masa, língua já citada anteriormente nesta dissertação. Nesta língua, todos os nomes de vegetais são abstratos. Não há o abacate, a manga, o abacaxi, etc., concebidos como seres em si. Todos os vegetais possuem nomes que não podem ocorrer sozinhos na língua, mas devem ser seguidos de um outro nome (que o pesquisador chama de “nomes dependentes”). É este nome dependente que dá “forma” ao ser vegetal abstrato. Assim nós teríamos, em uma tradução aproximativa, uma estrutura como “a parte roliça de um ser abstrato ao qual chamamos vegetal abacate”, para designar a fruta; “a parte retilínea de um ser abstrato ao qual chamamos de vegetal abacate”, para designar o caule do abacateiro; “a parte côncava de um ser abstrato ao qual chamamos de vegetal abacate”, para designar a folha do abacateiro, etc.. Isto é realmente muito difícil de compreender, para mim, ao menos. O foi também para o pesquisador francês citado, que demorou três anos para decifrar este “enigma” da língua e da cultura ye-pâ-masas, enigma que atrapalhava todo seu trabalho de interpretação das estruturas da língua. Este mesmo pesquisador morou dez anos entre os yanomamis, fala fluentemente a língua yanomami e assevera que ainda não compreende bem certas partículas nela presentes. Realmente é muito complicado decidir sobre fatos de uma

⁸⁷ O pesquisador é professor visitante da Fundação Universidade Federal de Rondônia e atua junto ao Cepla, o centro de pesquisas que citei na Introdução deste trabalho.

cultura alheia, simplesmente porque o normal é que partamos de nossas próprias concepções do mundo para estas decisões.

Em muitos casos que apresento aqui, eu teria uma outra interpretação pessoal sobre qual exemplo conteria uma metáfora ou uma metonímia. Com certeza meu leitor também discordará de muitas das classificações que apresentei. Mas eu, de forma alguma, poderia estabelecer que aquilo que meus informantes dizem pertencer a um mesmo grupo, aquilo que eles dizem ser contíguo, não o é, só porque minha lógica ocidental não aceita o exemplo como contíguo. Ao contrário, procuro manter rigorosamente a interpretação dos informantes. Minha intenção é mostrar como os morés enxergam seu mundo, para ver se sua língua reflete isto e, se reflete, como o faz. Ao mudar a interpretação de um dado, destruiria qualquer possibilidade real de verificar esta relação entre língua, cultura e pensamento.

c. muitas explicações apresentadas pelos informantes são muito mais complexas do que podem parecer à primeira vista. Muitas destas explicações somente podem ser compreendidas após um certo nível de entrosamento do pesquisador com a cultura pesquisada, sem o que, sua interpretação será mera ficção sobre a cultura alheia. Procuro, neste trabalho, evitar os dados confusos, as explicações complicadas ou aquelas para as quais nem mesmo o informante principal tinha boas explicações. E mesmo assim, nem sempre as conclusões a que se chega são óbvias.

5.3. NOMES IMOTIVADOS

Apresentamos a conceituação desta classe de nomes no início deste capítulo, e não a retomaremos aqui. Apenas lembramos que, para eles, os informantes não atribuem uma explicação semântica complexa, uma história ou um mito. Dizem apenas que “é o

nome, porque é o nome”. Caberia a um estudo histórico-comparativo (que não é o objetivo deste trabalho) a determinação da origem e do desenvolvimento evolutivo destas palavras, mesmo porque acredito haver entre os exemplos colhidos palavras com motivação parcial historicamente recuperável, mas desconhecida, hoje, pela maioria dos informantes da língua moré. Há de se observar, ainda, que o significado original de uma palavra, ou seja, aquele que se lhe atribui quando de sua criação, pode não ser o significado atual desta palavra na língua. A perda do significado original no transcorrer da história da língua é um processo lingüístico natural. De qualquer forma, porém, o interesse sincrônico é o de identificar uma carga descritiva clara na palavra, ou seja, saber se os falantes da língua conseguem reconhecer na palavra o porquê de sua forma e de seu conteúdo semântico. Dentre as muitas palavras tidas como imotivadas relatadas, eis algumas :

nome moré	nome português
1.[ʔotʰam]	inimigo (os informantes asseveram ser esta a palavra mais antiga da língua)
2.[məm]	fêzes (e, metaforicamente, ruim)
3.[piʝəʔ]	beija-flor
4.[təkʰ]	olho, semente
5.[ʔotinʰ]	mutum (ave)
6.[kʰinamʰ]	onça
7.[paɸəl]	jatuarana (peixe)
8.[patiʔ]	peixe (denominação geral)
9.[ʔitʰə:]	fogo
10.[βʷikʰ]	sangue
11.[munəɲ]	açúcar (geral)

12.[k ^x om]	água
13.[?up ^w ək]	cabeça
14.[se: me:]	jacaré
15.[?um]	mão

Observe-se que estas palavras são basicamente mono e dissilábicas, seguindo o padrão dos radicais básicos apresentado no capítulo 4. Entretanto, nem todos os nomes com uma ou duas sílabas têm sua motivação perdida na língua, como veremos a seguir.

5.4. DETERMINAÇÃO DE SIGNIFICAÇÃO DE NOMES ATRAVÉS DE MITOS E LENDAS:

Esta categoria de nomes (que chamarei míticos) tem seus significados explicados em função de mitos ou lendas do povo moré. Sua significação nem sempre é clara, mas as histórias que os acompanham são bastante reveladoras a respeito de aspectos culturais deste povo. Dentre os nomes colhidos, foram apresentados como tendo origem mítica os seguintes :

nome moré	nome português
1.[?ari: ji:]	arara macau
2.[?iram]	açaí
3.[mara: ?aj ?ul]	paturi
4.[?ipik ³]	seringueira

5.[maβ ^w in]	urucum
6.[ri: tan]	banana
7.[tara: k ^x o:]	galinha
8.[tuk ^x o:]	castanha-do-Pará

Para cada um destes nomes há uma lenda ou mito que lhe explica o significado. Como meu objetivo aqui não é, exclusivamente, a narração de mitos e lendas morés, mas sua relação com a atribuição de significados, narrarei sucintamente apenas dois mitos, que se referem aos três primeiros nomes citados. Antes, porém, vale lembrar Posey (1984), que ressalta que a relação entre seres e seus nomes e mitos e lendas, muitas vezes, tem objetivos funcionais, como a preservação ecológica, a explicação de fenômenos naturais ou a preservação do próprio elemento humano diante dos perigos naturais. Vamos aos mitos :

O Açaí e a Arara

A mais bela jovem moré dos tempos ancestrais tinha por noivo o mais valente caçador, este cobiçado pelas outras moças da aldeia. Ao ele sair para uma de suas incursões pela mata e tendo-se ausentado já por alguns dias, o que não era habitual, um grupo de feias jovens da aldeia aproximou-se da noiva expectante e anunciou a falsa morte de seu amado. Desesperada e crédula, a jovem atira-se mata adentro, correndo em busca de seu amado. Dá a volta ao mundo, até que, exausta, desfalece e morre. Apiedado, Deus a ressuscita, transformando-a na palmeira do açaí (cujo nome é, portanto, feminino) .

Os dias se passaram e, finalmente, o valente caçador retorna à aldeia, quando fica sabendo do desaparecimento de sua amada na floresta. Perdidamente apaixonado, embrenha-se pela mata mas, como no desespero esqueceu suas armas, é

atacado por uma besta selvagem e morre. Apiedado novamente, Deus o ressuscita em forma de arara macaú (cujo nome é, portanto, masculino). O amor dos dois é assim perpetuado e seus nomes passam a ser os nomes da palmeira e da ave : [?iram] , a moça e [?ari: ji:] , o rapaz. Até hoje, quando o açai frutifica, a arara o busca e delicia-se em seus frutos morenos.

O Paturi

[mara: ?aj ?ul] significa “quer comer um pedaço do seu nariz”. Conta-se que em tempos ancestrais um pescador inescrupuloso quis comer sozinho todos os peixes do rio Azul. Mas, como eram muitos, ele comia um pouco e dormia um pouco, para descansar da refeição. Um bando de paturis, que se alimentam basicamente de pequenos peixes, aproveitando o sono do guloso, voou sobre ele e, com bicadas frenéticas e seguidas, dilacerou seu nariz, de forma que ele não podia mais mergulhar para pegar os peixes. Até hoje, graças aos paturis, há peixes no rio Azul. Mas eles continuam vigiando sempre, não somente o Azul, mas também os rios Mamoré e Guaporé.

A observação de Posey anteriormente citada aplica-se exemplarmente neste mito dos paturis, onde uma preocupação com o abuso na captura de peixes aparece de forma notável. O mito assemelha-se em ideário ao do curupira, guardião dos animais da mata, muito difundido no centro-sul do país.

Alguns desses mitos morés são contados em suas canções e transmitidos, assim, aos jovens, a cada festividade ou no cantar do dia-a-dia. O hábito de contar histórias em roda para os jovens da aldeia, parece estar desaparecendo em velocidade diretamente proporcional à da entrada do rádio nas aldeias morés.

5.5. NOMES ATRIBUÍDOS POR ASSOCIAÇÃO SONORA COM O SER NOMEADO :

Estes nomes guardam relações de similaridade sonora com o objeto ou ser que denominam, sendo que, em alguns casos, há também mitos e lendas envolvidos. Apresento alguns dentre os exemplos colhidos :

1. [tuk^xə:] - castanha- do- Pará

Este nome tem também fundamento mítico : conta-se que dois meninos perdidos na mata, um maior que o outro, quase a morrerem de fome, ganharam de presente de Deus um ouriço de castanha-do-Pará. Assentaram-se um de frente para o outro e abriram o ouriço, quando o maior percebe que dentro dele há alimento insuficiente para salvar os dois. Ele então quebrava as castanhas com um pedaço de pau e o barulho que fazia era “tu,tu,tu” ; depois, dava a castanha ao menor, que a comia e o barulho que ela fazia em sua boca, ao ele mastigar, era “kxé,kxé,kxé”. Daí o nome [tuk^xə:]. O menino menor salvou-se, o maior morreu de fome. Mas, no lugar onde seu corpo foi enterrado, surgiu a castanheira. Além da associação sonora, o nome é também uma metáfora que alude ao sacrifício de um pelo bem de todos.

2. [pi:] - espinho

Relaciona-se ao som imaginário da espetada com um espinho. A descrição feita por um informante foi esta : “é que quando a gente pega um espinho e espeta alguém, faz ‘pi’ ”.

3. [rə: tʰət' tʰət'] - espécie de coruja

O nome procura imitar o canto da ave.

4. [?i:] - espécie de falcão

O nome imita o piado fino, estridente e longo desta espécie de falconídeo.

5. [piφon] - galinha do mato

O nome tem relação com o som produzido pelo bater das asas deste pássaro, quando em fuga pela aproximação de algo que o assuste.

6. [βo:] - galega

O nome imita o canto desta espécie de pomba silvestre, muito apreciada como alimento entre os índios e caboclos da região.

7. [mε:] - carneiro

É o ruído característico atribuído à maioria dos ovinos, mesmo para um grande número de outras culturas. No moré, deu-lhes o nome.

Estas relações de sonoridade são dadas como explicação da significação destes nomes por todos os informantes, mas mesmo alguns desses informantes relutam quanto à fidedignidade entre o nome e o som real aludido. Veja-se que há uma relação de iconicidade, mas não entre a palavra e o som real, que em muitos casos seria problemática, uma vez que a língua não dispõe em sua estrutura fonética de todos os sons necessários para a “imitação” de certos sons animais ou de fenômenos naturais. Disto surge a necessidade de adaptação do som real ao quadro de sons da língua, como Saussure já notara, o que resulta em um som culturalmente aceito como representativo do som real e com o qual é guardada a relação de “iconicidade”, embora diferente do som real. Esta iconicidade é guardada, portanto, entre a “forma cultural” do som e a palavra.

5.6. DENOMINAÇÕES RESULTANTES DE EMPRÉSTIMOS E NEOLOGISMOS :

A despeito de sua tradição histórica de nação propensa ao isolamento, os problemas de conflito com outros povos, a questão da pacificação e conquista pelos bolivianos e o contato com outras nações, mesmo com os brasileiros, resultaram na assimilação pelos morés de palavras identificadas como casos claros de adaptação⁸⁸ lingüística. Estes empréstimos não são muito numerosos na língua, entretanto. Eis alguns encontrados :

nome moré	nome português
1. [?aru: su:]	arroz
2. [φət' ti: βa:]	fotografia, fotografar
3. [φət' jiti?]	máquina fotográfica
4. [k ^x api: ta? ']	autoridade branca (capitão)
5. [tətə: rə:]	doutor, médico
6. [naran sa:]	laranja

Note-se que estas palavras do moré derivam de vocábulos do espanhol, possivelmente do espanhol falado pelos “pacificadores”, o que torna bastante difícil a recuperação da forma fonética exata da palavra emprestada. As adaptações realizadas, entretanto, transformaram as palavras originais adaptando-as aos padrões morfofonêmico e fonético da língua moré.

⁸⁸ Entendo, aqui, por adaptação a aplicação das regras fonéticas e morfofonêmicas de uma língua às palavras emprestadas de outra língua, o que resulta em uma caracterização da palavra nos moldes da língua que fez o empréstimo.

Embora estes casos de empréstimo tenham sido detectados, os morés também criaram nomes para elementos de outras culturas com as quais tiveram contato e que são identificadas pelos informantes como “palavras novas”. Estas palavras são formadas a partir dos recursos da própria língua e da cultura diante das novidades dos outros povos. Eis alguns exemplos e seus significados:

7.[tə: t^hup' \ pi:] - de emendar \ espinho

(MF) agulha

[vegetal, instrumento]

Relaciona-se a forma do espinho à da agulha e acresce-se a função. A agulha é o “espinho de emendar”.

8.[β^wirik[?] p^win \ tək^xɔ: pati?] - pegar pela frente \ peixe

(MF) anzol

[atos humanos, instrumento]

Esta é a denominação de capturar ou enfrentar algum animal ou inimigo frente a frente. O anzol é o instrumento que pega o peixe pela frente, em contraposição aos outros métodos de pesca dos indígenas que, geralmente, pegam o peixe pelas costas (flechas e arpões) ou em armadilhas.

9.[?am' φək[?]] - que pega o caldo

(MN) colher metálica

[instrumentos]

É o nome de uma espécie de cuia pouco usada, que pode servir para pegar o resto de caldo de uma panela ou pote que uma cuia grande não consegue pegar.

10.[ʔik^xit']- “porque se fica valente com ele”

(MN) facão

[instrumentos]

Da mesma forma que em 9, há uma relação paradigmática entre o instrumento e o efeito que ele causa no ser que o usa, como se fossem ambos uma só coisa.

11.[p^wɔrip' \ timak'] - corre \ terra

(MF) automóvel, caminhão ou motocicleta

[atos dos seres animados, veículos]

O único veículo cultural e historicamente reconhecido pelos morés era a canoa, que não andava sobre a terra. Correr sobre a terra era considerada uma ação típica dos seres animados que andam sobre a terra, ou seja, homens e animais, e estes últimos, porque aprenderam a fazê-lo com o homem, segundo a mitologia moré. Este ato dos seres animados é relacionado ao instrumento/veículo, que anda correndo sobre a terra, mas que deveria fazê-lo impulsionado por algo ou alguém. Os veículos motorizados, porém, parecem andar sozinhos, por conta própria, sendo, por isso, tidos como animados. Uma tradução mais livre seria “que corre na terra como os homens e animais”.

12.[at^ʃi: ki: \ φuja: ni:] - moradia \ vento

(MF) ventilador

[maloca, aparelho]

O ventilador como aparelho de onde o vento sai é comparado a uma casa da maloca onde o vento mora. É a “casinha do vento”, como relatou um dos informantes.

13. [ʔoma: te: β^wɔki: βa: \ ʔoma: te: ja: βa] - lugar em que se
canta \ lugar em que se fala

(MF) televisor

[maloca, aparelho]

Novamente há uma relação entre o microcosmo da maloca e o aparelho, que é representado pelo nome do local de cantar e conversar da aldeia tradicional moré.

14. [jə: na: \ β^wɔki: βa:] ou

[β^wɔki:βa:] - casinha onde se canta

(MF) rádio

[maloca, aparelho]

[jɛ:na:] é mais do que uma casinha comum, é um esconderijo. Trata-se do tipo de casinhas que as crianças constroem, imitando as casas grandes da maloca, e que usam em suas brincadeiras, inclusive de esconder dos adultos. Também é o nome de um esconderijo de folhas e galhos que uma criança faz para assustar as outras no mato, ou pegar uma animal desprevenido. O rádio é comparado a esta casinha especial, onde “há” pessoas escondidas que falam e que cantam.

Como pôde ser notado, mesmo nos neologismos, a tendência de construção descritivo-figurativa dos nomes em forma de estrutura de definição e o processo de atribuição de significados mantêm-se inalterados. Há a influência dos valores culturais, que são o reflexo do pensamento moré, na língua. Esta, por sua vez, como instrumento de expressão desses valores culturais, acaba por estabelecê-los, repassando estes valores às novas gerações. Isto influencia o pensamento das novas gerações morés, o que é repassado à cultura e novamente à língua em um ciclo *ad infinitum*. Mas, sobre isto, uma pergunta poderia ser formulada: se há uma interinfluência entre pensamento, linguagem e cultura, interinfluência esta que acaba ajudando a confirmar os valores do pensamento e da cultura, bem como a própria língua, por que o pensamento, a cultura e as línguas mudam? A tendência não seria a estabilidade?

Seria, se a relação fosse de determinação. Tenho-me referido a uma influência. Esta influência está longe de ser uma determinação de um organismo sobre o outro. Pelo contrário, tanto língua como cultura e pensamento têm vida própria, que evolui

segundo fatores distintos cabíveis às suas naturezas particulares. Há *acidentes de percurso*, que também devem ser considerados, como influência de outros povos no contato intercultural. Enfim, tais mudanças são previsíveis, no sentido em que sabemos que haverá mudanças, mas não podemos saber quais serão, nem como se darão.

CONCLUSÃO

A hipótese da interinfluência entre cultura, pensamento e linguagem que propus comprovar no decorrer deste trabalho, fundamenta-se em alguns princípios básicos, a saber:

a. aceitação de que língua, cultura e pensamento são instâncias diferentes e independentes, no sentido que têm vida própria dentro de uma comunidade;

b. aceitação de que a cultura é desenvolvida em uma comunidade a partir do pensamento desta comunidade sobre seu mundo, ou seja, a partir da visão de mundo desta mesma comunidade;

c. aceitação de que a língua reflete os valores da cultura, por si sós, baseados no pensamento da comunidade, consistindo, assim, no maior instrumento de uma comunidade para a reflexão da cultura e do pensamento e para a preservação ou a modificação desta mesma cultura e deste mesmo pensamento;

d. aceitação de que este sistema de interinfluência que se forma é cíclico, ou seja, atua em uma via de mão dupla, sendo que há influência de uma instância sobre outra, mas não há determinação;

Procurei provar estes princípios da seguinte forma:

a. mostrando que a cultura moré é o reflexo de seu pensamento, de sua visão do mundo. Isto fiz ao apresentar a concepção do mundo moré, que é dividido em categorias, e a forma como os nomes da língua refletem essas categorias ao relacionar seres aos seus habitats, seres aos seus alimentos, seres de uma espécie a seres de outras espécies, etc.;

b. mostrando que estas conexões que os morés montam em sua língua são funcionais. Isto fiz ao demonstrar como os dados lingüísticos atuam em função de sua cultura e ajudam na formação do pensamento das novas gerações;

c. mostrando que a evolução do pensamento moré e sua aculturação têm dificultado para as gerações mais jovens a compreensão dos indícios de sua cultura presentes

na língua. Isto fiz ao longo dos comentários que teci no decorrer de todo o trabalho, falando da dificuldade de interpretar os dados colhidos e da necessidade do auxílio dos anciãos da aldeia para a compreensão do verdadeiro significado das palavras e das coordenadas presentes em cada uma, invisíveis aos meus olhos e já aos olhos de muitos morés jovens;

d. mostrando que uma interpretação semântica dos fatos de uma língua só é possível dentro do contexto cultural em que esta língua se insere, sem o que o pesquisador estará fadado a fazer “ficção científica” sobre a língua que estuda. Isto mostrei quando apresentei as diferenças entre a interpretação que minha cultura daria aos fatos e a que é realizada pela cultura moré.

Certamente, muitas objeções podem ser feitas sobre este trabalho, a partir mesmo de minhas concepções básicas de cultura, de pensamento, de metáfora e de metonímia, entre outras. A estas objeções poderia responder algumas que considero mais importantes.

Os conceitos que adoto sobre metáfora e metonímia foram longamente discutidos no decorrer da realização deste trabalho, não somente com meu orientador, mas com outros colegas de profissão. Como resultado desse longo trabalho teórico tiro a conclusão de que não consigo enxergar uma real incompatibilidade entre os conceitos que adoto e aqueles que são utilizados em teorias semânticas mais tradicionais, como o estruturalismo, por exemplo. Vejo neles a expressão dos princípios jacobsonianos de similaridade, para a metáfora, e de contigüidade, para a metonímia. Trata-se mesmo de uma abordagem quase-tradicional, que me pareceu muito adequada aos meus objetivos com este trabalho, como o provam os resultados obtidos.

Além dos problemas com os conceitos básicos, poderíamos levantar outras objeções como:

- a. por que iniciar o estudo de uma língua indígena pela semântica?
- b. o fato de que um informante tenha dito que algo é real torna este algo real?

c. o pesquisador tem conhecimento suficiente da cultura moré para tomar as decisões que tomou?

Estas possíveis objeções são pesadas e devem ser respondidas uma a uma:

a. o trabalho com a língua moré não foi iniciado pela semântica. Não vejo sequer como isto poderia ser feito. Os estudos com a língua moré seguiram um caminho bem tradicional (e seguro): primeiro a fonética, depois a fonêmica, depois uma fonologia mais avançada, depois uma morfossintaxe básica (quando os estudos já realizados já permitiam análises semânticas) e depois estudos aprofundados em morfossintaxe e semântica, estes dois últimos em andamento. Como se vê, o que ocorreu foi que o primeiro trabalho publicado sobre o moré foi uma fonêmica e o segundo (que é este) um estudo semântico. Os estudos com a língua, porém, não se iniciaram pelo “fim”, como se poderia supor pelas datas das publicações;

b. em nenhum momento uma afirmação isolada de um informante foi tomada como verdade absoluta neste trabalho. Como disse no corpo da dissertação, os dados foram testados e retestados várias vezes. As informações do informante principal foram várias vezes retestadas com ele mesmo e com outros informantes. Qualquer suspeita de dúvida ou contradição do informante descartou o dado automaticamente. Mais do que isso, porém, em uma situação como a que se encontra a língua moré, se não forem os anciãos a confirmar ou refutar os dados, quem o poderá fazer?

c. em nenhum momento, como pesquisador, decidi arbitrariamente sobre a língua moré. Como frisei diversas vezes no texto, a decisão final sobre um dado foi sempre a dos informantes. Se esta decisão era contraditória com outros dados da língua, era descartada do trabalho, guardada para estudos posteriores. Esta decisão de portar-me o mais imparcialmente possível acerca dos dados do moré reflete minha concepção de que um estudo semântico só pode ser feito inserido nos valores da cultura. Eu não sou moré e o que conheço da cultura é pouco, ainda. Logo, as decisões foram, necessariamente repassadas aos

informantes, em um trabalho que aumentou em muito o tempo exigido para resultados finais, mas que se demonstrou extremamente gratificante.

Quero ressaltar, agora, alguns aspectos do caminho percorrido até a conclusão deste trabalho com o moré. Da mesma forma como percorri esse caminho através da língua moré, poderia tê-lo percorrido com outra língua qualquer. Não creio que encontraria a resposta à interinfluência nos mesmos moldes que a encontrei em moré, mas certamente a encontraria. Passo, então, aos aspectos sobre a execução que merecem ser ressaltados nesta Conclusão, especialmente no que concerne aos estudos com línguas exóticas ainda não estudadas anteriormente :

a. a falta de referências anteriores para o estudo : é uma preocupação constante de quem faz um estudo qualquer sobre uma língua que suas conclusões sejam plausíveis dentro do quadro de dados que já se possui. A falta de referências anteriores (exceto o estudo de Angenot e Müller, que citei) provocou-me uma constante sensação de apreensão quanto ao que observava e às conclusões a que cheguei. Parece nunca chegar o momento em que se tem a informação suficiente para proceder uma afirmação, chegar-se a uma conclusão. Isto se dá, principalmente, por não haver parâmetro anterior de comparação em que se possa pautar uma decisão quanto a este ou àquele caminho a ser seguido nessas tomadas de decisão e soma-se à minha inexperiência como lingüista no início do trabalho, para fechar este quadro de insegurança e indecisão;

b. a desconfiança geral causada por este tipo de estudo: se é uma prática comum da Ciência desconfiar, no caso dos estudos com novos objetos , como é o caso das línguas indígenas ainda a estudar, e que era este caso, esta desconfiança chega a ser causa de constrangimento. Muito mais do que comprovar que os estudos realizados são verdadeiros, o cientista passa pela circunstância de ter que provar que ele mesmo é sério no que faz e que não escolheu o desconhecido para ter meios mais fáceis de passar por competente. Aliás, se a escolha fosse esta, o cientista estaria redondamente enganado. É

decididamente muito mais fácil passar por competente repetindo jargões de áreas de pleno conhecimento do que tendo que provar a veracidade do que é desconhecido. Senti isto de forma muito forte no decorrer do trabalho, principalmente quando procurava entrar na cultura moré e descobrir as relações entre a cultura e os significados atribuídos às palavras da língua. Um fato interessante que ilustra isto é a minha “descoberta” do mito referente ao nome moré da castanha-do-Pará. Algum tempo depois do registro da palavra, de sua análise fonético-fonológica e morfológica, ela era tida como uma das palavras de descritividade irrecuperável. Casualmente, comentei com o informante que a palavra era muito sonora (**[tukxə:]**), quando, para minha surpresa, ele começou a narrar o mito de origem da palavra, que explica que ela se baseia nos sons de quebrar e comer a castanha. Anotei os tópicos do mito e, euforicamente, procurei a equipe para contar a descoberta. Simplesmente não acreditaram em mim. A explicação era demasiadamente fantasiosa. Depois, fiquei sabendo que a equipe foi buscar o índio informante para que ele mesmo contasse, sem minha presença, a mesma história. Então a equipe acreditou... no índio;

c. a dúvida metodológica : decidir diante do desconhecido é, sem dúvida, problemático. Optar por uma formalização, então, um passo que parece sempre maior do que nossas pernas. Quando se entra em um estudo formal de um objeto desconhecido, a única coisa que se tem em mente é que os imprevistos da jornada serão fatais, se ocorrerem. Este dilema, aliás, segundo meu orientador, Prof. Rodolfo Ilari, não é privilégio dos indigenistas, mas é comum a “todo aquele que faz Lingüística, que é, afinal, uma ciência empírica voltada para dominar regularidades (que não funcionam de maneira absolutamente “produtiva”) de um processo extremamente complexo”.

Hoje entendo mais claramente a tendência mundial da Lingüística chamada Indígena, de proceder a estudos cada vez menos calcados em modelos teóricos excessivamente formais e abstratos, optando por estudos mais descritivos, quanto menos conhecidas as línguas em questão. Também é fácil entender a predominância do

Estruturalismo clássico nos primeiros trabalhos com línguas desconhecidas. Isto está pautado possivelmente neste sentimento, mesmo dos mais competentes pesquisadores, da presença de quase intransponíveis acidentes de percurso. Disto surge um outro dilema terrível, que parece ser comum a muitos cientistas com os quais conversei durante esta jornada e que trabalham igualmente com línguas indígenas: se o trabalho é muito informal, embora significativamente descritivo, seu autor ganha a aura de incompetente em formalizações; trata-se, na verdade, não de uma escolha, mas de uma necessidade. Se se aventura em uma complexa formalização e recorre a modelos teóricos de ponta, passa por precipitado, talvez incosequente, afinal, a língua é “desconhecida”.

Esses problemas, entretanto, devem ser, procuro crer, o tempero próprio de uma comida que, por não ter ainda dela experimentado, estranhei. Estes sentimentos e dúvidas, compartilhados por colegas pesquisadores acabam por ser a força motriz do trabalho, exatamente como na Física, gerando um movimento contrário e de mesma intensidade.

A perspectiva imediata que tenho com relação à complementação destes estudos com o moré é a continuidade dos estudos com a morfologia e a sintaxe da língua, que já estão iniciados, para o procedimento de uma tipologia das demais categorias de palavras ainda não trabalhadas, o que permitiria um estudo geral dos aspectos semânticos da língua, meu objetivo final. Este estudo geral servirá como referência a um estudo posterior que se pretende, que é a elaboração de uma gramática moré que abranja aspectos gerais de toda a língua. Tal gramática, aliada às demais de línguas da família Txapakura, também em fase inicial de elaboração, com exceção dos já mais adiantados trabalhos com os Pakaás-Nova, aponta para a possibilidade de pesquisas histórico-comparativas, quem sabe ao ponto da reconstrução do Proto-Txapakura, objetivo último do grande conjunto de trabalhos em execução, do qual este é apenas uma partícula.

Por fim, preciso terminar este trabalho dizendo que tive sorte, muita sorte, por dois motivos: o primeiro é que não tive um informante principal, tive um cúmplice. A participação efetiva de D.Manoel que, ciente do que estava fazendo, passou a fazer questão do registro da cultura de seu povo, fez com que muitos dos obstáculos previstos no início fossem facilmente suplantados. Seu exacerbado esforço memorial permitiu reconstruir momentos mágicos - para nós e para ele- de interação cultural, quando narrava mitos, cantava as inúmeras canções, fazia gestos, levantava-se empolgado e desenvolvia uma coreografia fascinante com pequenos lápis coloridos em suas mãos. Foi muitas vezes emocionante e produziu em mim uma forte convicção de que é possível resgatar muito daquilo que se achava estar perdido. O segundo, é que não tive um mero orientador, tive um orientador-amigo que, mesmo à distância, teve tato, disposição e conhecimento suficientes para propiciar-me o aprendizado adequado e garantiu um resultado final que suplantou minhas expectativas quanto ao meu mestrado.

Finalmente diria que, embora introdutório, além de comprovar a hipótese da interinfluência entre linguagem, cultura e pensamento e de revelar coisas importantes sobre a língua, o pensamento e a cultura morés, muito mais do que isto, este trabalho ensinou-me a enxergar o mundo de uma forma um pouco menos etnocêntrica. Os estudos com línguas indígenas têm esta dimensão humana. Somos levados a um outro mundo, a um mundo de uma minoria; somos levados a sentirmo-nos como das minorias (e quem não faz parte de uma delas é levado a refletir sobre esta nova posição) e convidados a compartilhar seus sofrimentos, dificuldades, soluções. Os estudos lingüísticos para mim hoje são muito mais do que árvores sintagmáticas ou figuras espectrográficas. Passam pelo ser humano e pela vida que a linguagem traduz. Por isso emociono-me com a linguagem; por que emociono-me com o ser humano. Isto não é fazer ciência passionalmente, entendida a paixão como um sentimento que pode criar parcialidades. Isto é fazer ciência para o fim a que se destina originalmente : o homem.

7. BIBLIOGRAFIA:

- ALSTON, W. P. (1990). FILOSOFIA DA LINGUAGEM. Rio de Janeiro, Zahar.
- ANGENOT, J. & MÜLLER, D. (1996). DOCUMENTAÇÃO DA LÍNGUA MORÉ: NOTAS DE FONÉTICA E DE FONOLOGIA. Guajará-Mirim, Centro de Estudos das Línguas Amazônicas.
- ARAGON, M. M. (1987). GUIA ETNOGRÁFICA LINGÜÍSTICA DE BOLÍVIA : TRIBOS DE LA SELVA. La Paz, Don Bosco, 1987.
- BAKHTIN, M. (1952-53). "Os Gêneros do Discurso" in ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- _____. (1929). MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM. São Paulo, Hucitec, 1982.
- BALÉE, W. & MOORE, D. (1991). SIMILARITY AND VARIATION IN PLANT NAMES IN FIVE TUPI-GUARANI LANGUAGES. Bull, Flórida Museum of Natural History, Biological Sciences, 1991.
- BLACK, M. (1954-55). "Metaphor" in JOHNSON, M. (ed). PHILOSOPHICAL PERSPECTIVES ON METAPHOR. Minneapolis, University of Minnesota Press, sd.
- _____. (1961). MODELOS E METÁFORAS. Trad. de ZAVALA, V.S. Madrid, Ed. Tecnos, 1966.
- BOAS, F. (1911). LINGUISTICS AND ETHNOLOGY. (Outras Informações não disponíveis)⁸⁹.
- CÂMARA JR. J. Mattoso. (1970). ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Vozes.
- CASTEDO, L.D.L. (1957). EL ITENES SALVAJE. La Paz, Ministerio de Educación y Bellas Artes, 1975.

⁸⁹ Este texto foi fornecido como material didático para discussão durante o curso de Mestrado. Não me foi possível conseguir os demais dados referentes à obra.

- COUDRY, M.I.H (1986). DIÁRIO DE NARCISO : DISCURSO E AFASIA. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- DIXON, R. M. N. (1971). "Um método de Descrição Semântica" in DASCAL, M. (org.) FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA LINGÜÍSTICA : SEMÂNTICA. Campinas, edição do organizador, 1982.
- DUBOIS, J. et alii. (1973). DICIONÁRIO DE LINGÜÍSTICA. São Paulo, Cultrix, 1989.
- FRANÇA, Ma. C.V.de (1993). FONOLOGIA SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DO BANIWA-SIUSI: UM TRATAMENTO NÃO-LINEAR. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCHI, C. (1977). LINGUAGEM - ATIVIDADE CONSTITUTIVA in Cadernos de Estudos Lingüísticos, jun-jul/1992. Campinas, Papyrus, 1992.
- GEERTZ, C. (1970). A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS. Rio de Janeiro, Zahar, 1978
- GERALDI, J. W. (1993). PORTOS DE PASSAGEM. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- GNERRE, M. (1985). LINGUAGEM, ESCRITA E PODER. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- GRASSO, D.E.I. (1982). LENGUAS INDÍGENAS DE BOLÍVIA. La Paz, Ed. Juventud, 1982.
- _____. (1985). PUEBLOS INDÍGENAS DE BOLÍVIA. La Paz, Ed. Juventud, 1985.
- GREEMBERG, J. (1987). LANGUAGE IN THE AMERICA. MIT Press.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. (1979). DICIONÁRIO DE SEMIÓTICA. São Paulo, Cultrix, 1990.
- HUMBOLDT, W. von (1836). ÜBER DIE VERSCHIEDENHEIT DES MENSCHLICHEN SPRACHBAUS. Berlin, reed. Darmstadt, Claasen and Roether, 1949.
- HYMES, D. H. (1961). LINGUISTIC ASPECTS OF CROSS-CULTURAL PERSONALITY STUDY. in B. Kaplan (ed.) STUDYING PERSONALITY CROSS-CULTURALLY. pp 313-59, New York, Harper and Row.

- _____. (1964). *LANGUAGE IN CULTURE AND SOCIETY*. New York, Harper & Row, sd.
- _____. (1966). *TWO TYPES OF LINGUISTIC RELATIVITY*. in W. Bright (ed.), *SOCIOLINGUISTICS*, Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. The Hague, Mouton.
- _____. (1974). *FOUNDATIONS IN SOCIOLINGUISTICS: AN ETHNOGRAPHIC APPROACH*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- ILARI, R. & GERALDI, J.W. (1992). *SEMÂNTICA*. Série Principios, São Paulo, Ática.
- JENSEN, A.A. (1988). *SISTEMAS INDÍGENAS DE CLASSIFICAÇÃO DE AVES : ASPECTOS COMPARATIVOS, ECOLÓGICOS E EVOLUTIVOS*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1988.
- _____. (1984). *O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA LÍNGUA WAYAMPLI*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Unicamp.
- KROEKER, B. (1982). *ASPECTOS DA LÍNGUA NAMBIKUARA*. Brasília, Summer Institute of Linguistic.
- LAKOFF, G. (1982). *CATEGORIES AND COGNITIVE MODELS*. University of Califórnia of Berkeley, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1968). "O uso das Plantas Silvestres da América do Sul Tropical" in *SUMA ETNOLÓGICA BRASILEIRA*. Edição Atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis, Darci Ribeiro (editor) et alii, 1987.
- LOBATO, L. M. P. (org) (1977). *A SEMÂNTICA NA LINGÜÍSTICA MODERNA : O LÉXICO*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- LUCY, J. A. (1992) *LANGUAGE DIVERSITY AN THOUGHT*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LYONS, J. (1963) *STRUCTURAL SEMANTICS. AN ANALYSIS OF PART OS THE VOCABULARY OF PLATO*. Oxford, Blackwell, 1963.
- _____. (1968) *INTRODUCTION TO THEORETICAL LINGUISTICS*. Cambridge, Cambridge University Press, 1968; trad. fr. *LINGUISTIQUE GÉNÉRALE. INTRODUCTION À LA LINGUISTIQUE THÉORIQUE*. Paris, Larousse, 1970.

- MARTINEZ, P.P. & CARVAJAL, J.C. (1985). ETNIAS Y LENGUAS DE BOLÍVIA. La Paz, Instituto Boliviano de Cultura, 1985.
- MÜLLER, D. (1995). FONÊMICA DA LÍNGUA MORÉ. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- OLSON, D. R. (1991) THE WORLD ON PAPER: THE CONCEPTUAL AND COGNITIVE IMPLICATIONS OF WRITING AND READING. Cambridge, Cambridge University Press.
- PAYNE, D. L. (1978). PHONOLOGY AND MORPHOLOGY OF AXIMINCO (APURUCAYALI CAMPA). PhD Dissertation, The University of Texas of Austin.
- PÊCHEUX, M. (1988). SEMÂNTICA E DISCURSO : UMA CRÍTICA À AFIRMAÇÃO DO ÓBVIO. Campinas, Ed. da Unicamp, 1988.
- PINTO, M.J. (1977). ANÁLISE SEMÂNTICA DE LÍNGUAS NATURAIS : CAMINHOS E OBSTÁCULOS. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- POSEY, D.A. (1984). "Etnobiologia : Teoria e Prática" in SUMA ETNOLÓGICA BRASILEIRA. Edição Atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis, Darcy Ribeiro(editor) et alii, 1987.
- RICHARDS, I. A. (1936). THE PHILOSOPHY OF RHETORIC. Oxford. (Outros dados não disponíveis.)
- RODRIGUES, A.D. (1985). LÍNGUAS BRASILEIRAS. São Paulo, Loyola, 1986.
- SAPIR, E. (1921). "A Língua Como Produto Histórico : A Deriva" in A LINGUAGEM. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- _____. (1924). "O gramático e a Língua" in LINGÜÍSTICA COMO CIÊNCIA. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- SAUSSURE, F. de. CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL. São Paulo, Cultrix, 1987.
- SILVERSTEIN, M. (1980). COGNITIVE IMPLICATIONS OF A REFERENCE HIERARCHY. Paper presented at the Max-Planck-Institut für Psycholinguistik, Nijmegen, The Netherlands.
- _____. (1981). THE LIMITS OF AWARENESS. Working Papers in Sociolinguistics, no. 84, Austin, Southwestern Educational Laboratory.

- TAVARES, H. (1974). TEORIA LITERÁRIA. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.
- VIGOTSKY, L. S. et alii. (1934). LINGUAGEM, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM. São Paulo, Ícone/Edusp, 1986.
- WHATELY, R. (1846). ELEMENTS OF RHETORIC. 7 ed. Londres (outros dados não disponíveis)
- WHORF, B. (1939). LENGUAJE, PENSAMIENTO Y REALIDADE. ed Barral. (outras informações não disponíveis)⁹⁰.

⁹⁰ Idem nota 1.

ANEXOS

ANEXO I : FONES E FONEMAS DA LÍNGUA MORÉ

1.1. Inventário dos fones do Moré

CONSOANTES	bilab.	dental	alveolar	alv-pal	palatal	velar	glotal
Oclusivas presas	p ^ʔ		t ^ʔ	t ^ʔ		k ^ʔ	
oclusivas soltas	p		t	t̚			ʔ
oclusiva vibrantizada bilabial	t _β						
oclusiva labializada	p ^w						
oclusivas africadas				t ^ɟ		k ^x	
oclusivas nasais presas	m ^ʔ		n ^ʔ		ɲ ^ʔ		
oclusivas nasais soltas	m		n		ɲ		
oclus. nasal labializada	m ^w						
oclusiva tape			r				
fricativas centrais	ɸ β	ð	s z		ʝ		
ressoante lateral			l				
ressoantes aproximantes	w				ɟ		h

VOGAIS	ANTERIORES NÃO- ARREDONDADAS	CENTRAIS NÃO- ARREDONDADA	POSTERIORES ARREDONDADAS
ressoantes vocálicas fechadas	í	ɨ	u
ressoantes vocálicas semi-abertas	ɛ	ə	ɔ
ressoante vocálica aberta	a		

3.3. Inventário dos fonemas do Moré:

CONSOANTES	bilab.	dental	alveolar	alv-pal	palatal	velar	glotal
oclusivas soltas	p		t	t̥		k	ʔ
oclusiva vibrante bilabial	tʙ						
oclusivas africadas				tʃ			
oclusivas nasais soltas	m		n		ɲ		
oclusiva tape			ɾ				
fricativas centrais			s z				
ressoantes aproximantes	w				j		h

VOGAIS	ANTERIORES NÃO- ARREDONDADAS	CENTRAIS NÃO- ARREDONDADA	POSTERIORES ARREDONDADAS
ressoantes vocálicas fechadas	i	ɨ	u
ressoantes vocálicas semi-abertas	ɛ	ɔ	ɔ
ressoante vocálica aberta	a		

ANEXO 2: LEVANTAMENTO DOS FALANTES DA LÍNGUA MORÉ.

(Gentilmente cedido por **Geralda de Lima Vitor**)
(Projeto Integrado CNPq/UNIR)

	IDADE	SEXO	NOME	RESIDÊNCIA	PAÍS
1.	77	M	Antônio Tchitchom	Maloca do Rio Azul	Bolívia
2.	75	F	Polônia Mwem Tene	Monte Azul	Bolívia
3.	72	F	Pastora Masan Na Wok	Maloca do Rio Azul	Bolívia
4.	72	M	Nestor E Né	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
5.	67	M	Manoel Towa Sa E Paray	Monte Azul	Bolívia
6.	67	M	Leôncio Otcho Wan	Guajará-Mirim	Brasil
7.	66	F	Carmen Ato Itche	Maloca Kanada	Bolívia
8.	65	M	Modesto Tukut Tche Wom	Guayaramerin	Bolívia
9.	65	M	Mauricio Upi Na Mon	Monte Azul	Bolívia
10.	65	F	Lilia Turu Run	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
11.	64	M	Mariano Tutup Kinam	Guajará-Mirim	Brasil
12.	65	F	Marina Masa Riyo	Boca do Mamoré	Bolívia
13.	60	F	Pura Upweny Wana	Maloca do Rio Azul	Bolívia
14.	60	M	Alfredo Utip	Guajará-Mirim	Brasil
15.	60	M	Ugo He Iten	Guajará-Mirim	Brasil
16.	64	M	Rosendo To Ko Sani Ja	Maloca do Rio Azul	Bolívia
17.	63	M	Angelito Pwi Tchoro	Maloca do Rio Azul	Bolívia
18.	63	M	Raul Mwem Tok	Boca do Mamoré	Bolívia
19.	62	M	Guillermo Ram Kinam	Monte Azul	Bolívia
20.	60	M	Gustavo Mem Asim	Guajará-Mirim	Brasil
21.	60	M	Luiz Tom Taw	Monte Azul	Bolívia
22.	58	M	Hernán Tchitchom	Monte Azul	Bolívia
23.	55	M	Francisco Ze Ze Ikit	Monte Azul	Bolívia
24.	50	M	Rafael Awan	Monte Azul	Bolívia
25.	50	F	Sofia Tokon Tchat	Monte Azul	Bolívia
26.	50	M	Domingo Pwi Tchoro	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
27.	50	F	Blanca Pwi Ka	Monte Azul	Bolívia
28.	49	F	Matilda Tom Taw	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
29.	48	M	Bernardo Utip	Monte Azul	Bolívia

30.	47	M	Rubens Awan	Maloca do Rio Azul	Bolívia
31.	47	M	Ormando Tchi Wana	Guayaremerin	Bolívia
32.	47	M	Candelário Son Si Itche	Guayaramerin	Bolívia
33.	46	M	Alberto Leigue Ikit	Porto Velho	Brasil
34.	45	M	Edgardo Leigue Ikit ("Pwintchu")	Monte Azul	Bolívia
35.	45	M	Ponciano Leigue	San Lorenzo (Mamore)	Bolívia
36.	45	F	Inácia Utip	Monte Azul	Bolívia
37.	45	M	Sérgio Tchi Wana	Monte Azul	Bolívia
38.	45	F	Adélia Utip	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
39.	45	F	Josefina Turu Run	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
40.	45	M	Máximo Muneny Ikit	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
41.	45	F	Adelina Tukut Tche Wom	Guayaramerin	Bolívia
42.	44	F	Maria del Rosario Tutup	Guajará-Mirim	Brasil
43.	44	M	Ismael Leigue Pwi Ka	Guayaramerin	Bolívia
44.	44	F	Maria Ines Tchi Wana	Guayaramerin	Bolívia
45.	44	M	José Pedro Tchitchom	Surpresa (Guaporé)	Brasil
46.	43	M	Adolfo Utip	Guajará-Mirim	Brasil
47.	43	M	Manoel Sa É Ikit	Monte Azul	Bolívia
48.	43	M	Raul Mwem Tok Filho	Boca do Mamoré	Bolívia
49.	40	M	Anacleto He Iten	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
50.	40	M	Pastor Leigue Pwi Ka	Guayaramerin	Bolívia
51.	40	F	Maria Ze Ze Ikit	Porto Velho	Brasil
52.	39	M	Esteván Tchitchom	Maloca do Rio Azul	Bolívia
53.	39	M	Paulo Utip	Porto Velho [cadeia]	Brasil
54.	38	M	Oscar Tchitchom	Monte Azul	Bolívia
55.	38?	F	Ramona Ram Kinam Tom Taw	Santa Ana (?)	Bolívia
56.	37	F	Carmela Tchitchom	Guayaramerin	Bolívia
57.	36	F	Elena Blanco Masa Riyo	Trinidad	Bolívia
58.	36	F	Ermelinda Sa É Ikit	Monte Azul	Bolívia
59.	36	F	Aurora Ze Ze Ikit	Monte Azul	Bolívia
60.	36	M	Luiz Leigue Tom Taw	Vuelta Grande	Bolívia
61.	35	F	Delfina Tom Taw	Guayaramerin ?	Bolívia
62.	35	F	Hortênsia Tokon	Monte Azul	Bolívia
63.	35?	F	Melba Tchitchom	Santana / Puerto Siles	Bolívia
64.	34	F	Rosinda Sa É Ikit	Monte Azul	Bolívia
65.	34	F	Iolanda Tchitchom	Maloca Rio Azul	Bolívia
66.	32	F	Maricela Tom Taw	Guayaramerin	Bolívia
67.	32	F	Florinda Tokon	Monte Azul	Bolívia
68.	32	F	Felícia Ze Ze Ikit	Madalena	Bolívia
69.	30	F	Elisa Tom Taw	Monte Azul	Bolívia
70.	30	M	Ugo Aw Nari	Monte Azul	Bolívia

71.	30	F	Graziela Mwem Tok	Monte Azul	Bolívia
72.	30	F	Latênia Tokon	Monte Azul	Bolívia
73.	30	F	Maria Sa É Ikit	Monte Azul	Bolívia
74.	30	M	Cesar Ze Ze Ikit	Monte Azul	Bolívia
75.	30	M	Umberto Tom Taw	Monte Azul	Bolívia
76.	30	F	Rosa Tom Taw	Riberalta	Bolívia
77.	30	F	Rosinda Muneny Ikit	Santa Cruz de la Sierra	Bolívia
78.	29	M	Neri Ze Ze Ikit	Monte Azul	Bolívia
79.	28	F	Nilza Ze Ze Ikit	Monte Azul	Bolívia
80.	28?	F	Piedade Mwem Tok	Guayaramerin	Bolívia
81.	27	M	Carmelo Tom Taw	Monte Azul	Bolívia
82.	27	F	Eliza Tom Taw	Monte Azul	Bolívia
83.	26	F	Elza Sa É Ikit	Guayaramerin	Bolívia
84.	26	F	Tereza Ze Ze Ikit	Guayaramerin	Bolívia
85.	26	M	Celestino Rwajakuma Utip	Monte Azul	Bolívia
86.	25	M	Guillermo Ram Kinam Filho	Guayaramerin	Bolívia

Comentários sobre o Anexo 2:

Este anexo é resultado da expedição citada na Introdução e refere-se ao levantamento sociolinguístico realizado por Vitor. Como se pode notar, há muitos falantes morés dispersos em pequenos povoados ao redor de Monte Azul, além daqueles que vivem em cidades próximas.

Como apresentado na Introdução, apenas os morés da geração que hoje tem acima de vinte a cinco anos são falantes da língua. Este levantamento é um levantamento de possíveis informantes do moré, e não da população como um todo. Logo, nele aparecem apenas os falantes do moré.

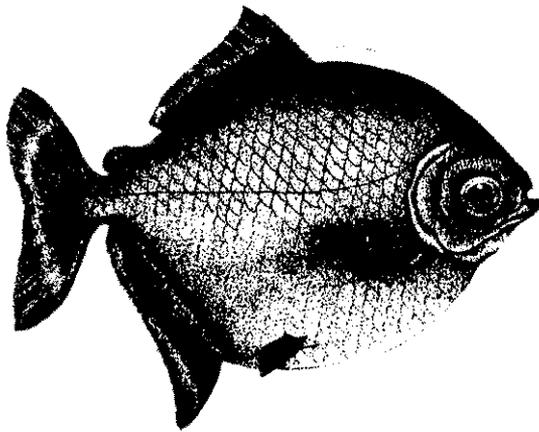
Todos estes índios morés são falantes fluentes do espanhol, mais precisamente de um dialeto ribeirinho do Vale do Guaporé-Mamoré, lado boliviano, que mistura um pouco de quíchua com espanhol. Esta foi uma das causas de nossa dificuldade inicial em traduzir o moré, uma vez que as traduções fornecidas pelos índios o eram em um

dialeto espanhol de difícil compreensão para nós. Isto foi superado com a ajuda de bilingües falantes deste dialeto e do português. Hoje em dia, o entendimento entre os informantes, principalmente o informante principal está bem mais fácil, uma vez que este melhorou muito seu português e os pesquisadores aprenderam um pouco do dialeto local do espanhol.

Anexo 3: Ilustrações de “famílias” de peixes amazônicos constituídas pelos morés a partir do critério de similitude física.

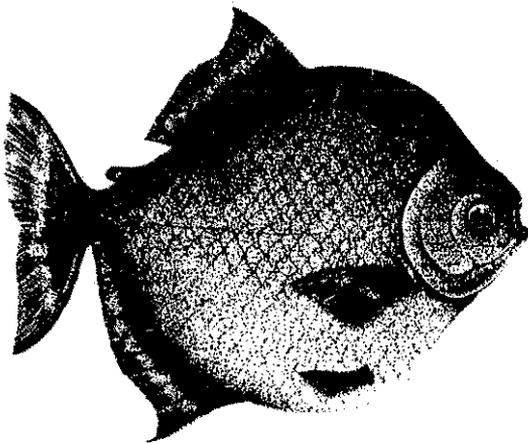
FAMÍLIA 1:

Figura 3



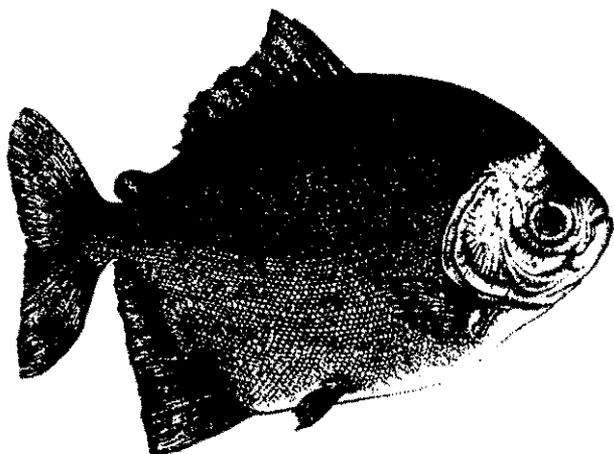
Milossoma duriventris (pacu)

Figura 4



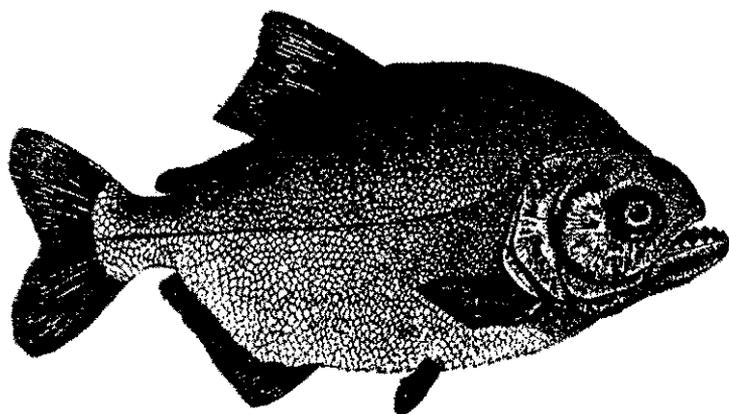
Myloplus asterias (pacu-prata)

Figura 5



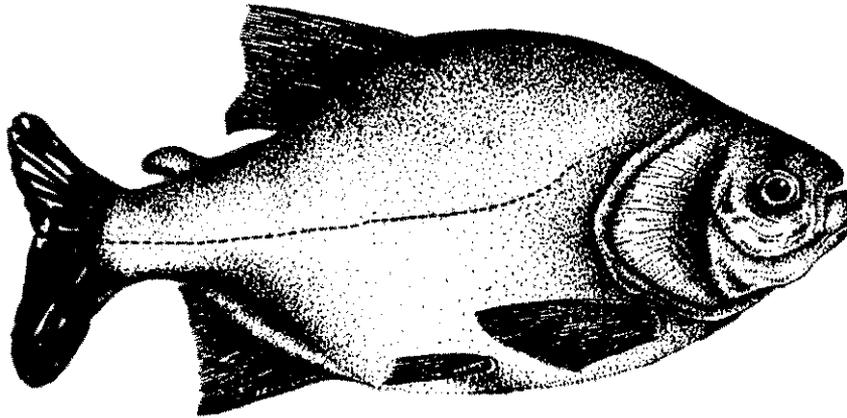
***Colossoma mitrei* (pirapitinga)**

Figura 6:



***Serrasalmus spilopleura* (piranha)**

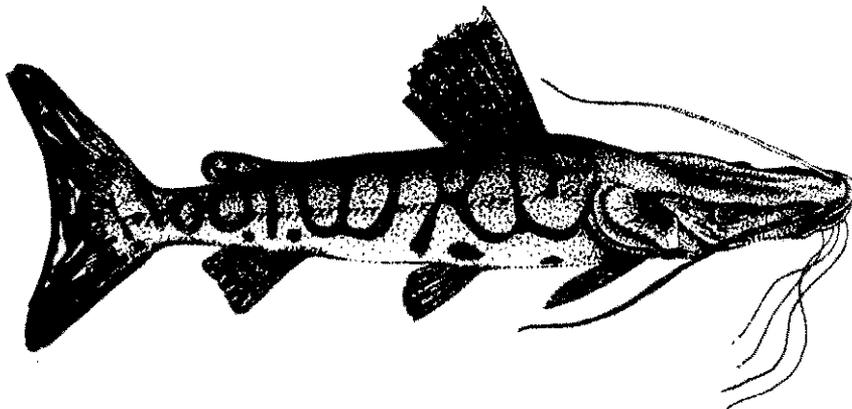
Figura 7



Colossoma macrapomum (tambaqui)

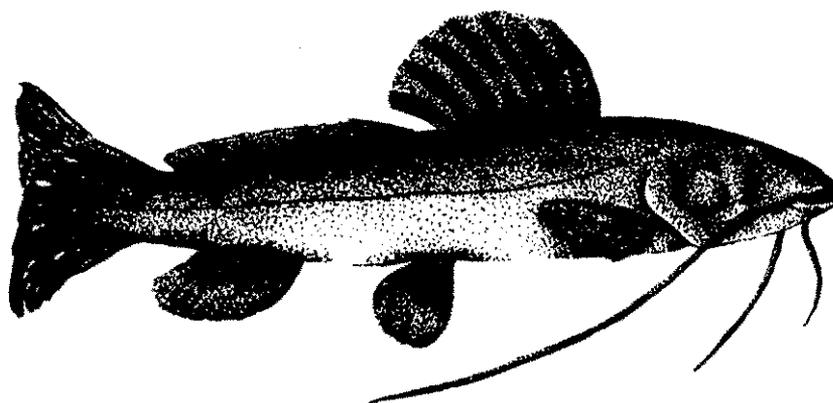
FAMÍLIA 2:

Figura 8



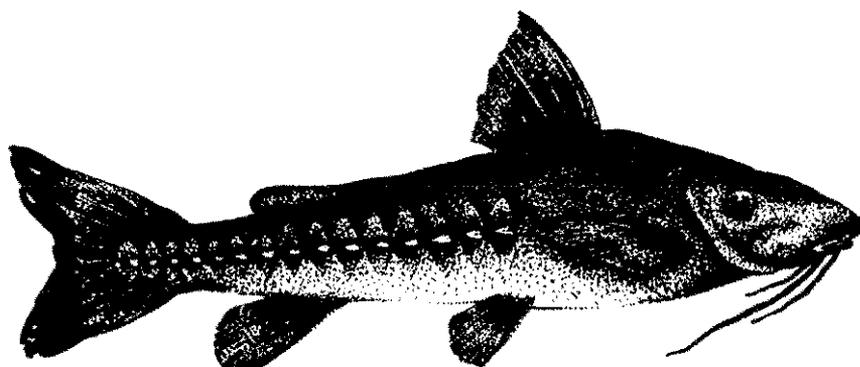
Pseudoplatystoma fasciatum (surubim)

Figura 9



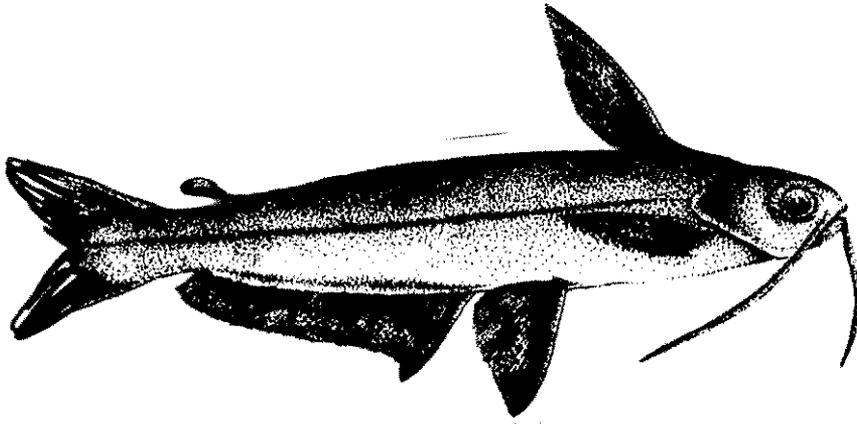
Rhamdia hilarii (bagre)

Figura 10



Oxydoras kneri (cuiú-cuiú)

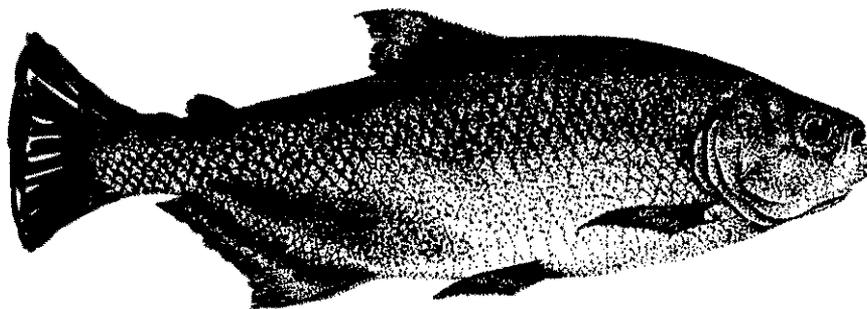
Figura 11



Auchenipterus nigripinnis (mandubé)

FAMÍLIA 3:

Figura 12



Hemiodus microcephalus (jatuarana)

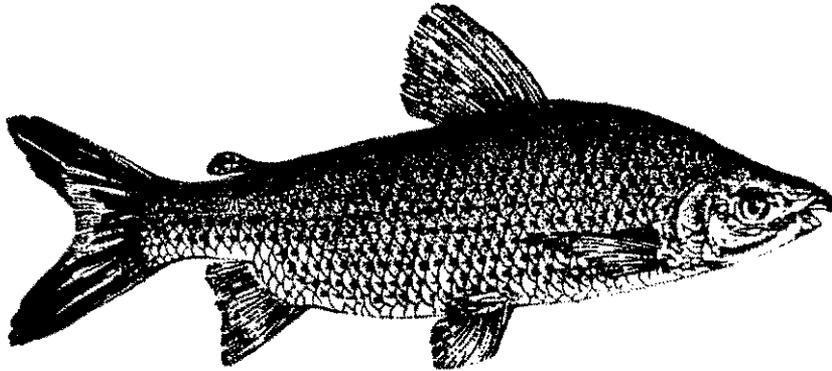
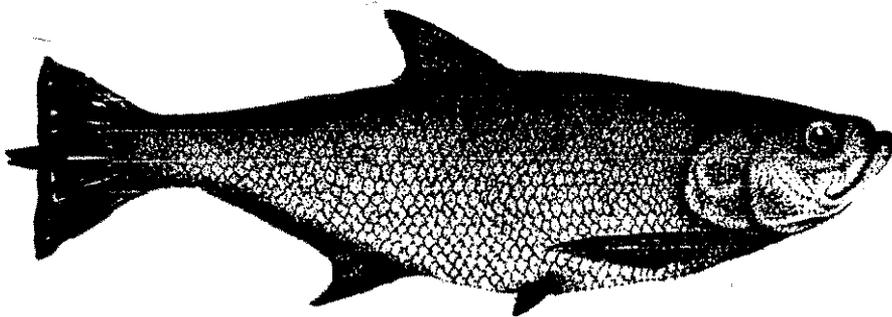
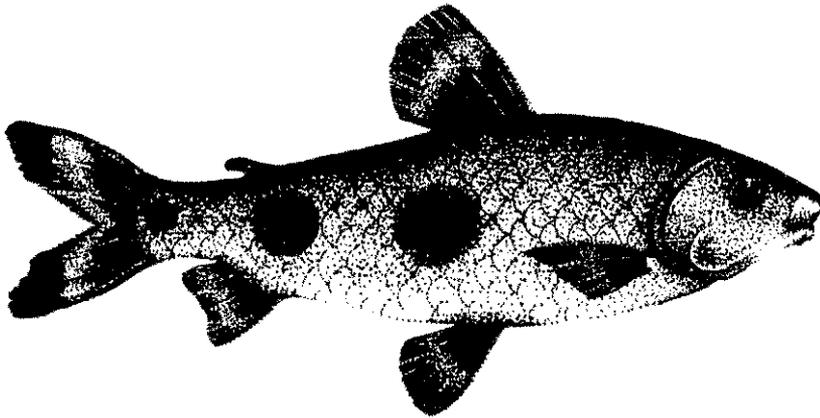
Figura 13***Prochilodus scrofa* (curimatá)****Figura 14*****Pellona castelnaeana* (apapá)**

Figura 15



Leporinus friderici (piau)